

Apêndice III
Quadro síntese das entrevistas realizadas

Quadro Síntese Entrevistas- Brasil

Unidade de Contexto – BE1

Categoria	Subcategoria	Unidades de registro
LDB	Apreciação	<p>... a LDB é uma lei que costumo chamar de antropológica, [...] O homem pensa em sua formação, e não a escola pensa no perfil e esse perfil deve formar o homem. Para a educação superior, a LDB é absolutamente aberta e flexível nesse sentido, ela abre um caminho. Eu diria que ela tem um outro paradigma em relação ao homem.</p> <p>...a LDB já previa essa idéia: o homem do presente não é mais o mesmo do século XX, do século XIX. Por força da tecnologia da informação, da velocidade no processamento da informação.</p>
Diretrizes Curriculares	Características	<p>...como elas estavam embasadas na LDB que é “antropológica”, que pensa numa formação mais flexível, elas saíram com esse novo tom. Por exemplo, extinguindo os chamados currículos mínimos, que eram iguais do Oiapoque ao Chui, para todos os cursos. Era uma obrigatoriedade e os cursos não podiam variar(...) Isso, no meu entendimento, é uma grande mudança, porque diretrizes curriculares pensam em currículos diferenciados, com a cor local, de acordo com as necessidades regionais.</p> <p>O novo das diretrizes é que cada curso, em uma universidade ou faculdade, tem alguns parâmetros, algumas diretrizes a serem seguidas, mas deixa o curso livre para o tratamento local, regional, de acordo com as idiossincrasias locais.</p> <p>O que as grandes linhas das diretrizes sugerem? Flexibilidade de formação. Outro ponto essencial: o curso tem que ser teórico-prático desde o início. Acho que as diretrizes nos ajudaram muito a revisitar todos os processos, a desinstalar algumas coisas.</p>
Diretrizes : aplicação na prática	Dificuldades gerais	<p>...faz uma grande revolução na educação superior brasileira. E revolução, muitas vezes, que ocorre apenas no papel e não de fato na sala de aula. Porque muitas vezes o que se observa, pelas experiências em Fóruns de Pró-reitores, visitas a outras universidades, o papel está muito bonito. O projeto político pedagógico está muito bonito, a matriz curricular bem desenhada. Mas a sala de aula ainda é muito centrada no professor, modelo antigo. E os cursos ainda operando naquele sistema, o chamado ‘três por um’: três partes do curso – teórico, teórico, teórico – e prático só no fim, que é a hora do estágio.</p> <p>[...] Isso significa que na nossa cabeça isso ainda não mudou, as práticas que vivenciamos ainda são muito calcadas no passado.[...] aconteceu que essas mudanças foram muito rápidas e nem sempre se deram na mesma dinâmica que o papel propõe e o que a ação concreta desenvolve. Vejo isso como uma questão fundamental, temos que mudar, mas ainda estamos muito marcados pela epistemologia do passado.</p> <p>...o cenário é esse: LDB, diretrizes curriculares e a dificuldade que colocá-las em prática.</p>
	Modelo pedagógico	<p>Está certo que nós não estamos fazendo muito bem a lição, até porque não sabíamos muito bem, a gente parte pra outro paradigma: não é centrado no professor, o sujeito pode fazer buscar,...</p>

	Organização do currículo	<p>... estamos trabalhando com inovação no currículo, há pessoas aptas, querendo fazer, já inovando. Acho que educação se move muito por esperança, nós temos que ter esperança de que é possível mudar, e não ficar desesperançados por todos esses problemas que tu vens constatando.</p> <p>...olhando regulações, LDB, diretrizes curriculares e todas as outras regulações que foram posteriores, nós temos que olhar pra elas, são referências importantes. Como o protocolo de Bolonha é para os países que assinaram o acordo. Vejo que elas têm boas intenções, principalmente a LDB. As diretrizes também são um primor, é toda a formação que se quer. A questão é como implementar e implantar, e estamos na dependência de profissionais que foram formatados, formados de outro jeito. Então teremos problemas nas matrizes curriculares, porque os sujeitos que vão mexer nessas matrizes são aqueles das “capitanias hereditárias”, como eu costumo dizer. E depois na execução, na sala de aula, a operacionalidade.</p> <p>Acho que esse é um dos grandes problemas de matriz curricular, porque às vezes a decisão dos colegiados não olha muito pra isso, mas que olha pra “capitanias hereditárias”, costumo dizer, pra distribuição de sesmarias. Eu tenho que dar essa disciplina porque eu fiz um doutorado, a disciplina é importante. E não para... quais seriam os pilares necessários para o sujeito ter uma formação, pra ele se virar bem no mercado? Pra ele se sair bem no mundo do trabalho, pra não falar em mercado... o que ele precisa e fim de contas.</p>
	Capacitação docente	<p>Então as diretrizes também conservam uma necessidade premente de capacitação de docentes para enfrentar esses novos tempos.</p> <p>O ponto mais recrudescido, o que menos quer mudar, as pessoas não querem mudar. O professor universitário tem muitas barreiras, em princípio. Ele está assentado em segurança, ainda mais com o advento de mestres e de doutores... ele recebeu aquela “capitania hereditária”, que é uma disciplina, que é uma ‘sesmaria’, e não muda de jeito nenhum.</p> <p>É preciso preparar um grupo de professores, é a coisa mais estratégica. Porque se tu pões um currículo novo na mão de professores que vão replicar aquilo que sempre faziam, eles conseguem. E ele vai ficar com o modelo do passado.</p> <p>...temos que constatar esperança nos talentos jovens. É impressionante. Os novos professores... eles já saem fazendo. Eles nem admitem pensar que alguém não esteja fazendo.</p> <p>Nós fizemos a capacitação de docentes novos. É obrigatório, no passado não era. Hoje o professor novo tem que fazer esse curso, de um semestre inteiro. Pra ter um alinhamento mínimo de posicionamento em relação à instituição, em relação à cultura institucional, à gestão universitária.</p>
	Flexibilidade no currículo	<p>Estamos trabalhando agora sobre as eletivas. Nós não pusemos optativas, porque optativas são várias dentro do currículo... o que acontece: o próprio curso criar as eletivas contraria a políticas das eletivas. A políticas das diretrizes é de que o sujeito busque em outras áreas.</p> <p>(os cursos) lançam essas disciplinas, que são aquelas que não precisam de pré-requisitos, e eles são obrigados a trabalhar com o colegiado de tal forma a acolher esses alunos. O campo maior é o de línguas estrangeiras.</p>

		<p>A próxima reunião será de banco de eletivas. Todos os diretores de colegiado vão levar duas, três disciplinas, ou nenhuma, já estão se inscrevendo. Serão disciplinas muito fortes, pra ofertar.</p> <p>Nós trabalhamos aqui com uma série de princípios que eles têm que seguir. Dentre outros, eles são obrigados a pensar em disciplinas que serão eletivas para outros.(...) Então a disciplina, na mudança, na segunda revisão curricular, já entra pensada como eletiva. E eles têm o maior interesse pra fazer isso porque nós precisamos botar aluno dentro da sala de aula.</p>
Diretrizes características	Modelo pedagógico	<p>Nós temos um mundo que cerca os jovens, as crianças inclusive, que é um mundo que informa diferente, não apenas com a figura do professor, o professor deixa de ser o centro. Necessariamente teríamos que ter um deslocamento para uma sala de aula diferente.</p> <p>[...] do ponto de vista epistemológico, os quatro pilares propostos por Jacques Delors, por exemplo. Será que nós estamos fazendo isso? Porque se fizermos isso, o aprender a ser, o aprender a fazer principalmente, eu estarei ensinando o sujeito a buscar o conhecimento, que não é mais só aquele que eu trago ou que ele busca nos livros. É outra ordem, o mundo tem outra ordem. Não passa necessariamente por cursos continuados. Volta pra idéia da importância dos patamares básicos, dos fundamentos... quais serão os grandes fundamentos? [...] Quais são os grandes princípios para os quais temos que olhar para formar o profissional hoje, a auto-aprendizagem, aprender a aprender.</p>
	Duração dos cursos	<p>Um dos grandes problemas que enfrentamos (foi a) redução do tempo de permanência da integralização dos currículos, a questão de formar um profissional muito mais generalista... esta palavra nos causava muito frisson. Eles diziam na Engenharia, por exemplo: não queremos formar um profissional de ‘meia colher’.[...] a crítica maior que tivemos, que tivemos que refletir sobre ela, é essa formação do profissional: com menos tempo e um profissional generalista.</p> <p>Como é que eu vejo isso tudo? ...Primeiro: uma visão sociológica, o país precisa de profissionais para o chamado desenvolvimento mais rápido da nação.(.....) Ele precisa de uma formação mais ágil, no tempo de formação. O país precisa, não de alguém que se forme em 5, 6 anos... à exceção de cursos como medicina, que sabemos que têm uma outra conformação. Nós temos que dar uma resposta como universidade quanto a isso. nós precisamos formar profissionais competentes e não apressar ou “aligeirar”. Mas não demorar muito tempo, é uma responsabilidade nossa.</p> <p>O desenvolvimento da nação precisa de profissionais, educação é algo fundamental. Nós sabemos e precisamos formar indivíduos capazes de ajudar a desenvolver o nosso país. E não com formações que não tenham muito a ver, muito extensas, como algumas do passado, que os meninos ficavam muito tempo retidos e desistiam. Esse não é o papel da universidade.</p> <p>Identificando os pilares (da formação) podemos conciliar uma formação mais abreviada sem ser aligeirada e com qualidade.(...) Isso seria, estrategicamente, a idéia que subjaz nas diretrizes ...nessa questão de tempo, aí vou entrar numa questão de mercado. Pensando em instituições público-privadas de ensino, mas as públicas também já vivem isso (...) os nossos concorrentes estão reduzindo o tempo de permanência. Então, nós vamos manter um curso de 5 anos, quando já existem</p>

		<p>outros, profissionais, aptos, competentes, de outros colegiados que viram que aquela formação é possível em 4 anos, que abriram seus cursos oferecendo em 4 anos? Esse é um argumento muito forte. Eu falo que as públicas também estão entrando nessa chave de lógica porque com o decreto (??) eles têm que fixar alunos. E será que fixa aluno com um currículo imenso, que o aluno chega na metade do curso e desiste? Não. Esse é um argumento também forte pra nós olharmos.</p> <p>E o outro argumento – vem antes inclusive deste – são as cargas horárias mínimas, já publicadas pelo Conselho Nacional de Educação, não para todos os cursos, para alguns. E muitos cursos de outras universidades já estão olhando para isto. Digamos, um curso com o dobro do tempo previsto, do que a própria carga do CNE prevê, será que ele é factível, sustentável? Será que o aluno permanecerá? Mesmo em pública.</p> <p>Existe uma palavra-chave, que está na pauta da maioria dos jovens, que é a palavra ‘facilidade’. Os jovens buscando facilidade em tudo(...) . Ele quer facilidade em tudo. Isso é muito ruim. A universidade está aí também para tentar contrapor. Mas, de qualquer forma, em um mundo em que isto parece que se instala com muita força, como é que nós vamos oferecer só dificuldades pra eles?</p> <p>O colegiado tem que se sensibilizar pra isso também, (relativamente à carga horária dos cursos) que é olhar pro cenário. Aprender a olhar pro cenário, acho que é fundamental em termos de gestão.</p> <p>Muitas vezes nós pensamos na formação do menino que vai sair, como nós estamos naquele momento. Dá a impressão de que o currículo nunca vai ser suficiente, porque nós vamos considerar que eles estão imaturos pra sair. E uma questão importante: olhar pro aluno e pra sua formação, e o cenário, o entorno.</p>
	<p>Perfil do profissional formado</p>	<p>... o aluno mudou, é outro, e as diretrizes nos forçam a, de fato, botar em execução o que pusemos no papel, que é o currículo mais flexível, mais centrado no aluno, que prevê atividades complementares, disciplinas eletivas, o aluno tem que buscar essa formação mais ampla, para competências exigidas no mundo do trabalho.</p> <p>Então, temos de entender essa formação de profissional genérico seriam os grandes pilares. E daí é que vem a dificuldade: descobrir que grandes pilares são esses em cada área. [...] Essa formação genérica, no meu entendimento, tem que ser desses grandes pilares. Quais são os grandes pilares capazes de fazê-lo sobreviver na sua profissão, quais são os fundamentos da área específica.</p> <p>(precisamos pensar na) Formação do profissional do mundo contemporâneo. Do presente e do futuro(...) É o que o mundo do trabalho está a exigir. Não é mais um profissional com o desenho que tínhamos no passado, que vai repetir o mundo taylorista, fordista. Não é esse o profissional. Então, eu não quero olhar exclusivamente para o mundo do trabalho, mas eu não posso desconsiderar.</p> <p>... esse espectro de competências que o profissional tem de ter, que vai muito além daquilo exigido no passado(...) esse profissional que vai ter que enfrentar o mundo presente e do futuro, é um profissional que exige conhecer-se a si mesmo, ter um bom relacionamento com os outros, saber criar, inovar, partilhar... porque esse mundo de acertos entre as pessoas é o</p>

		<p>mundo contemporâneo. As grandes empresas estão exigindo acordos de cooperação, por exemplo.(...)</p>
	Formação continuada	<p>Neste mundo de severas mudanças rápidas, e que a tecnologia nos informa rapidamente sobre esses novos saberes que se constroem, não há como ter a pretensão de a universidade, graduação, de conseguir formar o profissional pronto. É aquela idéia de que a cada 5 anos a formação zera. Não gosto muito dessa idéia, mas nos ajuda a pensar.</p> <p>Quais são os grandes pilares capazes de fazê-lo se movimentar bem na sua profissão e, com esses grandes pilares, buscar a sua formação para sempre, que é a formação continuada. Não adianta ele fazer um curso de extensão, curso de especialização, mestrado ou doutorado, se ele não tem os grandes pilares...</p> <p>E ele tem que sair da universidade sabendo que ele tem que se aperfeiçoar continuamente.</p>
	Avaliação	<p>O ENADE é estratégico pra nós. Porque por mais que venhamos a dar orientações para os nossos alunos, explicar pra eles o que é o ENADE, especialmente com os concluintes nós vivemos a situação de eles, às vezes, assinarem a prova, não se preocuparem. Esse, no nosso entendimento, é o ponto mais nevrálgico do ENADE.</p> <p>... ele faz uma prova, mas nem sempre tem o compromisso que deveria ter. Isso nos deixa vulneráveis., especialmente para as instituições privadas de ensino.</p> <p>...somos avaliadas – (...) por uma ferramenta, por uma modalidade, que nem sempre traduz o esforço que fazemos pra qualificar os cursos. O ENADE, então, eu teria essa crítica. (sobre a coerência das provas com as diretrizes curriculares) Sim, não há a menor dúvida. (...) Existe uma coerência sim.</p> <p>Muitas instituições sofrem com isso, o ranqueamento aparece na mídia logo e algumas instituições ficam como muito boas, que realmente são, e outras não tão boas... quando o esforço é grande.</p> <p>No outro, nós temos muitas restrições... muitas instituições sofreram muito e nós também, com comissões que vinham com a cabeça de instituições federais e queriam que fosse replicado aquilo que encontravam na sua universidade nas nossas universidades.</p> <p>As outras modalidades de avaliação, por exemplo, de cursos que estão agora sofrendo uma reavaliação, por mais problemáticas e frágeis que sejam as avaliações de cursos: avaliações da universidade, processo de reconhecimento dos cursos... vieram a sacudir os nossos cursos, acho que melhoraram muito os resultados de instituições que antes não tinham infra-estrutura adequada, não tinham biblioteca.</p> <p>As avaliações de curso pelas equipes de especialistas, ..., têm sido muito adequadas em um ponto que considero absolutamente estratégico que é o projeto pedagógico. Nós normalmente temos a melhor nota, o melhor conceito no projeto pedagógico de curso. Ai você poderia me perguntar: esse projeto pedagógico de curso está bom só no papel? Não, essa equipe de bons especialistas vêem a coerência entre aquilo que está no papel e o que os alunos e os professores estão dizendo. As boas equipes de especialistas têm feito isso. E têm feito de forma muito adequada.</p>

		<p>Sempre dizemos quando a equipe chega: queremos que avaliação seja feita pela coerência entre os documentos oficiais, o que nós dizemos no papel, e o que nós executamos de fato. A gente sabe que essa é a tônica exigida pelo Ministério para as equipes. Mas eu vejo que é um processo importante, quando vemos nossas avaliações muito boas nos projetos pedagógicos e sua coerência, ficamos muito satisfeitos. Em infra-estrutura também, tivemos um trabalho muito grande no sentido de capacitar com laboratórios, faz rampas pra deficientes, elevadores. E também no corpo docente. Nós estamos com mais de 35% do nosso contingente em regime de tempo integral. Trabalhamos desde 2005 numa expansão do corpo docente em tempo integral, ultrapassamos o estabelecido que é 33,3%...</p>
Bolonha	Comparação princípios epistemológicos	<p>Acho que há princípios muito próximos. (...) os princípios epistemológicos. Essa fala mostra que eles são muito próximos e que eles estão muito preocupados... claro, com muitas diferenças.</p> <p>Mas nos pressupostos epistemológicos nós estamos muito próximos. A idéia do sujeito ajudar na sua própria formação, teórico-prático desde o início, autonomia do aprender, disciplinas não tão fechadas umas às outras, com cerca de arame farpado... as disciplinas trabalhadas mais em projetos...</p> <p>A idéia de que é preciso formar o homem contemporâneo, com autonomia no aprender porque o aprender não está só na sala de aula. O aprender está em outras fronteiras, os jovens vão procurar essas outras fronteiras. Esse ponto, autonomia do aprender. Muita ênfase no teórico-prático desde o início, está muito forte no protocolo de Bolonha,</p>
	Comparação Comparabilidade das disciplinas	Nós não temos essa condição de comparabilidade, até porque as diretrizes curriculares nos fizeram bastante diferentes. Faz-se validação de disciplina.
	Comparação – ECTS	É um diferencial do nosso.
	Comparação - propostas curriculares	Vejo que as novíssimas universidades brasileiras estão tentando andar muito próxima a Bolonha, embora já haja uma crítica dos próprios europeus em relação a Bolonha, A Universidade do ABC inaugurou muito próxima ao processo de Bolonha. Essa idéia de um básico, uma formação básica, o ciclo básico do passado. Um básico, o sujeito sai com um lastro e já sai com uma diplomação, determinada competência. A partir desse lastro ele pode fazer outras formações, num tempo maior de formação
	Comparação - Validação de experiências fora do ambiente escolar	<p>O que o aluno aprende fora da sala de aula, e o que ele pode agregar. Mas veja a diferença dos modelos, europeu, canadense ou norte-americano. O nosso aluno, cada vez mais tenho ouvido de profissionais, é aluno trabalhador. Cada vez mais ele trabalha de manhã e tarde e tem que estudar a noite. (...) Nós temos um outro sujeito que – nem sempre, não dá pra generalizar – não tem condições que um europeu tem. (....) Aí fica mais fácil computar essas horas. Ele está dentro da universidade. Está em laboratórios, está de fato dentro da universidade. Aí é mais adequado poder verificar que tipo de atividade... supervisionar, estar mais a par. Diferente da realidade brasileira.(....) Mas vejo que podemos caminhar nesse sentido. É coerente com a premissa do modelo. A idéia de que múltiplas aprendizagens não se dão apenas na sala de aula, sob a tutela de um professor.</p> <p>Temos, por exemplo, aluno com bolsa de iniciação científica, com aprendizagem fantástica. Nós não computamos para a graduação aquelas horas, computamos como atividades complementares, mas não dentro... eu diria que é algo que nós podemos em algumas áreas já avançar. É que nós estamos muito cautelosos diante do que pode e do que não pode, o que o MEC nos diz. Isso é importante? É, precisamos de referências. Mas ao</p>

		mesmo tempo ficamos retraídos diante de uma inovação importante que pode ser esta. Claro que o Brasil trabalha, e o MEC de maneira geral, com princípios, diretrizes nacionais, princípios que possam ser universais. Então, no momento em que eu só tenho alguns alunos bolsistas e eu não posso oportunizar aquilo pra todos, é complicado. Mas acho que a lei teria que avançar, os dispositivos, as regulações.
	Comparação Atividades Complementares	É um diferencial dos currículos novos, antes não tinha. É importante as pessoas entenderem isso, os alunos entenderem.
	Comparação Mobilidade	E pra eles não faz sentido um aluno que queira começar o seu curso em Portugal e depois ir pra Espanha e pra Itália, e a condição de trânsito desse aluno, de transitar seja dificultada. Esse acho que é um grande diferencial de Bolonha pra nós. Eles precisam romper essa barreira. Para romper essa barreira geográfica, existe uma tentativa – o protocolo de Bolonha é muito isso – de um processo de unificação(...) a chamada comparabilidade. ...eles buscam, não uma unificação, mas uma unidade maior para poder fazer a comparabilidade.
	Comparação Duração dos cursos	...vi que a preocupação deles é sair direto da graduação já para um doutorado. Eles estão realmente preocupados com redução de tempo.(...) preocupação extrema com não reter muito tempo o sujeito. Além de não reter, não deixar o sujeito evadir. Reter, melhor dito, e evitar que o sujeito evada. Uma responsabilidade muito grande com o sujeito que entra, porque na maioria das vezes são universidades públicas, subsidiadas pelo Estado.
	Comparação Modelo pedagógico	...quanto à metodologia por problemas, a gente sabe que em termos brasileiros, algumas instituições que adotaram, que retiraram o sistema disciplinar, tiveram um tempo muito mais alongado de formação, um modelo que teve a Holanda também. Mas não ouvi, eles já devem ter feito suas adaptações, eles trabalham muito em metodologia, o PBL. A experiência européia mostra que o mundo mudou, que não é possível mais trabalhar como trabalhamos. Está muito mais no aprender do que no ensinar.

Unidade de Contexto – BE2

Categoria	Subcategoria	Unidades de registro
Currículo Mínimo e Diretrizes Curriculares	Comparação	O currículo mínimo é um conjunto fechado de disciplinas obrigatórias estabelecidas pelo CFE com caráter obrigatório para todo o Brasil. Já as diretrizes permitem às IES uma grande flexibilidade na tradução das orientações gerais por meio dos projetos pedagógicos, por sua vez, vertidos em propostas curriculares. As orientações devem ser seguidas, mas suas traduções se adequam aos distintos contextos de um país federativo, continental e diverso.
Extinção C.Mínimos	Elementos internos	Os primeiros se devem ao crescimento de professores com pós-graduação stricto sensu. Eles, uma vez atualizados e em processo constante de atualização. entendem que um CM pode significar uma camisa de força em face das alterações que os conteúdos vão sofrendo dadas as publicações e eventos que assinalam o avanço do conhecimento.
	Elementos externos	Os fatores de origem externa se ligam ao crescimento do princípio (nem sempre bem interpretado) da equidade, em nome da adequação a fatores regionais e de perfil de clientela . Para muitos ele viria substituir a igualdade. Pessoalmente não comungo com essa dicotomia e nem Aristóteles...
Diretrizes	Modelo pedagógico	Trata-se de sair do âmbito restrito, ainda que indispensável, das disciplinas para uma abertura epistemológica ao parentesco com as áreas afins. Permitem também um aprender do princípio metodológico do continuar a aprender, a pesquisar e a se atualizar. As diretrizes supõem a sala de aula, mas consideram a importância das "salas de aula" ampliadas pela EAD, pela valorização do conhecimento gerado pela experiência entre

		outras coisas.
	Caráter da formação e duração dos cursos	Não necessariamente. Com efeito, as diretrizes supõem um perfil de estudante que já aprendeu e já cursou, com qualidade, a educação básica. Supõem também a necessidade de continuar a aprender, pesquisar e se atualizar pela formação continuada. Certamente uma leitura minimalista, do tipo Acordo de Bologna, aponta para um generalista, com duração de 2 anos na formação inicial e que deve ser complementada permanentemente pela formação continuada na inserção profissional do indivíduo. No caso do Brasil, considero um curso superior com menos de 3 anos um atentado ao caráter de diploma profissional que a IES gera na graduação.
	ENADE	O ENADE tem como horizonte as diretrizes, mas as IES não quiseram ou não souberam traduzir as DCN a não ser por meio das disciplinas tradicionais ou, no máximo, por alguns eventos somativos e esporádicos no sentido de ampliar a sala de aula. Daí as assintonias.

Unidade de Contexto – BE3

Categoria	Subcategoria	Unidades de registro
Currículos Mínimos e Diretrizes	Comparação	Creio que as Diretrizes Curriculares tornaram mais flexíveis as opções locais para os currículos plenos; ao mencionar competências – mesmo na ambiguidade do termo – afastam-se da listagem de disciplinas e conteúdos como presentes nos Currículos Mínimos. Creio que favorecem um movimento mais dinâmico da universidade, em termos de perfis previstos para seus estudantes.
Currículos Mínimos	Fundamentos	Os Currículos Mínimos fizeram parte das políticas do governo militar e da sua visão nacionalista de estado. Por isso previam pouca flexibilidade para as diferentes regiões e culturas nacionais. Além disso, com uma base comum rígida de conteúdos seria mais fácil controlar a formação, inclusive na dimensão ideológica. Certamente conseguiram alguma unidade nacional e esta condição trouxe alguns ganhos; mas perdeu na condição de favorecer a diferença, típica de um país continental como o nosso.
Diretrizes	Construção	Creio que as diretrizes favorecem a possibilidade de movimento dos proponentes de um currículo; foram construídas com a participação da base acadêmica e discutidas de forma ampla com essa base. Certamente há limitações e divergências sobre seus formatos; mas não se pode atribuir a elas um caráter autoritário.
	Pertinência – perfil do profissional	Ocorre que o mundo do trabalho está em ebulição e é essa condição que afeta as decisões sobre quem profissionalmente formar. Inclusive porque as estatísticas apontam números significativos de egressos que acabam atuando em outras áreas que não a de sua opção inicial. E então, o que vale? Aí que as habilidades superiores têm mais valor do que conteúdos restritos e as Diretrizes, nesse ponto, são mais adequadas do que Currículos Mínimos.
	Aplicação - práticas curriculares	Entretanto não sei se as IES aproveitam de fato essa condição. Por estarem muito acostumadas a obedecer normativas, parece que pouco usam seus espaços de autoria e autonomia. Na minha opinião, as Diretrizes favorecem alternativas curriculares. O que ocorre é que nem sempre são estas aproveitadas pela base acadêmica. Nunca ouvi alguém dizer que não fez este ou aquele formato curricular porque as Diretrizes impedem... [o tempo de estudo e atividade fora da sala de aula] Deveria ser contabilizado como currículo. Mas não tem sido esta a postura usual na academia, pois dá trabalho encaminhar propostas dessa natureza. Precisa professores preparados para tal e pagos por estas atividades de acompanhamento. Além disso o PPP da IES e dos Cursos devem explicitar esse valor.
	Caráter da formação e duração dos cursos	...mencionei a nebulosidade do mundo do trabalho. Nesse ponto creio que nos cabe uma formação mais eclética. Quanto à duração, pode estar havendo um equívoco. Como se deu ênfase à

		educação para toda a vida, parece que ficou natural reduzir a formação inicial. Mas essa não pode ser uma condição universal; depende da área e da proposta de formação. Sem voltar a uma visão tradicional conteudista, precisamos de uma formação com uma relativa base teórica que ajude o sujeito a continuar aprendendo. Isso exige uma suficiente duração dos cursos de graduação. Mas vale registrar que qualidade de um curso não se mede por horas aulas! O que vale são as propostas de intervenção na informação que se exige do aluno e, para isso o tempo de estudo e atividade fora da sala de aula tem muito valor.
	ENADE	Não tenho acompanhado de perto o ENADE. Sua concepção foi muito interessante e a referência propositiva se afasta de um exame meramente conteudista. As avaliações externas são formatadoras das propostas curriculares, ainda que não seja esta a sua função original. Por isso é preciso estar alerta para elas, inclusive num processo de crítica construtiva.

Unidade de Contexto – BE4

Categoria	Subcategoria	Unidades de registro
Câmara de Gestão	Papel	[...] dar agilidade à muitas decisões internas, não levar pra um Conselho mais político, que era o Conselho Universitário. Então, por isso, [a aprovação de] todos os projetos pedagógicos, as questões que requerem mais agilidade dentro da universidade, é realizada neste órgão. A finalidade era essa: só de gestores da universidade, porque conhecem a universidade, teriam condições de tomar decisões melhores.
	Funcionamento	O trabalho até que flui bem, o que eu sinto é que na verdade os nossos conselhos são muito mais de referendo do que conselhos de debates, acho que falta nos nossos dirigentes, nos membros dos colegiados, um maior interesse para ler todas as matérias que são distribuídas, ou quem sabe mais tempo.
	Proposta de mudança	... hoje estou com a opinião um pouco contrária. Entendo que o Conselho de Gestão deva, inclusive, ser suprimido. ... como nós mudamos, estamos buscando política de descentralização na universidade, entendo que esse Colegiado deva ser um Colegiado em cada campus, e a universidade só ter um Colegiado, que é o nosso Conselho Universitário. ...a grande decisão, voltar pra ele [o Conselho Universitário] novamente: a questão de vagas, ou a aprovação de Projetos Pedagógicos, mas a discussão pode iniciar no campus, se tem um curso novo que o campus queira implantar... mas a decisão vem do Colegiado global.
Políticas	Científicas	Acho que a grande fraqueza da universidade está na parte mais científica, acho que na parte de ensino nós crescemos bastante, mas na parte científica, nesse tripé de ensino, pesquisa e extensão, nós ainda estamos fracos. ...percebo o quanto nós somos frágeis ainda no que diz respeito à parte científica. (...) Quando aparece a parte científica você quase não tem nada a mostrar. Mas eu quero registrar também que a partir dessa gestão nós começamos a mudar bastante o perfil, começamos a valorizar mais... nós valorizamos sempre muito o ensino e a extensão, em detrimento da pós-graduação, da pesquisa. E a partir do final da gestão passada, mais especialmente nessa gestão, nós conseguimos encontrar pelo menos um caminho, evoluiu muito essa questão dos grupos de pesquisa. Esse foi o período que mais cresceu e melhorou a universidade sob esse aspecto, mas ainda vejo que estamos longe do ideal, temos que continuar investindo forte. Nós temos um corpo docente titulado, a questão é foco. Nós não temos foco na pesquisa. ... a idéia inicial era de que três cursos de pós-grad de mestrado e um de doutorado estava bom. Mas eu acho que não, se nós quisermos estar num

		<p>mundo globalizado e na internacionalização das universidades temos que ter mais mestrados e doutorados. Se não vamos ficar muito frágeis em buscar cooperação. Podemos ter cooperação na graduação, mas as grandes cooperações acontecem hoje na áreas de pesquisa, através de redes.</p>
	Pedagógicas	<p>Nós começamos um trabalho de implantação dos projetos pedagógicos na universidade, e vem num crescendo. Fomos criando uma equipe, que vem cuidando da parte desse processo de desenvolvimento e melhoria dos nossos projetos pedagógicos.</p> <p>Mas eu creio que nós ainda temos falhas nisso tudo. Melhoramos muito, sem dúvida, com a criação do projeto pedagógico institucional, mas eu não vejo atitudes práticas, de gestão, de implantação daquilo que nós aprovamos. Não vejo um acompanhamento e uma avaliação da execução dos nossos projetos pedagógicos.</p> <p>[A Agenda Transformação e Compromisso] ...esse projeto de transformação, atendeu mais uma questão muito pontual, que foram problemas que nós tivemos, que começaram com problemas de outra natureza, mas que fizeram que fossemos forçados a rever toda a estrutura pedagógica. Eu ainda acho que podemos avançar mais nesse caminho, acho que muitos projetos estão distantes da realidade.</p> <p>... nessa nova era do conhecimento, eu diria que é extremamente importante você ser capaz de produzir conhecimento, produzir tecnologia. Para isso você tem que ter professores capacitados, professores bem formados, tem que ampliar tua base de professores com doutorado, mestrado. Não tenho dúvida de que o ensino não vai ser igual ao que as universidades praticam hoje. Daqui há alguns anos vamos ter um ensino completamente diferente, que vai estar mais na rede, na internet, na possibilidade das pessoas dizerem: 'eu quero estudar isso ou isso', as pessoas montam... eu acredito muito no futuro da educação continuada.</p> <p>Se nós queremos ter aquele professor que nós estamos falando, é fundamental a geração do conhecimento dentro do ensino presencial. Se não temos ensino presencial forte e professores capacitados - não só no sentido de dar boas aulas, mas capacitado no sentido de produção de conhecimento - nós não vamos avançar, nem no ensino virtual.</p>
Estrutura	Unidades Acadêmicas	<p>... as UnAs, visando a congregação de vários cursos em torno de uma unidade, como era de certa maneira o Centro. ... Eu percebo até alguns esforços, como as UNAs daqui, estão sendo institucionalizadas, percebo que algumas pessoas tentam movimentar e fazer com que haja todo um esforço de interdisciplinaridade, de vontade de trabalhar os vários aspectos do projeto pedagógico, ou seja, ensino, pesquisa e extensão.</p>
Cursos	Referenciais para criação	<p>O modo que a universidade privada pensa é completamente diferente da universidade pública. Ela tem que sobreviver, ser perene, pra isso depende de recursos que vêm dos alunos e não do Estado, do governo. Então você tem que pensar em um portfólio de cursos atualizados e tem que estar permanentemente olhando essas questões. Não adianta criar um curso que nós podemos considerar importante para a formação das pessoas, mas ele pode não ter mercado. Então hoje em dia você tem que pensar um pouco o que as pessoas estão querendo, e não o que a universidade quer impor.</p> <p>A Congregação de Cursos não tem autonomia para criar cursos. Na verdade ela procura manter o seu curso. Normalmente quem cria o curso são os dirigentes da universidade, que propõem um determinado curso.</p>
	Tipo de formação	<p>...dentro dos projetos pedagógicos [é necessário] trabalhar uma boa formação de base, uma formação humanística. (...)</p> <p>E aí nós sempre caminhamos no sentido de procurar dar essa formação, que muitas vezes pode ser mais importante que a formação profissional, num mercado como o do Brasil, muito irregular, em que 70% das pessoas que se formam não exercem a sua profissão... se ele tem uma boa formação de base ele consegue se adaptar à outras profissões. Acho que devemos persistir nisso, quem sabe ampliar, mesmo contra a vontade de muitos de nossos gestores de determinados cursos. (...) Você tem que produzir muito</p>

		mais conhecimento do que o que nós produzimos hoje na universidade, e aí é importante que os currículos permitam passar essas competências e habilidades para os nossos alunos.
	Inovação	Somos conhecidos por sermos empreendedores, inovadores, mas quando eu viajo e percebo o que é interdisciplinaridade, a convivência dos professores de vários cursos em conjunto, o que eles são capazes de criar cursos completamente diferentes, que não é de uma área(...) o ideal é que os nossos professores estivessem preparados, capacitados para gerar essas iniciativas de novos cursos. ... cabe aos professores, à congregação daquele curso, atualizar um pouco o seu curso. Mas não estou vendo criatividade suficiente para transformar o curso.
Congregações	Condições	No sistema brasileiro, ensino dominado em 80% por instituições que não são públicas, portanto, grande parte dos professores não tem tempo integral, muito menos dedicação exclusiva, tudo isso é mais difícil. A congregação muitas vezes é um negócio que não existe de fato, não há um forte envolvimento dos professores com o curso. ... é um problema do nosso tipo de universidade. No nosso, que é comunitária, é até um pouco melhor que a universidade particular propriamente dita. A gente percebe que há um esforço de poucas pessoas dessa busca de evolução e inovação.
	Preparo do aluno	Eu vejo que tu tens que preparar não só o professor pra isso, mas preparar a pessoa do aluno. Por que eu estou querendo fazer um esforço de ter uma semana, a cada abertura de novas turmas, de focar o aluno não só na universidade como um todo, mas acima de tudo, que ele está entrando em um processo de ensino diferente do que ele vinha tendo. (...)... no Brasil a grande maioria estuda no ensino noturno. Já pensou a dificuldade que esse país tem.
Bolonha	Visão	Bolonha foi resultado de uma vontade política depois de quantos anos de uma boa prática de União Européia? Foram anos de convivência na área econômica, aí entraram na área educacional. E os frutos estão começando a ser positivos. ... o sistema ACADEMIA poderia fazer isso, de tentar implantar um sistema de currículos que permitisse as pessoas a estudarem dessa forma, de terem facilidade de transferência. Mas pela situação política do Brasil, pela falta de vontade política de ter um projeto de educação nacional, eu vejo que nós vamos ficar pra trás nessa questão de... um tipo de processo de Bolonha.
Mercosul	Visão	Se pelo menos houvesse um Mercosul, mas o Mercosul está regredindo no meu modo de entender. [o acordo firmado] Foi, mas em revalidar cursos e não em unificar currículos. Isso não é inovador, é antigo. É apenas facilitar a validação, que é dificultado para outros países. Mas isso morreu, porque não está funcionando direito.
Universidade	Visão	No meu entender a universidade do futuro é aquela que poderá oferecer para o aluno aquilo que ele busca, de qualquer camada social, o que você tenha condições de oferecer pra ele, ensino de forma presencial ou à distância ou de forma mista, e acima de tudo possibilitar pra ele uma educação continuada. Esse é o principal desafio, especialmente fazer com que o nosso aluno consiga se vincular permanentemente à universidade nas questões de atualização(...) . E aí a base é a parte virtual.
Unisul	Visão	Nós tomamos muitas decisões de gabinete, somos muito eficazes em planejamento e somos péssimos na execução(...) eu falei algumas coisas mas acho que somos uma universidade melhor do que éramos. Não tenho dúvida, melhor do que éramos há 8 anos. Eu acho que sempre houve um problema, uma divisão entre gestão administrativa e gestão acadêmica. Uma preocupação excessiva com a gestão administrativa em detrimento da gestão acadêmica, por causa dos cuidados financeiros. Mas acho que estávamos errados. [...] Temos que investir cada vez mais na área acadêmica. Esses gestores têm que saber que

		<p>esse é o principal da universidade.</p> <p>(...) é importante também colocar todo um esforço tecnológico, de melhorias tecnológicas – aqui na Unisul é forte mas pode melhorar muito – a serviço desse grupo da área acadêmica. Se nós conseguirmos isso, nós vamos ser insuperáveis. Com o ensino à distância, com um bom ensino presencial, com uma produção boa científica, portanto conhecimento, também tecnológico.</p> <p>Melhoramos muito, tanto nos conceitos oriundos em provas que são feitas para concursos, como no ENADE, nós demos uma boa melhorada. Se continuarmos trabalhando vamos melhorar mais...</p> <p>... a mudança tem que ser tão grande, que tem que estar nos programas de capacitação. Tem que passar para o professor a importância da mudança do professor, (...) . Professor é o facilitador, fala pouco mas orienta o aluno, depois vai lá e examina, reorienta... e assim é que o aluno vai aprender.</p>
--	--	---

Unidade de Contexto – BE5

Categoria	Subcategoria	Unidades de registro
ProAC	papel	[...] de ter clareza nas suas políticas e nas suas diretrizes em relação a estes três aspectos (ensino, pesquisa e extensão) e exercer concomitantemente a supervisão. Por que o papel de supervisão? Porque se um órgão acadêmico se propõe a formular políticas, precisa supervisionar para que toda a organização se balize nesta ação direcionada pelo órgão que representa a autoridade acadêmica para a definição disso. E a supervisão nada mais é do que um feedback constante para que este desenvolvimento aconteça e de forma organizada e progressiva dentro das diretrizes estabelecida.
Política científica e pedagógica	referenciais	A universidade teve a sabedoria de muito antes do que a legislação exigisse, formular um PPI. E formulando este PPI, definiu os referenciais com que a universidade quer trabalhar, em toda a ação : na ação pedagógica, na ação científica, na interação com a sociedade. O PPI é o documento mais formal que explicita os grandes fundamentos e os referenciais. Este PPI tem como balizador a própria Missão, Valores e visão da Universidade. Então estes são balizadores do PPI e , dos referenciais da ProAC.
Políticas curriculares	referenciais	Nessa perspectiva, o currículo de um curso tem que estar alinhado a estes princípios todos. (o PPI , a Missão, os valores e a visão) [...] É muito mais coerente com a política da universidade, preparar o estudante para a vida, como cidadão: que se relaciona, que é capaz de buscar soluções para os problemas do entorno em que se situa, e como alguém que é capaz de se adequar às mudanças que a própria sociedade impõe: quer nas relações de mercado, quer nas relações de convivência com a mesma sociedade. Então o curricular é isso. Do ponto de vista de assegurar isto, a capacidade que o aluno deve ter de constantemente aprender tem alguns fundamentos do ponto de vista de formação. Então o currículo reflete este embasamento. E o currículo que desconsiderar fundamentos básicos que levam o aluno a ter a capacidade de pesquisar, a capacidade de compreender e interagir com a realidade, é um currículo defasado com os objetivos da universidade.
Agenda Transformação e Compromisso	pressupostos	Aqui merece um retrospecto de em que contexto este movimento surgiu na universidade.[...] Em cima do planejamento estratégico universidade visualizou que teria que ter mais agilidade nas adequações não só em relação a certos conteúdos curriculares mas em relação a ações que deveria empreender para projetar a universidade nesta nova fase. Então foi dentro de uma visão estratégica da universidade, que se preparava para reformular, não só os currículos de seus cursos mas também toda uma ação da própria universidade.
Criação, extinção de cursos	fundamentos	Se a universidade tem uma missão e um planejamento que vislumbra uma interação com o mundo e especialmente nas áreas de atuação , e no momento em que ela tem hoje sua abrangência ampliada, ela teve que rever os seus instrumentos de atuação de uma forma já mais sintonizada com este novo momento. Este é o balizamento que você faz, por exemplo, para extinguir cursos que pela sua concepção não acrescentariam do ponto de vista nova formação e criar outros projetos que pudessem atender não só a

		demanda, mas este novo momento.[...] E a universidade tendo um vocacionamento e diretrizes claras, então a criação de novos cursos tem que seguir este posicionamento que a universidade tomou.
Cursos	autonomia	É o curso que congrega o corpo docente e os profissionais das áreas que vai desenvolver estas diretrizes que mencionei. Se o curso não tiver capacidade de formular estes programas e estas propostas, não teremos uma congregação de curso, temos apenas profissionais recrutados e que possam apenas executar tarefas curriculares de um programa designado para eles. A universidade não trabalha nesta direção, a universidade trabalha no sentido de que as reformulações possam representar um alinhamento de seu corpo docente com os propósitos da universidade. E o curso reflete um elemento dentro deste contexto de propostas. A autonomia pressupõe maturidade de desenvolver os projetos e é fundamental pois eles é que vão desenvolver o currículo.
Docentes	Avaliação	Avaliação não é só para medir mas para detectar onde pode melhorar. O conceito e as diretrizes estabelecem que seja um elemento facilitador para o docente e para gestores de saber onde devem melhorar e corrigir as deficiências que a avaliação detectou.
Cursos	Visão de formação	A grande distorção do mundo do capital é exatamente não fazer uma distribuição justa desta produção. A universidade não tem que aprender só a sobreviver perante estes parâmetros, ela tem que aprender a sobreviver diante de que ele tem que desenvolver mecanismos que levem as futuras gerações a terem comportamentos diferentes. A produção do capital tem que ser um veículo de melhor convivência humana. Como a universidade, os cursos tem que ser adequados a esta situação: dando uma formação sólida, de valores que a universidade assumiu, e os valores transcendem a crise econômica, às disputas de poder, etc porque dão os fundamentos para que você possa estabelecer uma nova ordem de convivência....

Unidade de Contexto – BE6

Categoria	Subcategoria	Unidades de registro
Coordenação de Ensino	Papel	A Coordenação de Ensino, junto à Diretoria de EPEX, tem como papel “pensar” políticas e diretrizes para o ensino na Unisul, bem como promover a implementação de tais políticas e diretrizes.
Políticas pedagógicas da universidade	Referenciais	De maneira muito forte, (além da diretrizes curriculares nacionais) o maior referencial tem sido o próprio fazer pedagógico, ou seja, através de diagnósticos, nem sempre formais, é que se (re)pensou por muito tempo a política pedagógica da Universidade. A partir de 1993, com a formulação dos PPC, estas políticas têm sido pensadas também à luz da implementação destes projetos, através de avaliações, também nem sempre formais.[...] Avaliações externas também têm sido referenciais para políticas pedagógicas da Unisul.
Programa de Assistência Pedagógica	Origem	Todavia, mesmo que de modo nem sempre formal, esta avaliação mostrou a necessidade de se acompanhar mais de perto todo o processo de implementação dos PPs. Então, criou-se o programa de assistência pedagógica, o que tem gerado mudanças positivas ao processo ensino aprendizagem.
Políticas curriculares da universidade	Referenciais	O principal referencial e o legal, ou seja, as diretrizes curriculares nacionais. Todavia, há um forte referencial, nem sempre assumido, que está intimamente relacionado à competitividade, ou seja: a luta pela sobrevivência, “camuflada” pelo slogan da “excelência”, da inovação, da reputação, da criatividade, entre outros. Embora esta agenda [Transformação e Compromisso] tenha trazido muitas contribuições aos processos pedagógicos, bem como corrigido distorções, como, por exemplo, o tempo de duração de alguns cursos, extremamente longos; a compatibilização de disciplinas, as disciplinas institucionais, entre outros. Sem dúvida, foram altos os ganhos, todavia o que desencadeou o processo foi, novamente a competitividade, a saúde financeira, a sobrevivência. Ou seja, o pedagógico foi conduzido pelo administrativo e financeiro.
	Crítica aos referenciais	Em nome disso, por vezes, se perde a essência, que é a própria formação do aluno, futuro profissional. Pensa-se muito na “novidade” e se esquece

		dos fundamentos que são essenciais. Hoje, a Unisul, após intenso trabalho da Proac/DEPEX, vem travando uma luta para recolocar a importância de o formado ter o que é de essencial para sua profissão, ou seja, os fundamentos para que possa exercer a sua profissão, bem como mostrar-lhe a necessidade de formação continuada, ao longo da vida. É um começo.
	Diretrizes necessárias	Pensando esta questão num contexto mais amplo, como por exemplo, a celeridade com que surgem novos conhecimentos, entendo que a universidade não pode trazer para si, a responsabilidade de dar conta de tudo isso num curso de graduação, pois isso implicaria em cursos cuja duração seriam incompatíveis com as “urgências dos novos tempos”. Acredito que as universidades têm a responsabilidade de formar um aluno que possa concluir a sua graduação e exercer a sua profissão com qualidade. Para isto, o aluno deve ter acesso aos conhecimentos que lhe sejam fundamentais. Deve também inculir no aluno a necessidade da formação contínua, ou seja, que o conhecimento não se esgota naquilo que lhe foi oferecido; o novo nem sempre substitui o “antigo” porque o antigo em geral são os fundamentos para que se possa compreender o novo. Ao lado disso, também não se pode elaborar um currículo que esteja focado apenas em competências técnico-científicas, afinal a universidade forma cidadãos e esta formação exige o desenvolvimento de outras competências: ética, cognitivas, estética, entre outras. As próprias diretrizes curriculares nacionais sinalizam nesta direção ao incluir a necessidade da flexibilização curricular e as AACAs. Penso que se deve buscar o equilíbrio e não perder de vista o desenvolvimento das competências necessárias, para o exercício profissional e da cidadania
Cursos	Referenciais para criação, extinção e suspensão	A demanda serve tanto criação como para as outras duas situações. Entretanto, embora seja o critério que se utiliza para criação, ele se torna contraditório, pois não se faz uma avaliação cuidadosa da necessidade, da demanda para o curso. Assim se criam cursos que não são oferecidos por falta de uma demanda que justifique sua abertura. No caso de extinção ou suspensão de oferta este critério se aplica via de regra, embora, penso eu, também com distorções, quando se pensa no número mínimo de alunos para abrir uma turma. Parece, em algumas situações que mais vale deixar toda uma estrutura desativada a tê-la funcionando com um menor número de alunos.
	Fluxo para criação	As propostas de criação de curso se estruturam a partir do documento: Matriz para criação/reformulação de projetos pedagógicos. Em geral se estrutura uma comissão que elabora e apresenta um projeto, cuja idéia deve ser aprovada pela reitoria. Estando o projeto pronto, é encaminhado pelos proponentes a Diretoria de EPEX/coordenação de ensino que o analisa, tendo como embasamento: as diretrizes curriculares nacionais; o Projeto pedagógico institucional; e as diretrizes para criação/reformulação de novos cursos; e outras diretrizes institucionais. Após a análise se faz a devolutiva ao coordenador do projeto para que sejam feitas as adequações necessárias, após o que o projeto retorna à coordenação de ensino que o encaminha a Comissão legal para parecer. Em seguida o Projeto é encaminhado, junto com os pareceres da Comissão legal e da Diretoria de ensino e pesquisa; para a Câmara de gestão para ser aprovado.
	Alterações curriculares	Quanto às alterações curriculares, elas acontecem, como dito na questão anterior, basicamente por duas razões: a primeira de ordem legal, quando ocorrem mudanças nas diretrizes do curso; a segunda está relacionada aos interesses do curso e/ou instituição
	Autonomia nas questões curriculares	Vejo com preocupação pelas seguintes razões: - atualmente prega-se o discurso da multi-inter-transdisciplinaridade dos conteúdos, das disciplinas. Neste sentido a “autonomia” dos cursos nas questões curriculares pode deslizar para particularidades desnecessárias; para especificidades não tão específicas assim; para a “inovação” que facilmente se confunde com modismo. Isto provoca muitas vezes, a descaracterização do curso. Ou seja, com o objetivo de tornar um curso diferente, pode-se descaracterizá-lo, inclusive nas suas especificidades fundamentais. - Um outro problema que esta autonomia pode gerar é que se podem elaborar propostas curriculares para “determinados interessados”, ou seja

		<p>essa disciplina não pode faltar, pois é “minha” disciplina.</p> <p>- Uma outra questão é que dificultaria e muito o acompanhamento e a avaliação, tanto interna quanto externa, pois haveria a necessidade de critérios diferentes.</p> <p>Entendo que estamos num processo de amadurecimento que ainda não comporta decisões tão importantes e que afetam diretamente a formação de futuros profissionais. Acredito na autonomia “prudente”, atualmente representada pela flexibilização curricular. Aliás estamos vivenciando esta fase de transição, para quem sabe, mais adiante, darmos um passo a mais na direção de mais autonomia.</p>
	Avaliação da aprendizagem	<p>O princípio norteador é o da avaliação diagnóstica e processual. Este tipo de avaliação exige uma série de mudanças no processo ensino aprendizagem: metodologias de ensino, recursos didáticos, instrumentos de avaliação. Mudar leva tempo. Mas existe todo um trabalho voltado para a compreensão e adoção deste princípio, lá na sala de aula e já avançamos bastante. Entretanto ainda estamos longe de atingir este princípio como um todo, pois além de ser difícil atingir todos os professores, é também árdua a tarefa de mudar a cultura da avaliação pontual; da metodologia do “foi assim que aprendi”; “assim é que meus professores ensinaram”; difícil também é fazer com que o professor compreenda que a avaliação está faz parte de um contexto onde se articulam: PPI, PPc, Perfil do profissional a ser formado, objetivo da disciplina no curso. Concluindo, adotar a avaliação processual e diagnóstica é pressuposto para melhorar o processo ensino-aprendizagem. E é para isso que estamos caminhando, a passos lentos, mas estamos...</p>

Unidade de Contexto – BE7

Categoria	Subcategoria	Unidades de registro
Curso	Currículos	Até 2005 tínhamos dois projetos, o de Educação Infantil e outro para as Séries Iniciais. A partir de 2006, as diretrizes mudaram e o curso passa a ter uma base generalista, sem habilitações separadas e nós tivemos que nos adequar.
Novo currículo	Diferenças em relação ao anterior	A base generalista. Você junta todas as habilitações. Não temos mais habilitações. É o licenciado em pedagogia que agrega todas as antigas habilitações. Você está formando o profissional para a educação infantil, para os anos iniciais do ensino fundamental, para a Educação Especial, educação de jovens e adultos, pedagogia social e ainda para a gestão (a administração, a supervisão....)
	Aspectos positivos	<p>[...] um deles, com todos os limites que temos é a possibilidade de uma formação mais integrada e articulada, a possibilidade de formarmos redes de discussão em torno de assuntos ligados a EDUCAÇÃO nas suas múltiplas dimensões.</p> <p>Um outro que merece ser destacado é que antes, pelo menos na nossa região, os professores não voltavam para buscar outras habilitações tais como a Educação Infantil, mas ficavam nos municípios transitando pela da infância (0 a 10 anos) sem ter a mínima discussão da especificidade do trabalho, por exemplo, do trabalho com os bebês e da Educação Infantil.</p>
	Desafio	É puxado, é um grande desafio, A maior parte dos alunos não consegue terminar o curso em 4 anos. Fica pesado financeiramente pelo número de créditos e pela carga de estudo. Temos que dar conta ainda de Educação de Jovens e Adultos e Educação Especial.
	Organização do currículo	<p>Nosso grande objetivo era trabalhar com módulos. Não fizemos, mas se olharmos o nosso projeto vai perceber que existem estes blocos por áreas de formação, porém ainda mantendo as disciplinas. Não passamos para módulos ainda, mas o próximo passo poderá ser. A principal dificuldade de passar para módulo é porque temos uma base de contratação de professores como horistas. A dificuldade é porque requer uma carga horária maior. Teríamos que ter uma carga horária maior. Se eles não fossem contratados como horistas seria possível.[...] Penso que no curso, quando chegarmos a isso, poderemos ainda melhorar mais a formação. O aluno poderia ter uma formação mais integrada. Toda esta abrangência de formação seria melhor trabalhada em módulos.</p>

	qualidade	De toda forma, um ponto alto da qualidade do nosso curso é o zelo que temos tido na escolha dos profissionais, buscando sempre o perfil adequado para todas as áreas do conhecimento e também profissionais alinhados com a pesquisa e que possam atuar também na extensão. Este é um grande desafio, mas temos feito um grande esforço p/ isso, prova maior foi à criação do nosso SIMFOP: simpósio sobre formação de professores e que tem como grande meta colocar o nosso curso e as licenciaturas da UNISUL como referência na área da formação de professores.
	Integração	Temos conseguido criar integração. Nem sempre com todas as disciplinas do semestre, mas com 2/3. Em alguns semestres se consegue trabalhar com as 5 disciplinas, Isto também tem a ver com o regime de contratação. [...] O professor que não participa das reuniões do semestre em que planejamos o Projeto Integrador, muitas vezes por também não vir saber do assunto da reunião, acaba ficando fora da integração e articulação. Os alunos percebem quando os conteúdos e o trabalho não está integrado. Os alunos gostam do trabalho integrado quando está bem planejado mas quando não está, eles percebem e falam. O trabalho tem que ser muito bem planejado e articulado, pois se não for eles podem ter a impressão de que estão vendo sempre a mesma coisa em todas as disciplinas ou então não conseguem ver unidade.
	Integração com escolas	Temos muita interação através dos estágios, dos projetos de formação continuada, e através dos Fóruns Regionais de Educação. Para este ano temos uma meta de ampliar essa relação através do projeto integrado de estágio nas licenciaturas. Para avançar temos que implantar lócus fixos de estágio - campos de estágio – em que os alunos venham ao local e não fiquem “pipocando” em diferentes locais para fazerem estágios.
	Avaliação	Em todas as reuniões se faz avaliação e isto faz parte da pauta. Ouvir os alunos é fundamental. Eles procuram.
	Dificuldades	As dificuldades na demanda. Isto nos trouxe outras dificuldades, pois a política de mensalidades mais baixas – desconto pontualidade – trouxe outra dificuldade que foi necessidade de trabalhar com turmas muito grandes. Os coordenadores de curso também precisam dar conta da sustentabilidade dos cursos, absorvendo grande número de alunos, e enfrentar o desafio da qualidade. Outra dificuldade é a questão do avanço na pesquisa e aí temos a questão do contrato dos docentes, com pouco tempo no curso. Mesmo assim, tenho alunos com iniciação científica, e a excelente articulação com os Mestrados também acrescentou bastante ao curso, foi um grande ganho pedagógico.
Alunos	Empregabilidade	A grande maioria está na profissão. Não tenho pesquisa, mas a grande maioria está na educação. Sabemos disso pelo contato constante com os egressos, escolas e municípios de toda a região. Temos muitos egressos assumindo, inclusive, a gestão da educação nos municípios onde moram. Nos concursos eles estão se inscrevendo, passando e estão nas escolas.

Unidade de Contexto – BE8

Categoria	Subcategoria	Unidades de registro
Curso	Política pedagógica	[...]o curso participa da formulação da política pedagógica através do seu Projeto Político Pedagógico (PPP), construído a partir de uma matriz institucional, obedecendo as Resoluções da Diretoria de Graduação, o próprio Projeto Político Institucional (PPI), com assessoria pedagógica, observando as Diretrizes Curriculares do MEC, com a participação da congregação do curso, ou seja, corpo docente e discente.
	Proposição do currículo-autonomia	O curso tem autonomia na proposição do currículo, dentro da observação das normas gerais nacionais e institucionais, bem como da congregação do curso.
	Objetivos	Formar profissionais com amplos e seguros conhecimentos científicos, habilidades técnicas e conduta ética e moral, suficientes para atendimento individual, voltados para ações de saúde pública e comprometidos com a saúde da família.
	Perfil do	O Médico graduado na UNISUL terá formação generalista, humanista,

	profissional	<p>crítica e reflexiva. Capacitado a atuar segundo princípios éticos, no processo de saúde-doença, em seus diferentes níveis de atenção, com ações de promoção, prevenção, recuperação e reabilitação à saúde, na perspectiva da integralidade da assistência, com senso de responsabilidade social e compromisso com a cidadania, como promotor da saúde integral do ser humano.</p> <p>Espera-se, pois, que o profissional formado pelo Curso de Medicina da UNISUL contemple os seguintes atributos:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Ser capaz de atender o ser humano como um todo, caracterizando sua individualidade inserida no meio ambiente; • Ser preocupado e responsável com sua formação e com a constante atualização profissional, diante dos avanços científicos de sua profissão; • Ser capaz de realizar procedimentos clínicos e cirúrgicos indispensáveis para o atendimento ambulatorial e inicial das urgências/emergências em todas as fases do ciclo biológico; • Ser capaz de exercer a medicina voltada à família; • Ser crítico, inovador, dinâmico e empreendedor no exercício da atividade médica; • Ser capaz de relacionar-se adequadamente com as pessoas atendidas; • Ser comprometido com o desenvolvimento regional, buscando manter e restabelecer a saúde como bem-estar físico, mental e social; • Ser conscientizado da necessidade e da importância do ensino, extensão e da pesquisa; • Ser capaz de trabalhar em equipe; • Ser comprometido com a ética médica e a bioética; • Ser capaz de participar de processos de gerência de políticas e serviços de saúde.
Organização curricular	Fundamentos	<p>Necessidade de mudança do paradigma do ensino médico atual.</p> <p>O atual paradigma de ensino médico, utilizado na grande maioria das escolas médicas no país, é um modelo em que a divisão dos conteúdos em disciplinas específicas gera fragmentação, que leva o aluno a compreender o paciente, não como um todo indissociável, mas como partes que podem ser tratadas isoladamente; perdendo-se a visão holística do paciente. Este modelo tem sofrido críticas dos corpos docente e discente.</p>
	Vantagem	<p>Para não incorrer neste equívoco, a Unisul desenvolve um curso e uma matriz curricular cujos conteúdos estão organizados em sistemas, compreendidos como um conjunto que guarda estreita relação entre si. Esta organização apresenta a vantagem da articulação do conhecimento médico, bem como a de se conhecer/perceber o paciente como um todo, e as doenças são estudadas, não como problema isolado, mas como algo que está inserido num sistema maior. Uma outra vantagem do ensino baseado em sistemas é que, além de passar a idéia de conjunto do corpo humano e do homem, foge-se da tendência de se enfatizar a especialização no ensino de graduação em Medicina, através da interdisciplinaridade. Além disso, fortalece a idéia de que o conhecimento também deve ser apreendido de modo articulado, não fragmentado, ou seja, todo ele deve ser mobilizado para a solução de problemas, bem como para a produção de novos conhecimentos.</p>
	Práticas pedagógicas	<p>[...] interdisciplinaridade de forma ampla e dinâmica, construtiva e objetiva, através de metodologias nas quais o aluno, a partir de um determinado contexto, é levado a identificar problemas e a apontar soluções, resultantes de reflexão crítica. O educador será o facilitador e mediador deste processo.</p>
	Avaliação aprendizagem	<p>Esta forma de ensino exige uma mudança de atitude diante do conhecimento/conteúdo que se pretende transmitir ao aluno, bem como uma avaliação do processo ensino-aprendizagem que contemple o aprender a aprender, e ainda a articulação/interdisciplinaridade dos conteúdos que não se configurarão mais em itens a serem memorizados, mas em conhecimentos necessários para resolver problemas.</p>
	procedimentos	<p>1. inserir, precocemente, o aluno junto ao sistema de saúde onde irá atuar, analisando os locais de trabalho, observando o meio ambiente, sua organização e qualidade de vida.</p>

		<p>2. contemplar o estudo dos problemas psicossociais e das doenças orgânicas da terceira idade.</p> <p>3. alunos devem produzir conhecimento em sala e atuar em campo nos diversos estágios que o Curso mantém na comunidade, entre eles o atendimento nas Unidades de saúde da Prefeitura Municipal de Tubarão junto ao Programa de Saúde da Família (PSF), nos Ambulatórios-Escola da Unisul e em Unidade Hospitalar</p> <p>4. garantir a proximidade com os problemas básicos da população, apontando soluções viáveis e eficientes, contribuindo para a melhoria da assistência médica e do comportamento social e cultural da população e garantindo espaço no mercado de trabalho.</p> <p>5. um Internato Médico destina, com um ensino tutorado, por um período de quatro semestres, fortalecendo o aprender-fazendo.</p> <p>6. freqüentar, durante o Internato Médico, postos de saúde, ambulatórios de especialidades e o ambulatório médico materno-infantil atendendo as famílias da comunidade e participando de visitas domiciliares.</p> <p>7. realizar atividades hospitalares tutoradas em clínica médica, clínica cirúrgica, pediatria, ginecologia/obstetrícia incluindo plantões, completando a formação geral do médico.</p> <p>8. através da formação humanística buscar integrar o médico-cidadão na sociedade.</p> <p>9. o Trabalho de Conclusão do Curso de Medicina (TCC), de caráter obrigatório, ser compreendido pelos alunos e professores como oportunidade de desenvolver habilidades e competências voltadas à investigação científica, norteadas pela busca de respostas à perguntas, à dúvida resultantes do processo ensino-aprendizagem. É momento de análise, síntese, busca de soluções, produção de conhecimento, sistematizados.</p>
	Fundamentos das práticas	<ul style="list-style-type: none"> • a interdisciplinaridade: permitindo que a formação do profissional esteja baseada numa discussão simultânea dos aspectos biológicos, psicológicos, sociais, econômicos e culturais da saúde, fortalecendo a percepção do paciente como um todo e não como órgãos isolados. • a integração entre o ensino-pesquisa e extensão: de modo que a formação supere o modelo tradicional de transmissão de informações e que se baseie tanto na investigação científica e na aplicação do conhecimento obtido, como na produção de novos saberes • avaliação continuada/processual e diagnóstica: como instrumento de correção de rumos e de re-direcionamento da prática pedagógica de discentes, docentes e administradores acadêmicos; uma prática que coloca a avaliação como estratégia de ensino e não como instrumento de medição e de poder. • currículo orientado para o perfil do médico que se quer formar, contemplando a formação geral, humanística, voltada para ações de saúde pública e comprometida com a saúde da família; • interação teoria-prática baseada na superação da necessidade dos pré-requisitos teóricos para o início da atividade prática. É o princípio do aprender-fazendo que pressupõe a simultaneidade da teoria e prática, facilitando a construção do conhecimento por parte do aluno; • construção contínua do saber: enseja-se a criação de uma postura de busca do conhecimento, já que a formação não se esgota no período formal do curso.
Reformulação	Motivação	A principal motivação para alteração deste currículo foi a necessidade sentida nestes anos de funcionamento do curso, sob a ótica dos professores, alunos e instituição.
Avaliação	docentes	Avaliação informal do docente com os alunos de cada semestre. Avaliação externa . Avaliação por área através dos coordenadores de disciplina.
	curso	Apresenta-se em reunião de congregação do curso e discussão dos resultados em pequenos grupos

Unidade de Contexto – BE9

Categoria	Subcategoria	Unidades de registro
Curso	Estrutura curricular e	Vejo a estrutura curricular do curso como muito boa, com boa base teórica e pratica. E principalmente a questão dos sistemas – que são os módulos.

	módulos	No início nós apanhamos um pouco: fazíamos uma prova por tópico, agora fazemos uma prova só por módulo. Vamos melhorar e fazer um seminário juntando os tópicos, etc... mas no final, lá no Internato temos o aluno com uma noção de um todo e não de partes e isto é importante.
	Diferenciais	<p>O curso tem alguns diferenciais e pontos fortes: a questão da interação comunitária é um ponto forte. Ainda não é uma disciplina mas queremos que seja futuramente. Foi um dos primeiros cursos que colocou o aluno lá no PSF já durante o Internato e não só no hospital . Se queremos formar o aluno com perfil voltado para a comunidade, temos que fazer isto.</p> <p>Outro diferencial durante o curso é a atenção básica para a saúde da mulher e da criança. O materno infantil.</p> <p>A atenção ao idoso – a geriatria- também é um diferencial. Em minha formação nunca tive este tema.</p> <p>Estes diferenciais precisam ser lapidados é claro. Temos também outro diferencial que é o internato em dois anos. Também faz uma grande diferença. Nem todos os cursos de medicina tem esta duração de internato. Temos este internato desde o currículo inicial. O aluno amadurece muito durante este tempo.</p>
	Avaliação	No internato temos avaliação contínua e diária. Temos fichas de avaliação: interesse, pontualidade, disciplina, ética, conhecimento, etc... estamos pensando em aperfeiçoar e colocar pesos nestes itens. Chamamos o aluno para dar retorno. Fazemos conselho de classe e depois damos retorno a ele. Mostramos em que eles tem mérito e em que eles tem que melhorar.
	Avaliação do modelo	Penso que sim. Que formamos bons profissionais. Quando eles vão prestar prova para residência, eles tem um bom desempenho. Temos também alguns alunos que agora são nossos professores. Eles precisa, é claro, ir além do que os docentes apresentam. O aluno precisa fazer a sua parte. Eles precisam ir além do que o professor ensina, precisam ter curiosidade. É isto que diferencia o aluno bom. Antes da universidade eles tem que ter o habito de estudar.
	Reformulação do currículo	A necessidade de reformulação veio da comissão de reconhecimento do curso que apontou algumas sugestões. Também da avaliação que fizemos depois de implantar o currículo todo, no próprio processo de implantação. De realocar conteúdos , a ordem deles. Daí surgiu a necessidade. Começamos a discutir, cada disciplina, cada módulo, cada área. Alunos e professores. Avaliamos fase por fase. Para encerrar, tivemos uma participação de um grupo de professores e fizemos uma proposta de novo currículo. De modo geral o novo currículo é bastante melhor
	Avaliação externa	O curso é muito bem visto. Temos uma boa referência no Estado de Santa Catarina. Temos nossos aluno em topo de linha. O que deu uma quebrada foi o ENADE. Não é que tenha repercutido abertamente mas a gente não se sente bem. Sabemos que temos um bom curso. Temos tido excelente desempenho e diferencial em nossos alunos, Nossos alunos saem com uma boa capacidade de dar aula pois estimulamos nossos alunos a se expressarem. Somos bem conceituados. No ENADE tivemos alunos que não responderam a prova e por isso tivemos um mau resultado. Este episódio isolado repercutiu mal. Os próprios alunos ficaram assustados com a repercussão.
Docentes	Desafios	<p>O maior desafio é aprender a ser docente. Não é deixar de ser medico, é sair de teu mundinho, onde muitas vezes tu é quem dizes o que é que o paciente tem, o que ele deve fazer, etc... para ser docente.</p> <p>Primeiro a questão do tempo. Depois, é enfrentar o processo de ensinar. Como vou ensinar. Sei muito mais do que os alunos mas preciso saber explicar do modo que eles possam entender. Isto é difícil. Estamos num nível técnico especializado e precisamos enfrentar alunos nem sempre interessados, nem sempre maduros. Precisamos nos colocar no nível do aluno para que ele possa aprender. O que temos que fazer é ensinar o aluno a aprender.</p>

Categoria	Subcategoria	Unidades de registro
Modelo curricular	Fundamentos	Os fundamentos que norteiam a organização curricular em disciplinas e em módulos são pautados na necessidade inicial de conhecimentos de disciplinas básicas e posteriormente de disciplinas específicas do campo da medicina. A organização em módulos é pautada no fato de que os conhecimentos são complementares e necessitam de abordagens integradas tanto do ponto de vista de conteúdo, como de habilidades e competências. Fundamenta-se ainda no conceito de especialidade médica, isto é, a presença de módulos subdivididos em conteúdos de cada especialidade individual, o que não está de acordo com a proposta de formação de médicos generalistas. Os referenciais adotados são aqueles preconizados pelas universidades canadenses, especificamente a MacMaster University.
	Funcionamento real	O modelo é interessante porém não funciona como deveria porque os professores acabam ministrando as suas aulas voltadas exclusivamente para o conteúdo da sua especialidade e não integram este conteúdo com os demais participantes dos módulos.
	Requisitos	Este modelo faz com que o professor tenha que rever os seus conceitos de ensinar, principalmente no que diz respeito à integração do conteúdo. Esta revisão de conceitos inclui novas formas de preparar as aulas e a necessidade de conhecer todo o conteúdo do módulo de forma que esteja articulado. A consequência disto é a aceitação e adequação aos novos paradigmas de ensino e aprendizagem.
	Resultados	Sem dúvida, pois o indivíduo passa a compreender porque os conteúdos são importantes na formação do médico como um todo e não somente reproduz o conhecimento adquirido.
Reformulação projeto	dinâmica	Houve uma ou duas reuniões de congregação, nas quais as propostas de modificação já vinham praticamente prontas, deixando pouco espaço para a discussão, justificada pelos coordenadores como decorrente do prazo exíguo para entrega dos resultados. Também não foi realizada uma reunião para apresentação do resultado final do trabalho aos professores antes de encaminhar o projeto.
Docência	Preparação aulas	As aulas são planejadas no início do semestre em termos de conteúdo e cronograma, porém a estratégia de ensino e necessidade de conteúdos adicionais são reavaliados antes de cada encontro com os alunos. O conteúdo é decidido tendo como base os conteúdos dos demais módulos de forma a integrá-los e aprofundar o conhecimento de acordo com aquele já adquirido pelo aluno. O conteúdo também é pautado no objetivo principal que é a formação de médicos generalistas e de forma a estimular o aluno a buscar o seu próprio conhecimento, de forma crítica e reflexiva. Também é dada máxima atenção à importância de associar teoria e prática.
	Formação pedagógica	A formação pedagógica recebida foi através dos cursos de mestrado e doutorado, além de leitura exaustiva de material referente à Metodologia do Ensino Superior.
	Avaliação da aprendizagem	A avaliação da aprendizagem é realizada através de provas escritas e provas práticas à beira do leito. Periodicamente faz-se avaliações não formais nas aulas práticas com o objetivo de acompanhar o processo e corrigir possíveis déficits de aprendizagem.
Curso	Avaliação	Não há uma avaliação formal do curso como um todo. A disciplina que ministro é avaliada ao longo do semestre com discussões em sala de aula em que o aluno expressa sua percepção.
	Avaliação externa	A princípio o curso é considerado de boa qualidade, visto que os alunos egressos que integram programas de residência médica em outras universidades são considerados bem preparados. Desconheço outras formas de avaliação, exceto a realizada em âmbito nacional para avaliação de cursos superiores.

Unidade de Contexto – BE11

Categoria	Subcategoria	Unidades de registro
Curriculo do curso	pressupostos	Culturalmente não temos discussão da infância, temos a discussão da alunância. A escola tem trabalhado muito mais na alunância do que na perspectiva da infância. Fizemos uma discussão com o corpo docente e fizemos alguns ensaios de que o curso da primeira até a ultima fase

		<p>trabalhasse com a infância de 0 a dez anos.[...] Então se trabalha com a idéia da infância como categoria social, e portanto se trabalha com a idéia da diversidade, da heterogeneidade. Quando se trabalha com a perspectiva da alunância, você trabalha com a idéia da homogeneidade, quando você trabalha com a idéia da infância ou das infâncias, você trabalha com a idéia da diversidade.</p> <p>Temos que romper com a Psicologia como única teoria capaz de dar conta da compreensão da aprendizagem das crianças, [...] buscamos referências em varias áreas: na Antropologia, especialmente a Antropologia da Criança, na Sociologia da Infância, na Psicologia Sócio-cultural. [...] Acho que sair do foco da Psicologia e agregar outras áreas que pudessem nos ajudar a compreender os processos de aprendizagem da criança e mais especificamente o modo como as crianças vivem no mundo, está nos ajudando a perceber e provocando a pensar um outro sujeito. Embora a Psicologia ainda esteja muito presente e seja central. Acho que buscar estas referencias em outras áreas do conhecimento está sendo para nós um aprendizado.</p> <p>Um dos fundamentos é a associação teoria e prática – buscada como projeto.[...] Tanto que isto está sendo difícil de romper. Porque temos a cultura de que é preciso primeiro ter os fundamentos para depois ir para a pratica.</p>
	Formação generalista	O curso generalista preocupa a todos nós. O aluno quando sai do curso de Pedagogia sai habilitado para trabalhar na EJA. Eque ele teve apenas uma discussão geral sobre o assunto. A política que pode vir a acontecer é a da complementação ou da especialização. [...] Outra preocupação que tenho ainda com o curso generalista é a do aligeiramento na formação.
	Avaliação do projeto de formação	Penso que sim, penso que ele talvez saia com mais perguntas. Colocar a dúvida, dar visibilidade para a dúvida. Neste sentido é que penso que estamos constituindo um novo tipo de professor, que sabe que esta é uma formação inicial, que não acaba aqui, exige uma continuidade.
	desafios	<p>Temos neste projeto um aspecto que não é positivo: que é a perspectiva generalista. Porque temos que dar conta de diversos aspectos formativos dentro do mesmo projeto Penso que a positividade disso exigiria uma outra política institucional: de uma formação constante do corpo docente. Por exemplo, a questão da inclusão, se é uma responsabilidade do curso ela não poderia ser uma disciplina, deveria atravessar o curso como um todo. Os fundamentos do curso precisam estar impregnados na prática de todos os docentes.</p> <p>[...] não basta fazer uma nova grade curricular porque temos pesquisas que não tínhamos e que precisam ser agregadas ao projeto do curso. A nossa cultura ainda é pensar as disciplinas e não o projeto do curso como um todo. Cada professor ainda pensa no planejamento de sua disciplina, e ainda extremamente centrado na sala de aula....nos conteúdos, etc etc...</p> <p>Outra coisa que penso que é importante. O que é que muda na Pedagogia a partir do momento que rompemos com a psicologização da educação e agrega as outras áreas do conhecimento. O que é que muda ?A gente continua a dar aula para os alunos do mesmo modo que deu. A organização espacial da sala de aula e da universidade. A distância com a comunidade, com as outras instituições, Tanto que estes são os desafios que temos que discutir. Se nós queremos trabalhar com todas as dimensões humanas do sujeito e não mais apenas com as dimensões cognitivas., se este é o nosso pressuposto... Mas na universidade nós trabalhamos com os alunos apenas com a dimensão cognitiva. Até que ponto esse projeto de Pedagogia consegue fazer um trabalho pedagógico que consiga encampar todas as outras dimensões e não apenas aquelas que culturalmente a gente elegeu como sendo importantes na escola. Ou seja, nós não trabalhamos com a dimensão afetiva, a artística, com a dimensão sexual, mas ensinamos aos nossos alunos/professores que se deve trabalhar assim! Ensinamos que eles devem trabalhar com a infância como</p>

		<p>categoria social, mas e estes adultos que estão aqui? Nós trabalhamos na perspectiva de turmas homogêneas mas fazemos o discurso da heterogeneidade.</p> <p>Hoje também estamos proclamando que a escola tem que ser também um espaço de produção do conhecimento, acerca das crianças com quem eu trabalho. Se eu trabalho na perspectiva daquelas áreas (Antropologia, Sociologia, Filosofia e da Psicologia), como é que eu ignoro este sujeito de carne e osso, este sujeito real que são as crianças? Mas como conhecer estas crianças. Como é que a escola pode trabalhar nesta perspectiva sem fazer um trabalho de investigação, de observação, de registro, de interpretação do modo como as crianças vivem, para compreender estas mesmas crianças.[...] E a universidade precisa também fazer isso, porque ela é por sua natureza, este espaço. Mas o que é que ocorre, ocorre que este espaço de produção de conhecimento acaba por ficar restrita ao espaço do mestrado.</p> <p>Aí temos uma outra questão que é a da aplicabilidade, pois também viemos de uma tradição pedagógica que é a da prescrição e da aplicabilidade, ao invés de ser a da produção do conhecimento.O aluno vem com expectativa de buscar respostas para os problemas, no geral vem com esta atitude. Como que a gente desconstrói esta tradição pedagógica, de ao invés de buscar respostas , elaborar perguntas. [...] e ele não se sente encorajado a perguntar, porque um professor não pergunta. Isto ainda está presente na nossa tradição pedagógica. E o que estamos fazendo é o exercício da pergunta. Se estamos hoje em interação com outras áreas que antes não eram buscadas, esta interlocução tem nos ajudado a elaborar perguntas sobre este universo cotidiano.</p> <p>Se trabalhamos com a idéia do aluno, ele se constitui na escola. A escola o transforma em aluno. Mas se você começa a discutir a infância como uma categoria social e histórica, você precisa olhar para estes outros espaços.[...] No projeto do curso apenas aparece a escola, temos muitas dificuldades de trabalhar com e educação informal. Temos inclusive tentado espaços de práticas e de estágios para além da escola. As crianças não se constituem como crianças apenas na escola. Ter isto como um desafio é importante e poderá trazer outra perspectiva na sala de aula.</p> <p>Temos ainda uma outra discussão que é a da lógica temporal e espacial das escolas. O tempo da escola é ainda o tempo esquadrinhado das disciplinas,. O curso de Pedagogia também não conseguiu romper com isso, com esse esquadrinhamento. A sala de aula ainda é ainda tida como o único espaço de ensinar e aprender,, também trabalhamos na perspectiva da alunância e trabalhamos na perspectiva da cognição.</p> <p>Muitas vezes os alunos entram no curso com uma crítica da escola, saem com uma crítica mais consistente sobre a escola mas...Fazemos uma crítica à escola mas tem-se uma dificuldade muito grande em transformar a escola: a crítica da seriação, da homogeneidade, da hierarquização , da impessoalidade que caracterizam a lógica organizacional da escola e no entanto o nosso curso de Pedagogia trabalha com estas mesmas categorias.</p> <p>O nosso desafio é como fazer esta escola que tanto proclamamos, há tantos anos, como mudar a escola que criticamos. Quando fiz meu curso de Pedagogia fazia as mesmas críticas que fazemos hoje. O fato é que as escolas tem muita dificuldade de romper com este modelo e com esta forma.</p>
Alunos	características	<p>O dado dos nossos alunos serem professores das redes nos faz com que a gente tenha elementos para discutir com eles. Quando ele está mergulhado lá, as disciplinas procuram que ele tome a distância necessária para poder fazer a reflexão sobre as ações pedagógicas. E os aluno vem dizendo muito isso: é muito fácil falar, os textos dizem coisas maravilhosas mas não se consegue aplicar no cotidiano.</p>

Categoria	Subcategoria	Unidades de registro
Curriculo	Referenciais reelaboração	<p>a) a partir das Diretrizes curriculares nacionais do curso de Pedagogia, diretrizes institucionais para os cursos de graduação, missão, visão e valores da instituição e necessidades de demandas regionais, quanto à formação de professores.</p> <p>b) Ancorado na relação ensino, pesquisa e extensão, fundamenta-se nos pressupostos da teoria da complexidade e metodologia dialética, entendendo que a produção do conhecimento se dá num processo dinâmico e permanente, através da relação teoria e prática, ou seja ao longo da vida.</p>
	Avaliação quanto à formação	<p>Acredito, pois se percebe, na prática, um envolvimento maior dos professores e dos alunos, nas ações de implementação do mesmo. Isto somado a um novo perfil de aluno que chega ao curso e perfil do docente que nele atua.</p> <p>O aluno egresso dotado de fundamentos teóricos mais profundos, certamente será mais crítico e mais coerente em suas ações. Isto garantirá melhor opção pelo trabalho, até porque o curso habilita o aluno, não, apenas, para a docência de 1ª a 4ª série, mas também para a educação infantil e gestão escolar.</p> <p>Como professora, há mais tempo do curso, percebo melhoras do ponto de vista qualitativo. Acredito que o envolvimento das alunas em leituras, mais freqüentes e em projetos de pesquisa tem ajudado muito.</p>
Atuação domo docente	Planejamento aulas	O planejamento das aulas, é feito inicialmente a partir da ementa e objetivos específicos das unidades programadas. Para cada aula é planejado o conteúdo a ser trabalhado e as estratégias a serem utilizadas, bem como a avaliação.
	Formação pedagógica	Como licenciada em letras e Pedagogia, aprendi um pouco durante mos cursos. No entanto, foi nos cursos de capacitação constantes que fiz ao longo do magistério, principalmente, como professora das classes de educação básica que fui adquirindo experiências, as quais fui adaptando ao magistério superior. As leituras e discussões na universidade, mesmo na diretoria de graduação somaram profundamente.
	Estratégias utilizadas	Distribuo o horário entre aulas expositivas- dialogadas, leitura de textos curtos com roteiro para interpretação. Trabalhos em grupos (normalmente duplas. apresentação. vídeos com documentários relativos ao assunto e, esporadicamente, filmes.
	Avaliação	Para avaliar, utilizo as ações em sala, observando os alunos, as produções individuais e provas escritas. Algumas vezes, as produções em grandes grupos.
	Avaliação externa	Duas vezes que vou contatar escolas, como aconteceu no ano passado e neste ano, com duas escolas, me pediram para indicar alunas bolsistas, pois estavam solicitando e não tinham respostas [...] Dizem que aparecem candidatas de outra universidade, mas preferem da Unisul.

Unidade de Contexto – BE13

Categoria	Subcategoria	Unidades de registro
Curriculo	Referenciais reelaboração	As referências decorreram das orientações contidas nas Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de Licenciaturas, a matriz de reformulação dos Projetos Pedagógicos dos cursos elaborado pela Diretoria de ensino da Instituição. Os fundamentos teóricos-práticos decorrentes da pedagogia histórico-critica e/ou sócio-interacionista. Teve origem na exigência da Instituição em adequar os cursos às novas diretrizes do Ministério da Educação e das demandas por novos processos educacionais em decorrência da dinâmica do mundo do trabalho.
	Processo reelaboração	Inicialmente ocorreram reuniões gerais da Congregação para o estudo dos documentos que iriam nortear a reformulação do Projeto pedagógico do Curso. Em seguida procedeu-se um estudo do antigo Projeto Pedagógico com ênfase nos aspectos que seriam modificados. Em seguida, ocorreram reuniões por área e foram distribuídas para tarefas cujos resultados foram submetidos a apreciação e aprovação da Congregação.
	Avaliação quanto à formação	O melhor profissional torna-se visível na sua atuação cotidiana e nos resultados desta ação. Porém, os fundamentos da sua formação constituem um indicador da sua atuação. Faço ressalvas a orientação do Ministério da

		<p>Educação que atribuiu às atividades práticas uma carga horária excessiva. Não acredito que o estágio realizado num contexto possa ser determinante para o desempenho profissional em outro contexto.</p> <p>A consequência poderá ser a disponibilidade no mercado de trabalhadores da educação que irão reproduzir modelos impostos por interesse externos ao processo educativo.</p>
Atuação do docente	Planejamento aulas	<p>Meu fazer pedagógico decorre do que acredito ser a função social da educação. Quando trabalho na graduação tenho como preocupação as pessoas para quem os meus alunos um dia irão prestar serviço. Por isso, com base na contribuição que a disciplina pode dar ao perfil do profissional a ser formado (abrangendo os aspectos técnicos, políticos, estéticos e éticos enquanto dimensões que caracterizam a competência em qualquer área de atuação) procuro imprimir à aula uma dinâmica, através de estratégias adequadas, que possibilitem ao aluno transformar o conteúdo/informação em conhecimento. Os conteúdos trabalhados em aula são escolhidos tendo como base a ementa, o papel da disciplina no curso, a contribuição da disciplina, através dos seus conteúdos, ao perfil do profissional a ser formado, bem como as interfaces deste conteúdo com os outros conteúdos da disciplina e das outras áreas de conhecimento, especialmente as correlatas a esta.</p>
	Formação pedagógica	<p>Em geral cada professor acaba encaminhando o seu processo de trabalho com base nas experiências que teve como aluno no contato com os seus professores. No meu caso particular, a leitura de Paulo Freire e Neidson Rodrigues e os fundamentos, respectivamente, da Pedagogia Libertadora e da Pedagogia Crítico-social dos Conteúdos foram determinantes para a minha ação enquanto profissional da educação</p>
	Estratégias utilizadas	<p>A maioria das aulas tem como estratégia a aula expositiva dialogada. Indico e disponibilizo para leitura na aula anterior a bibliografia referente ao conteúdo da aula seguinte. A leitura prévia possibilita a dialogicidade no processo da aula. Organizo, também, periodicamente, seminários para o aprofundamento e compreensão das conexões entre os temas desenvolvidos em aula.</p>
	Avaliação externa	<p>O resultado de um curso, em tempos de imperativo da lógica do mercado, é medido pela inserção do egresso no mercado de trabalho e sua atuação profissional. Os egressos dos cursos de educação têm ocupado bons espaços e, quando submetidos a processos seletivos ou concursos públicos têm alcançado um bom índice de aprovação.</p>

Unidade de Contexto – BE14

Categoria	Subcategoria	Unidades de registro
Modelo do Currículo	Apreciação	<p>Entendo que a forma de organização curricular é um diferencial, já que o aluno pode construir o conteúdo (da parte para o todo), ou seja, do menos para o mais abrangente.</p>
	Funcionamento real	<p>As aulas deveriam funcionar integradas entre si, entretanto, o que é ideal, muitas vezes não o é real. Exemplificando: o sistema cardiorrespiratório é composto pelas disciplinas cardiologia, pneumologia, farmacologia, radiologia e patologia. Cada uma dessas disciplinas que o módulo comporta deveriam focar a mesma temática na semana, inserindo o acadêmico num foco de ensino-aprendizagem. Isso propiciaria com que o acadêmico assimile com conteúdo de forma ampla e inter-relacionada, ou seja, ter uma visão sistêmica do caso contando com diversos cenários. Contudo, o que acontece é que as disciplinas do sistema acabam não evoluindo de forma integrada no decorrer do semestre, e os temas não são abordados de forma concatenada. Aliás, alguns conteúdos são ministrados de forma desarticulada.</p> <p>A atuação dos professores, apesar integrarem um sistema, atuam de forma isolada e não integrada. Vejo a necessidade de uma estrutura líder no processo, com atribuição de propiciar e fazer acompanhamento pedagógico do módulo visando oferecer ao acadêmico melhores condições para discutir e conhecer as situações com visão sistêmica e evolutiva ao longo dos módulos.</p>
	Repercussões sobre o aluno	<p>Acredito que a proposta é oportunizar ao acadêmico uma melhor estruturação dos saberes em cada módulo. Isso atualmente não está ocorrendo, pois não</p>

		<p>existe um agente articulador do processo.</p> <p>O ato de estudar deveria ser diário, mas em virtude do desgaste pela carga horária alta, muitas vezes distribuída equivocadamente alguns conteúdos acabam não sendo abordados, discutidos e/ou pesquisados. Além do que o acadêmico acaba perdendo a capacidade de manter atualizado o estudo dos temas relevantes propostos pelos professores e/ou orientadores e, conseqüentemente, uma melhor preparação para aula nos dias seguintes. Entendo que o ensino é importante, mas tem-se que investir, estimular mais a atuação na pesquisa e na extensão no transcorrer da vida universitária, principalmente, no nível graduação.</p>
	Qualidade da formação proporcionada	Não que resulte, pois depende mais do aluno do que do próprio sistema, mas facilita a organização do conteúdo visando uma maior preparação técnico-científica do profissional formado.
Avaliação do curso	Pelos alunos	[...] no geral a avaliação é positiva do curso assim como eu. Muitas mudanças podem ser implementadas, principalmente na gestão administrativa e acadêmica, como por exemplo: maior número de professores com mestrado/doutorado, menor número de alunos por turma, aperfeiçoamento das didáticas pedagógicas alinhadas ao processo ensino-aprendizagem, critérios de avaliação mais sustentáveis na busca do objetivo foco entre outras. Portanto, minha avaliação é positiva, mas entendo que tem um bom caminho a percorrer para que os resultados sejam apresentados com mais vigor.
	Pela comunidade	O curso de medicina da Unisul tem um valor grande na região e comunidades que atua mais efetivamente com programas e projetos. A comunidade percebe a existência de melhoria nas oportunidades e no nível de atendimento as questões de saúde, principalmente no aspecto de humanização. As unidades de saúde onde existe a atuação de professores e acadêmicos do curso de medicina da Unisul, o atendimento é visivelmente melhor. As estruturas de recursos humanos e instalações físicas são mais adequadas.
	Por outras universidades	Quanto a outras universidades não tenho parâmetro para comparar, mas observo nos congressos, encontros e seminários que participo, tenho a percepção de que o curso de medicina da Unisul está preparando seus acadêmicos. Aliás, alguns professores exercem com muita maestria o papel de "tutores", incentivando a participação dos acadêmicos em eventos externos, inclusive orientando trabalhos científicos. Ah! A Unisul sobretudo nos últimos 2 a 3 anos está despertando para valorização da pesquisa no curso de medicina, inclusive incentivando os acadêmicos com bolsas e outros benefícios, ou seja, focando na pesquisa científica com envolvimento de acadêmicos e professores.

Unidade de Contexto – BE15

Categoria	Subcategoria	Unidades de registro
Modelo do Currículo	Apreciação	<p>Depende, em alguns casos é bom e em outros é ruim. Porque? Acontece que temos muitos professores que trabalham conosco e , em alguns casos, não há continuidade no trabalho. Depende da organização.</p> <p>Temos muitos professores trabalhando juntos na mesma disciplina ou módulos. Eles não entram juntos na sala de aula mas planejam e trabalham juntos. Por exemplo, no Sistema Cardiovascular temos até 10 ou 12 professores. Na Gastro temos 8 professores na parte clínica e mais 8 professores na parte cirúrgica. Eles planejam juntos mas cada um trata de um conteúdo de preferência da área de seu maior interesse e conhecimento.</p>
	Funcionamento real	<p>No geral funciona bem, mas temos alguns problemas em relação à provas quando temos, por exemplo um professor que trabalha aqui e também no curso de Medicina no outro campus. Neste caso o que acontece é que, como o currículo é o mesmo, os professores dão a mesma matéria nos dois lugares e então querem fazer as mesmas provas lá e aqui e, para isto é preciso fazer com que o andamento da disciplina coincida num e noutro campus</p> <p>A maior parte das aulas é expositiva. O professor expõe o conteúdo utilizando slides e nos dá uma cópia em papel dos slides em que podemos anotar as explicações. Até a 8ª fase o curso é mais teórico – 80% teórico e</p>

		20% prático. Nós temos professores que são médicos apenas e não professores: estes mesmo conhecendo o conteúdo podem ter, em alguns casos, problemas com a didática. Nem todos pois há alguns que mesmo estando neste caso são excelentes professores.
	Repercussões sobre o aluno	Este problema da concentração das aulas gera uma sobrecarga de aulas e de conteúdos para serem estudados para as provas.
Avaliação do curso	externa	Os resultados do ENADE provocaram uma repercussão entre nós. Penso que a imagem do curso para a população não mudou e o curso é bem visto pela sua função social. Porque o que a população hoje tem aqui a disposição é mais do que teriam com o SUS. A oferta de serviço de saúde é maior. Existem filas mas seriam maiores se não tivesse o curso. Além disto, a população tem acesso a professores/médicos que dão aula na universidade e ela valoriza isto.
	Pelos alunos	Temos um bom preparo. Temos professores bons. Os alunos são responsáveis e sabemos que em Santa Catarina a Unisul é considerada entre as 3 melhores universidades do Estado.

Unidade de Contexto – BE16

Categoria	Subcategoria	Unidades de registro
Modelo do Currículo	Apreciação	Trazendo o exemplo para as aulas práticas: há módulos em que um professor dá aula em uma semana... E na seguinte, não temos oportunidade de ter uma continuidade no que é estudado. Por exemplo, em aula prática solicitamos alguns exames. Na maioria das vezes, quando o paciente retorna com os exames em mãos, infelizmente, o professor que vai nos orientar quanto à conduta que devemos tomar já não é mais o mesmo que nos auxiliou num primeiro momento. Assim, quando o andamento não está o mesmo, eles fazem aulas extras para poderem repor, equilibrar e, assim, possam fazer uma prova com os mesmos conteúdos em ambos os campus. Geralmente somos nós aqui que temos que nos adequar ao calendário e termos aulas extras o que é bastante cansativo.
	Funcionamento real	Os módulos são teórico práticos (começam a partir da 5ª fase) e temos ainda o trabalho com os pacientes que atendemos nos ambulatórios. No início, atendemos com o professor junto. Pouco a pouco à medida que o tempo vai passando e vamos adquirindo conhecimentos, experiência e confiança dos mesmos, começamos a atender sozinhos. Só depois o professor vem nos auxiliar e corrigir algum erro que, eventualmente, tenhamos cometido. Temos que destrinchar o caso [clínico] e com isto aprendemos muito. Na verdade isto é o que fazemos antes de começar a atender os pacientes pois quando iniciamos o atendimento temos nós mesmos que “construir” o caso do paciente através das perguntas. Mas estas experiências são muito importantes pois a prática é muito importante. Na verdade não podemos nos formar sem ter a parte prática pois muita coisa da teoria é bem diferente na prática. Apenas estudar a teoria é diferente de estudar a teoria já tendo visto a parte prática. Temos também professores que são médicos professores. Estes tem a didática. Sabem o conteúdo e sabem ensinar.
	Repercussões sobre o aluno	Temos sobrecarga de aulas e de conteúdos para estudar para as provas.
Avaliação do curso	Externa	[...] os resultados do ENADE nos abalaram internamente. Os alunos ingressantes que fizeram a prova tiveram resultados iguais aos que tiveram os alunos ingressantes na melhor faculdade de Medicina do país e os alunos concluintes é que fizeram “o boicote mal feito”. Alguns boicotaram a prova outros não. Não tinham consciência do que era o ENADE. Não pensavam que tinha consequência para os alunos. Pensavam que era algo que só teria consequência para a faculdade. E agora todos nós estamos pagando por isto.

	Pelos alunos	<ul style="list-style-type: none"> • diferente do que acontece na universidade inteiramente pública sem uma pincelada de caráter privado como acontece na Unisul, aqui os alunos podem cobrar os conteúdos e a presença dos professores nas aulas. os professores tem compromisso e os alunos também tem compromisso. • aqui também a gente sabe que estudando , vai se formar no tempo do curso pois não tem greves
--	--------------	--

Unidade de Contexto – BE17

Categoria	Subcategoria	Unidades de registro
Modelo do Currículo	Apreciação	[...] vai depender do modo de organização. Em alguns casos funciona bem e em outros não. Depende da Coordenação do módulo
	Funcionamento real	<p>Geralmente o calendário de Florianópolis é o que prevalece. E isto acontece em todas as disciplinas e módulos. Isto só acontece quando temos professores que trabalham aqui e lá. No caso de professores só de Tubarão este problema não ocorre. Pensamos que o professor teria que fazer mais de uma prova para que isto não acontecesse mas é assim que acontece e isto não é bom.</p> <p>Quando atendemos no ambulatório nós mesmos é que reconstruímos o caso. Colhemos as informações com os pacientes, já formulamos nossas hipóteses , discutimos com os médicos , analisamos etc...Isto nós aprendemos em disciplinas básicas desde os primeiros semestres. São as perguntas que temos que fazer, a abordagem que temos que fazer. Mas, para saber que perguntas fazer, temos que também conhecer a teoria.</p> <p>Temos também aulas com vídeos em que os professores levam filmes, por exemplo, com cirurgias que fizeram e que assistimos e discutimos e se for da nossa vontade e interesse conseguimos acompanhar as cirurgias ao vivo.</p> <p>Temos ainda, especialmente nas áreas básicas, professores que não são médicos. Neste caso depende do conteúdo mas geralmente perde-se um pouco na aplicabilidade prática dos conteúdos passados.</p>
	Repercussões sobre o aluno	<p>Muitas aulas, excesso e concentração e muita matéria para estudar para as provas.</p> <p>Eu não anoto nas aulas. Prefiro prestar atenção depois ver os slides e estudar nos livros. Utilizo muito a internet. No início entrava em sites em geral no decorrer do curso aprendi a entrar nos sites especializados. Uso muito a base Scielo</p>
Avaliação	externa	Em relação aos outros cursos , existe muita rivalidade entre uns e outros.Temos também os resultados dos alunos que se formaram no curso e que foram muito bem nas provas de Residência , tirando os primeiros lugares. Quando entrei no curso eu já sabia que alguns alunos das primeiras turmas tinham sido os primeiros classificados em provas de Residência.
	Pelos alunos	<ul style="list-style-type: none"> • temos bons laboratórios (o anatômico, o de cirurgia, os ambulatórios) pois mesmo faltando um ou outro equipamento , os laboratórios são bons • no geral, temos uma boa biblioteca muito bem equipada e podemos sugerir a compra de livros a todo momento.

Unidade de Contexto – BE18

Categoria	Subcategoria	Unidades de registro
Curso	Modelo pedagógico	<p>Gostei bastante, o curso trabalhava muito com trabalhos , seminários, bastante discussão etc.... Muito debate. Isto foi um ponto muito forte principalmente para mim que sempre fui muito bloqueada para falar.</p> <p>Aulas expositivas com recursos. Debates, apresentação, trabalho escrito com texto na própria sala de aula. Na maioria das vezes era leitura e debate encima do texto. Cada equipe pegava um tópico e trabalhava naquele assunto. Expunha, debatia, respondia perguntas....</p>
	Características	Um curso que proporciona bastante crescimento como pessoa. Ensina a perguntar e a falar, a argumentar. Relacionamento com as pessoas. E a parte pedagógica, conhecer o pensamento de um e de outro autor. Aprender a trabalhar com as diversas formas de aprendizagem. E não só na sala de aula. Em tudo se aplica.

Avaliação	Da aprendizagem	Ao invés de provas, os professores sempre avaliavam através de outros modos. De modo processual. Muito trabalho, muita pesquisa.
	Do curso	Claro que 70% não é o curso que forma, é o profissional que se forma. Não são os professores bons, sou eu quem vou me formar. Isto vai mais do aluno do que do curso. O curso dá os caminhos mas alguns vão e outros não. Uns ficam no básico e outros vão adiante. O curso é bom mas o aluno tem que ser mais autônomo. Isto eu aprendi no próprio curso. Ótimo relacionamento entre professor-aluno-coordenador do curso. Professores de boa qualidade (a grande maioria)
	externa	Perante os outros cursos, o curso de Pedagogia não tem uma imagem boa. As pessoas pensam na rentabilidade, na possibilidade de remuneração. Não é pela qualidade do curso mas pela possibilidade de retorno que o curso oferece.

Unidade de Contexto – BE19

Categoria	Subcategoria	Unidades de registro
Curso	Modelo pedagógico	No geral nós temos um projeto nas disciplinas. E trabalhamos em torno deste projeto. Sempre tem uma disciplina que trabalha a parte do projeto. Nas outras disciplinas há os professores mandam textos e a gente debate na sala de aula. Há outros professores que não mandam textos, eles trazem os textos e lemos e debatemos na sala.[...] A participação dos alunos é estimulada pelos professores. Gostei porque não é professor e aluno. Temos total liberdade para falar com o professor e manifestar a nossa opinião. Conversamos como se fosse um grande grupo de professores. Assim a gente aprende bem melhor.
	Características	Um curso em que os professores trazem bastante as suas experiências concretas como professores. Outra característica, é um curso que exige bastante leitura. Todos os professores dão muitas leituras para fazermos. Existem as leituras obrigatórias e as complementares.
Avaliação	Da aprendizagem	Geralmente temos duas provas, cada professor faz duas provas e mais um trabalho para fechar a média.[...] Todos os trabalhos são escritos e apresentados, com tempo para apresentação, depois debate etc...
	Do curso	No geral o curso é bem avaliado. Em nossa turma existem alunos que já tinham feito Séries Iniciais e que agora voltaram para fazer a complementação em Educação Infantil. O número de alunos na sala de aula é um aspecto que poderia melhorar. Setenta alunos em sala de aula para o professor comandar é difícil. São 70 mulheres,[...] é uma coisa que a Unisul poderia rever. Mesmo assim, os professores conseguem colocar um projeto, a gente faz e depois apresenta e expõe. Isto eu acho interessante como os professores conseguem aplicar um projeto. Este é o único aspecto negativo e que poderia melhorar.
	externa	Hoje o curso é mais valorizado pelas políticas públicas.

Unidade de Contexto – BE20

Categoria	Subcategoria	Unidades de registro
Curso	Modelo pedagógico	Desde o início tínhamos muitas atividades de pesquisa, de contato com a área profissional, tivemos estágios no ambiente escolar e depois dentro da sala de aula, lecionando [...] sempre há pessoas que reclamam de que não há prática. No meu curso não, tivemos muitos trabalhos práticos, com pesquisa. Trabalhos que exigiam contato e observação. Os professores sempre estimularam muito a participação de todos os alunos. Discutir os assuntos. Fazer perguntas. {...} Quando perguntados, os professores sempre procuravam responder ou, caso não soubessem eram sinceros e iam em busca das informações solicitadas. As aulas sempre funcionavam com aulas expositivas, debates, trabalhos individuais ou em grupo. Trabalhos que tínhamos que apresentar em sala de aula e por escrito. Muitos trabalhos de observação, de pesquisa, de entrevista e de contato com a área de trabalho. Isto me ajudou muito a ter contato com a realidade prática. Não se pode dizer do curso como muitos dizem: tem teoria mas não tem

		contato com a realidade prática.
Avaliação	Da aprendizagem	A maior parte eram de trabalhos, de apresentação oral e escrita de trabalhos. Tanto individuais como em grupo. Muito poucas provas. Alguns professores faziam avaliação sem aplicar provas. Apenas acompanhando as discussões, a participação de cada um em sala de aula. Tudo muito informal, em debate e assim os professores avaliavam.
	Do curso	<p>O curso prepara bem os profissionais que forma para exercerem a sua profissão. Prepara bem os futuros professores. É um bom curso. Eu me sinto bem preparada para a função.</p> <p>Os professores sempre estavam bem preparados, via-se que preparavam muito bem suas aulas. Desenvolviam atividades diferenciadas. Disciplinas teóricas, lógico que tínhamos que ler bastante, muitos textos. Estes textos eram discutidos em sala de aula por todos nós.</p> <p>Eu penso que no geral os alunos gostam, meus colegas gostaram do curso. Consideram que tivemos, no geral, bons professores e com boas aulas. E uma boa formação. Consideram um bom curso como eu considero.</p> <p>Um ponto positivo são os professores muito comprometidos.</p> <p>Outro ponto eu penso que foram as disciplinas. O conteúdo das disciplinas. Não havia nenhuma disciplina que a gente pensasse assim: porque estudar isto ou aquilo. Todas as disciplinas tinham muito a ver com a formação, com o que precisávamos aprender.</p> <p>Então, o currículo do curso eu penso que foi muito bem planejado.</p>
	Externa	Acho que o curso de Pedagogia ainda não é muito valorizado. Existem muitas pessoas que inclusive dizem: porque você está fazendo pedagogia? Ou então dizem “que pena” quando sabem que estamos neste curso. Inclusive professores, não professores daqui da universidade mas professores das escolas. Dizem isto porque se diz que o professor não é uma profissão com salário muito bom. Isto já está mudando mas ainda existe muito. Se ouvem alguém dizer que está fazendo medicina pensam e olham diferente, mas pedagogia não é muito bem visto.

Quadro Síntese Entrevistas- Portugal

Unidade de Contexto – PE1 -

Categoria	Sub-categoria	Unidades de registro
União Européia	Sistema de decisões em geral	Na União Européia a forma tradicional de tomada de decisões acontece do seguinte modo: os países delegam parte da sua soberania na União Européia (...) Há então uma instância supranacional – a União Européia – que delibera e afeta as instâncias nacionais e as instituições de cada país.
	Sistema de decisões nas políticas sociais – ex. educação	Isto não se aplica a todos os assuntos, havendo áreas que os tratados europeus reservaram para a competência exclusiva dos estados membros(...) Nestes assuntos ficou acordado que o procedimento não seria o mesmo. Ou seja, que não seriam feitas leis, mas que os assuntos seriam discutidos na busca do consenso entre os países.
	Sistema de decisões Estratégia de Lisboa e Bolonha	Com a adoção da Estratégia de Lisboa foi necessária uma maior convergência de políticas nas áreas protegidas pelo que foi preciso usar uma metodologia diferente, conhecida por método aberto de coordenação. Nestes casos, após atingido o consenso, são definidos objetivos e prazos para os atingir, que expressam os consensos e os compromissos, mas não com o caráter de lei. <ul style="list-style-type: none"> - deixa-se a cada país a elaboração das leis nacionais - existe um mecanismo de acompanhamento que verifica os progressos de cada país para atingir os objetivos acordados.
Processo de Bolonha	Características das decisões	Os países elaboram leis nacionais para implementar o processo de Bolonha, o que em última instância será pelas instituições de ensino superior. Ora, aí há um “gap” em que as decisões vão se modificando. Em cada passagem de nível há uma interpretação que pode distorcer a idéia inicial. Na passagem do supranacional ao nacional e do nacional ao institucional e no processo de implementação, vão se

		modificando as idéias iniciais.
	Objetivos	A idéia foi que até 2010 todos os países estariam alinhados. Em 2010 o Consórcio dos Pesquisadores de Ensino Superior (CHER – Consortium of Higher Education Researchers) vai haver uma Conferência em Oslo para analisar criticamente os resultados.
	Origem	<p>Porque surge Bolonha? Costumo dizer que Bolonha é o Viagra dos ministros europeus sem força para implementar as reformas.</p> <p>...os ministros da França, Itália, Alemanha se reuniram com o ministro do Reino Unido e assinaram um acordo com a proposta de modificar seus sistemas de ensino superior e convidaram depois os ministros de outros países a associarem-se.(Sorbonne)</p> <p>De fato, no ano seguinte surge Bolonha que é, na verdade, uma seqüência do documento da Sorbonne, evitando no possível algumas questões mais discutíveis de Bolonha; por exemplo o termo “harmonização” dos sistemas de ensino superior foi substituído por “convergência” para evitar a idéia da uniformização dos sistemas.</p> <p>... a Declaração de Bolonha é mais genérica em relação à de Sorbonne. Precisava ser mais genérica para poder ter consenso entre todos os países. Sendo mais genérica, tornou-se mais inócua. Bolonha, por exemplo, só mencionava os ciclos e não especificava o 3+2+2 que era da Sorbonne, ou melhor, do documento de Atali.</p>
	Significado	<p>Vários países utilizaram o pretexto da implementação de Bolonha para implementar reformas para resolver problemas nacionais usando como desculpa o processo de Bolonha.</p> <p>Na verdade, o que está em jogo, é que está instalado um modelo de alta competitividade. O que se quer é criar umas poucas instituições de ensino superior de elite e massificar o restante. Com a massificação, absorve-se alunos com diferentes níveis de preparo e num sistema massificado nem todas as instituições terão a mesma qualidade. Se pensa em preservar a qualidade em algumas instituições de elite que serão altamente competitivas em nível internacional. Já estão havendo movimentos na Finlândia, Holanda e Alemanha, por exemplo, de integração de instituições para aumentar sua competitividade em termos de qualidade.</p> <p>Também outra tendência que está correndo em muitos países é a difusão de um modelo empresarial de gerir as instituições.</p>
	Viabilidade	<p>Na verdade, para que haja uma verdadeira adequação à Bolonha, não uma adequação formal mas uma efetiva, é necessário que haja mais recursos. E o que aconteceu foi que os governos nacionais viram Bolonha como um meio de reduzir recursos para as universidades, já que a duração dos cursos é menor.</p> <p>Entendo que um dos aspectos mais importantes de Bolonha é a questão do modelo pedagógico e este não muda de uma hora para a outra, não muda sem o preparo do professor e do aluno e não muda sem mais recursos. Porque é mais caro. Exige uma relação menor de número de alunos por professor porque supõe acompanhamento tutorial do aluno.</p> <p>Entendo que o modelo tradicional que caracteriza o ensino superior europeu precisa ser modificado mas, para isto é preciso de recursos, precisa de mais recursos e não menos como está acontecendo agora.</p>
	Andamento	<p>...as propostas, por exemplo, de tornar os sistemas de nível superior comparáveis para a mobilidade, a meu ver, falhou. É só tomarmos como exemplo o número de cursos diferentes que já foram criados em cada país. Na França, por exemplo, há 27mil denominações diferentes de cursos. O propósito de tornar o sistema mais claro e comparável falhou.</p> <p>Os relatórios feitos em cada ano para acompanhar o progresso da implementação tem sido sempre otimistas. Mostram o que está acontecendo, escondendo os problemas e dando sempre uma impressão de progresso. Há interesse em que seja mostrado assim pois deste modo todos os países da União Européia mostram o</p>

		<p>“sucesso” da iniciativa. No entanto, o último Trends Report elaborado pela European University Association (EUA) de dois em dois anos, para discussão na Conferência de Ministros Europeus da Educação (a última foi em Londres) já não está tão otimista. Está mais crítico e mostra que em muitos aspectos Bolonha está a ser mal implementada ou não tem conduzido aos resultados previstos).</p> <p>Sou céptico em relação à Bolonha. As instituições de ensino superior portuguesas se adaptam porque precisam por força de leis nacionais mas, de fato, esta adaptação é pouco efetiva.</p>
	Andamento em Portugal	<p>Porque houve retardo no início do processo? A Lei de Bases do Sistema Educativo que havia sido aprovada pela Assembléia da República era incompatível com o Processo de Bolonha. Incompatível porque especifica e detalha graus, por ex., impossíveis de conciliar com a proposta de Bolonha. ... era preciso alterar a lei de bases, o que só podia ser feito pela Assembléia da República, o que não é fácil porque o sistema eleitoral português torna difícil que um único partido tenha maioria parlamentar. Por isso foi preciso esperar por uma nova maioria parlamentar e por isso somente agora é que se conseguiu uma alteração naquilo que é preciso para a adequação à Bolonha. ... quando saíram as normativas (decreto-lei) as instituições tinham apenas um prazo de 15 dias para apresentar as propostas e todos imaginavam – incluindo no Ministério – que, como estava muito encima da hora, não haveria muitas propostas propostas. Ao contrário, foram encaminhadas ao Ministério 1800 propostas. Ou seja, significa que a adequação não foi feita a sério. Foi feita apenas para ser apresentada.</p> <p>Quem mais apresentou foram os politécnicos e as instituições particulares porque achavam que se não o fizessem, ficariam fora do processo e em posição competitiva desvantajosa em relação às outras instituições.</p>
	Modelo pedagógico	<p>Entendo que um dos aspectos mais importantes de Bolonha é a questão do modelo pedagógico e este não muda de uma hora para a outra, não muda sem o preparo do professor e do aluno e não muda sem mais recursos.</p> <p>... o modelo pedagógico volta o docente para o ensino mas o professor é avaliado pela sua carreira de investigador e não de docente. Os estímulos estão focados na investigação e então ele vai continuar se dedicando à carreira científica e não aos aspectos pedagógicos.</p>
	Posição Inglaterra	<p>O que acontece com a Inglaterra em relação à Bolonha? Ela não tem interesse em Bolonha porque não tem interesse nos alunos da União Européia. Se recebe alunos da UE, eles pagam o valor das propinas (taxas) que os alunos ingleses pagam enquanto que se eles recebem alunos de outros países, podem cobrar muito mais.(...) Então, eles estão recebendo muitos alunos dos emirados árabes, por exemplo.</p>

Unidade de Contexto – PE2

Categoria	Sub-categoria	Unidades de registo
EEES	mobilidade	Uma aproximação, não de uma uniformidade, mas que permita a mobilidade interna entre os países da UE, para que não aconteça o que tem acontecido no passado: os jovens estarem a estudar num país, terem seus graus académicos num país e não terem estes graus reconhecidos noutro país.
	Comparabilidade	Foi somente a partir de 1983 que se permitiu a equivalência com o Decreto-Lei 283/83, mas, mesmo assim, com muitas resistências.[...] Somente na passagem do século XX para o XXI se introduziu a figura do registo de graus, mais expedito e congruente que o demorado processo de reconhecimento ou equivalência; mais adequado também, na medida em que não desenvolve novamente um processo de avaliação mas registra o que foi já devidamente avaliado, em instituições europeias ou outras internacionais de consagrada notoriedade.
Metodologias de ensino	características	Em outros tempos, sobretudo nas universidades, o que se ocorria na maior parte dos casos eram aulas magistrais, em que os estudantes se comportavam muitas vezes passivamente no processo de aprendizagem.[...] O estudante tem que ser interveniente, ativo e criativo no próprio processo de formação; tal imperativo que já se verificava no passado nalgumas disciplinas ou seminários, ampliou-se a todo

		<p>o universo de formação, o que, por si só, foi um êxito.</p> <p>As aulas magistrais tinham que dar lugar a um outro tipo de aulas mais criativas, mais tutoriais. E este processo não se faz de um dia para o outro, é longo e ainda estamos nessa caminhada. Hoje também, as novas tecnologias facilitam o processo, ao longe e ao perto...[...]. Isto exige que haja professores a acompanhar este processo que não é compatível com turmas de 100, 200 alunos.</p> <p>Pretende-se, afinal, valorizar um paradigma que favoreça a participação activa e crítica do estudante (baseado numa pedagogia de pesquisa), em vez do actual modelo de ensino magistral e enciclopédico (baseado na transmissão de conhecimentos). Por outras palavras, o escopo é que o processo de formação vise a aprendizagem do estudante, do tipo “aprender a aprender”, como passo imprescindível para possibilitar uma aprendizagem contínua. O analfabeto do século XXI não será quem apenas não saiba ler e escrever, mas quem não seja capaz de aprender, desaprender e reaprender. A etapa em que era necessário estudar muito durante poucos anos para trabalhar toda a vida, está já superada; vai sendo substituída por uma outra, em que é necessário estudar toda a vida para desse modo poder laborar.</p>
	dificuldades	Ora , as universidades em Portugal, nestes últimos anos, estão com problemas de financiamento, não há contratações há vários anos, não há renovação do quadro de professores. Quando esta visão neoliberal é introduzida pelos governos na universidades, acaba por ter os seus problemas porque este processo de aprendizagem requer turmas menores, alunos e professores mais ativos. Requer menos; unidades curriculares (e elas foram reduzidas em todos cursos) para que os alunos tenha mais tempo para ler, estudar, refletir, desenvolver a sua atividade crítica, fazer os trabalhos, monografias, etc.
Políticas governamentais	Retirada do Estado	É preciso que isto não esconda um outro lado do que está a acontecer, a progressiva tentativa de retirada do Estado do ensino superior e uma interferência do Estado na autonomia da universidade.
	autonomia	Autonomia é uma palavra que se pronuncia muito mas que se aplica pouco. Já houve. Nas últimas décadas do século XX houve autonomia das universidades. Agora todas as universidades estão alterando os seus Estatutos e este processo poderá ter alguns elementos positivos, mas, como a própria lei é muito pormenorizada, vai obrigar as universidades a ter um modelo muito próximo umas das outras, enquanto até aqui as várias universidades singularizam-se também pela sua matriz. Este processo, a estrutura dos órgãos de governo e a própria governabilidade estão agora mais reguladas.
	Fundações de direito privado	A fundação pública de direito privado é uma figura cujos contornos não são claros. Alguns juristas de renome com quem falei dizem que não sabem muito bem o que é, a lei não está clara, e não tem havido um esclarecimento das implicações nas suas várias dimensões .
	Orçamento	A cada ano o governo aprova o orçamento das universidades e, mais, nunca se sabe qual vai ser o orçamento (com as cativações que sempre existem e por falta de cumprimento ou alterações da fórmula de financiamento). Por exemplo, há 2 anos a Uminho deveria ter um aumento considerável no seu orçamento para 2006/07 e o Ministério introduziu o fator de coesão e neste último orçamento chamou-lhe de fator de saneamento; todavia, sempre serviu para que orçamento não subisse de acordo com os resultados da fórmula, e fosse beneficiar outras instituições (a título da coesão ou de saneamento dessas instituições com alguns problemas). E então a UMinho sempre acabou por ficar prejudicada e a situação repete-se ano após ano.
	Cenário	É um cenário de insegurança, de intranquilidade grande e as atividades do ensino e de investigação vão se ressentir com a actual situação.

Unidade de Contexto – PE3

Categoria	Sub-categoria	Unidades de registo
Documento oferta formativa	- origem	Temos várias circunstâncias que levam a instituição a refletir internamente sobre esta questão: a oferta começa a ficar tão diferenciada , em formatos, objetivos... e neste momento começa a ficar difícil nos reconhecermos internamente. Fora isto, em 2006, já no quadro do Processo de Bolonha, há um Decreto-Lei que regulamenta toda a oferta formativa em Portugal. Esta foi a razão primeira: corresponder a este quadro legal e ordenar a oferta internamente.

		<p>Este documento foi aprovado em 2006 e de lá para cá as coisas foram se alterando. O que não estava previsto era a possibilidade de alguns programas serem oferecidos com outras universidades e agora já temos parceria com Aveiro, Porto, Lisboa, Santiago de Compostela.</p>
	- princípios	<p>- se deve pensar em termos de educação ao longo da vida. Em função de um conjunto vasto de públicos, deve prever a oferta para este público.</p> <p>- a possibilidade de que se possa acumular créditos .fazer 5 créditos, mais 5, por exemplo e depois isto se transformar num curso tal ou tal, num mestrado ou ao nível do doutorado.</p> <p>- Nossa aposta aqui é de que à investigação seja conferido um lugar central, que ela esteja bem posicionada nisto. O que significa principalmente uma aposta forte nos mestrados e doutorados.</p>
Formação ao longo da vida	Novos públicos	<p>Temos aqui um curso que visa preparar pessoas que por qualquer razão não vieram para a universidade na idade certa. Prepara-se para um exame especial de acesso. Esta modalidade de acesso existe há muito tempo em Portugal mas tem sido sempre uma modalidade residual. Mas há uma intenção de que ela seja mais significativa agora. Então baixamos a idade para acesso a esta modalidade. Antes era só os maiores de 25 anos, antes os candidatos não podiam ter o nível secundário e agora podem.</p> <p>A mesma coisa temos com os cursos de especialização tecnológica, cursos que são feitos em parceria com outras instituições e que são cursos de natureza pós-secundária, sendo que os créditos adquiridos podem ser aproveitados quando no ingresso na universidade.</p> <p>Esta preocupação é seguida com os cursos de mestrados e doutorados e ainda com dois tipos de cursos que foram aqui criados. Que são cursos de formação especializada, que ficam na faixa do segundo ciclo, que se aproximam muito das partes curriculares dos mestrados mas que outras vezes não tem esta aproximação.</p>
Cursos	Origem	<p>Há diversas lógicas. Muitas vezes á claramente alguns cursos que decorrem da verificação de que há um público que quer este tipo de formação. Que há públicos disponíveis. Mas há também outra lógica que é o desenvolvimento da própria investigação e que chegam a conclusão que para a consolidação deste trabalho cabe, é necessária a criação de um doutoramento na área, por exemplo.</p> <p>Além disto existem outras lógicas. Estamos num momento que é simultaneamente estimulante mas estamos também num momento em que as coordenadas não estão muito claras. Tivemos que refazer de forma radical a nossa oferta, por exemplo, as Licenciaturas eram de 5 anos e passaram para três anos, na maior parte. Então ficam a descoberto um conjunto de professores, de trabalho, então a idéia é complementar as ofertas. Em alguns casos sabemos que há público, outros sabemos que não há e há casos em que não sabemos se há ou não há. Estamos ensaiando. Mas esta é de fato uma zona mais fluida.</p>
	Critérios e dificuldades de aprovação	<p>Nós aprovamos os cursos internamente mas precisamos esperar a validação no Ministério (isto demora e enquanto isso não podemos ofertar) , o registro. O Ministério tem um conjunto de critérios e estes estão , de alguma forma expressos em regulamentação oficial. Mas às vezes tem acontecido que propomos algo que, a nosso ver , atendem os critérios, mas que não passam.</p> <p>Na área da saúde , por exemplo, sempre precisa passar por uma comissão que dá parecer. Esta área é muito tensa, porque há uma grande procura e as instituições querem cursos nesta área. Pode acontecer e já aconteceu que critérios que não estavam expressos e que subitamente são ativados.</p> <p>(....) neste quadro, de modificação de oferta, o Ministério decidiu, em interação com as instituições, que a formação dos professores deveria passar a ser feita ao nível do mestrado, saiu regulamentação para isto, e as universidades foram avançando com suas propostas. E o retorno do Ministério teve uma resposta muito demorada. E foi demorada, provavelmente porque o que está hoje dito é que nas IES publicas, a abertura de cursos de mestrado para a formação de</p>

		professores, depende de parecer favorável do Ministério da Educação. Ora, ele é o principal empregador e se sabe que há um excesso de professores, de professores no desemprego, e as autorizações até agora não vieram. O Ministério está claramente interessado em reter a oferta. Então não estamos formando mais em nível de primeiro ciclo e nem no segundo ciclo. Precisamos da autorização que não aconteceu ainda. Temos alguns estudantes residuais de Licenciaturas de 5 anos mas enquanto não sai a autorização, não se forma novos professores.
	- design dos currículos	A Universidade do Minho tem um modelo matricial..... Aqui, então, os cursos são tidos como projetos. Projetos autônomos, com uma gestão própria.(.....) Tínhamos aqui alguns cursos que eram bastante exemplares da estrutura matricial. Cursos que tem a participação de muitos departamentos, e em que é impossível dizer que é desta ou daquela escola.. Este modelo, para além dos benefícios financeiros e de gestão de recursos humanos, tinha grandes vantagens pois promove associação de pessoas com muitas perspectivas e visões diferentes.... Isto é ideal de um ponto de vista pois o grau de intervenção de um departamento pode influenciar demais. Mas quais foram os efeitos que eu diria que não foram muito bons e que grande número de meus colegas concorda. É que esta reconversão dos cursos, passando de 5 e 4,5 anos para 3 anos, implicou que os departamentos que tinham um peso específico mais forte nos projetos, se tivesse havido uma distribuição proporcional, poderiam, sentir-se desapossados. E então o efeito perverso foi que houve uma tendência para uma maior concentração nas componentes fundamentais, estruturantes do curso. Por exemplo, se tenho um projeto com 40% de unidades curriculares da Escola de Engenharia, 20% da Escola de Ciências, 20% da Escola de Ciências Sociais e mais 20% de outra Escola qualquer. A redução de 5 para 3 anos, tem como efeito a perda de posição, se mantida a proporcionalidade, das unidades mais estruturantes. Portanto houve uma tendência para sobretudo valorizar aquelas componentes mais identitárias, com algum empobrecimento dos currículos.(...) O problema é que depois estas lógicas departamentais se sobrepõem à própria idéia estruturante do currículo.
Metodologias	- inovadoras	Desde há muito tempo tínhamos programas de combate ao insucesso escolar, também iniciativas a alterar as metodologias de trabalho no interior das unidades curriculares, certos movimentos (ora mais ora menos consistentes) de alterar a avaliação puramente somativa, através dos exames.... é certo que Bolonha acelerou, deu outro tipo de cobertura para experiências neste sentido. Há muito boas experiências nesta direção. Por exemplo experiências que garantem a ultrapassagem de questões como a fragmentação do currículo, o que se chamava antigamente de currículo coleção. E que existe muito na universidade dada a autonomia dos professores que são pesquisadores... há algumas iniciativas que estão a obrigar as pessoas a modificar as suas formas de trabalho, a serem necessariamente mais colaborativas. Existem cursos na área de engenharias e também da área de ciências em que o currículo foi todo reformulado dando uma centralidade para a idéia de projeto. A idéia orientadora são os projetos e para eles concorrem as várias unidades curriculares. Elas tem que ser pensadas em função dos projetos e isto obrigou os professores a pensar e repensar as formas de relacionamento entre si, encontra novas formas de integração entre o trabalho, novos dispositivos de avaliação e novas estratégias de trabalho. Outra modificação que também gerou mudanças foi a modularização dos cursos. As unidades curriculares deixam de aparecer justapostas, mas se passa a tomar uma determinada unidade curricular e juntamente com outra trabalhar a partir de certas afinidades e potencialização mútua, ou então agrupar as unidades curriculares em módulos para garantir também alguma coerência.
	- tradicionais	E aqui eu não posso fazer juízo de valor sobre isto pois é preciso levar em conta as condições objetivas, as circunstâncias que existem em cada escola. Por exemplo se formos na área de Direito, encontrará na mesma sala 300 alunos. O que os meus colegas dizem é que estão a fazer esforços mas as condições não são propícias. Independentemente da área o que temos que considerar é que a idéia de mudança existe.
Carreira	Ênfase na	Há uma questão que quase nunca entra nesta análise: a verdade é que seja-se um

docente	investigação e não no ensino	<p>excelente professor, preocupado com a aprendizagem, com os resultados , etc, ou seja-se um mau professor, aquele que dá sua aula e que não se compromete nem se envolve, isto não tem nenhum impacto na carreira académica do docente. O Estatuto da carreira do docente universitário em Portugal é muito pouco sensível ao aspecto pedagógico. Dizem que está para mudar mas fiz meu doutoramento em 1994 e já se falava que ia mudar.</p> <p>Privilegia claramente a função de investigador e não a de docente. Até porque não há como ter dados sobre isto, não há informação sobre este aspecto. (...) Este modelo de Bolonha exige muito mais no aspecto pedagógico. a universidade está a dizer que o trabalho pedagógico deve ser valorizado mas, ao mesmo tempo a universidade valoriza o aspecto da investigação e isto gera um quadro contraditório. Isto é perturbador para o professor. Se os professores tiverem que fazer uma aposta em sua carreira académica, é lógico que vão apostar na área de investigação e não na da docência, pois a primeira vai contar e a outra não.</p>
	e-learning	<p>Este recurso de uso das plataformas é de uma exigência brutal com as pessoas se as quisermos utilizar. É muito diferente pois o professor não dá mais a sua aula e vai embora mas está a todo o tempo com sua caixa de correio cheia com questões colocadas pelo aluno e precisa interagir com eles. É preciso preparar o material, atender o aluno, etc... sou um aprendiz destas coisas , existe um potencial mas este potencial exige dedicação do professor.</p>
Bolonha	- Situação Universidade do Minho	<p>Diria que hoje temos a maior parte dos cursos nos moldes de Bolonha. Temos um ou dois cursos em 50 que ainda não estão definidos pois estão no Ministério.</p>
	Visão	<p>Nos últimos 5 anos nesta instituição está tudo a mudar, a todo o tempo. E não se tem tido o tempo para o necessário distanciamento, Não se pode parar para pensar refletir, pensar estratégias, pensar objetivos. Temos metas, até o ano tal, tem que estar tal coisa e não se pode parar. Não se pode parar para refletir e para pensar. Diria que o efeito perverso deste processo pode ser que alguns dos objetivos fundamentais não serem suficientemente internalizados e podem se perder ou se tornar uma mera retórica, uma capa retórica. Somente forma sem conteúdo e isto é preocupante pois penso que não houve suficientemente tempo para preparo das instituições.</p> <p>Mas, penso que, de outro lado e de qualquer forma Bolonha acaba por forçar – em alguns casos pode ser só na aparência mas em outros casos não será só na aparência - algumas modificações que eram necessárias e que não teriam acontecido de outra forma. (...) O que se pode dizer que hoje não há uma reunião na universidade em que as questões da pedagogia não sejam discutidas. Isto há 15 anos atrás era absolutamente impensável. Era só o pessoal da educação quem falava nisto. Quem ousava falar nisto....só falava uma ou outra pessoa porque não era uma preocupação geral. Hoje tornou-se. Portanto é bom que isso tenha acontecido.</p> <p>O processo todo tem uma vantagem grande por ter posto a universidade portuguesa em contato com as outras universidades do circuito europeu. A questão da comparabilidade dos graus me parece uma medida muito interessante para nós. Outro aspecto interessantíssimo são os programas de mobilidade que tem sido, provavelmente uma das melhores aquisições para os alunos. Eles vão para fora mas temos aqui um problema porque as bolsas não lhes permitem viver em alguns países e precisa um investimento adicional das famílias. Neste caso há uma discriminação social clara pois os jovens famílias menos recursos poderão ir para a Espanha mas para a Inglaterra não.</p> <p>É claro que há aqueles que tem leituras mais perversas sobre este processo. Por exemplo, fazem perguntas como: este processo não visa sobretudo reorganizar o sistema europeu, introduzir diferenças, torná-lo competitivo e, neste caso, penalizar alguns países periféricos. Quer queiramos quer não, neste quadro, mesmo trazendo algumas vantagens, traz também desvantagens.</p>
	Impacto sobre professores	<p>... do ponto de vista dos professores, tem sido um processo que está sendo muito exigente. Porque está a obrigar a pensar, a refletir, muitas coisas ao mesmo tempo: é o desenho dos cursos, o desenvolvimento , a aprovação, a acreditação . São as mudanças da orgânica da própria universidade. Tudo ao mesmo tempo.</p>

		Cria também um certo grau de saturação nos professores que de alguma forma e em alguns momentos se sentem muitas vezes afastados de suas funções normais que é investigar e ensinar.
	Impacto sobre alunos	... afirmam que não foram envolvidos no processo, que foram colocados diante de quadros já desenhados, que foram prejudicados. Algumas das preocupações deles são relativas às formas do trabalho pedagógico, às formas de avaliação. Também se preocupam com a questão do financiamento porque repercute diretamente na questão das propinas.

Unidade de Contexto – PE4

Categoria	Subcategoria	Unidades de registro
Orgânica Interna do Conselho	- composição	<p>O Presidente do Conselho Acadêmico é o Reitor.</p> <p>... o Conselho Acadêmico é o órgão em que estão representados todos os outros órgãos da Universidade.</p> <p>... estes Presidentes dos Conselhos de Curso estão aqui no Conselho Acadêmico. Estão também os Diretores de Escola. Temos os Diretores dos Centros de Investigação da Universidade. Todos eles tem assento. Temos depois os alunos. A representação dos alunos, da Associação Acadêmica e de outros órgãos que estão ligados ao governo da Universidade.</p>
	- composição: natureza do cargo	<p>Sou o Vice-presidente, embora costumem me intitular Presidente porque o Reitor delegou a mim as funções da Presidência.</p> <p>O Vice-Presidente é escolhido pelo próprio Conselho. É indicação direta dos professores catedráticos das Escolas. Todos os professores catedráticos são elegíveis. Os membros do Conselho de dois em dois anos elegem o vice-presidente.</p>
	- competências	<p>O Conselho é o órgão que define as políticas da Universidade a nível científico e pedagógico...</p> <p>... desde que o curso seja creditado, e haja de fato um diploma, ele tem que ir ao Conselho.</p> <p>(o Conselho Acadêmico) Fundamenta as decisões mas não decide. Só decide uma coisa, que está no Regulamento. A única coisa é esta: O Conselho Acadêmico quando dá parecer sobre a criação de um curso, o Senado não pode ir contra.</p> <p>Tudo se discute aqui . O que não invalida que uma Escola não queira fazer ela esta discussão.... agora, há um sentimento por parte da comunidade acadêmica de que qualquer problema que tenha a ver com a pedagogia, com a organização da universidade, digamos de ordem de ensino, de investigação etc.. é afeto ao Conselho.</p> <p>... na minha gestão eu apenas tive uma única iniciativa, aliás tive duas, mas uma mais interior, mais em nível da universidade, que foi fazer um encontro na visão das diferentes Escolas e cursos no sentido de discutirmos Bolonha. Foi uma iniciativa de grande visibilidade , como é obvio, porque num determinado dia teve uma reunião em que todas as Escolas participaram, num grande anfiteatro que nós temos e lá estavam muitas pessoas e em que foi discutido Escola a Escola o que pensava sobre o projeto de Bolonha....Uma outra, ainda sobre Bolonha é mais interna que foi a criação do que chamamos uma “task force” para a criação dos cursos, que está em vigor neste momento, é a tal que em vai agora em fevereiro... e está assoberbada com a análise , etc. É uma Comissão criada especialmente, de 13 membros, um núcleo duro de 4 , e depois juntam-se mais 9 das escolas e que vai exatamente tomar algumas decisões que depois leva ao próprio Conselho.</p>
	- funcionamento	<p>O Conselho tem um plenário e comissões.</p> <p>O Conselho funciona com Comissões Especializadas. Há uma Comissão Pedagógica, há uma Comissão Científica, há uma Comissão de Pós-graduação.</p>

		<p>Há também Comissões especiais. Não somos nós que criamos mas podemos promover... são sugeridas pelo trabalho das Escolas, dos Conselhos Científicos próprios de cada Escola.</p> <p>É no órgão máximo, portanto, na reunião plenária (do Conselho) é que se define.</p>
	- relações: internas	... são mais ou menos umas 80 pessoas. Ora, bem, é muito difícil ter uma reunião e chegar a consensos com 80 pessoas.
	- relações: com Reitor	<p>Eu não pertenço à equipe reitoral . O Reitor aceita e tem que aceitar porque é a universidade quem elegeu . Eu até poderia ser contrário à política dele... não é o caso.... nos damos muitíssimo bem, estou muito contente com o reitor que tenho e ele também está contente comigo mas, de qualquer maneira.... portanto eu sou relativamente independente.</p> <p>... o próprio reitor quando tem dúvidas ou problemas põe-nos. Muitas vezes até coisas que não são propriamente do foro do Conselho Acadêmico, mas que ele quer saber minha opiniãoa opinião do Conselho.</p>
Políticas científicas e pedagógicas	- referenciais internos para definição	<p>(são) os Conselhos Científicos que estão realmente a definir a política de cada Escola e que depois a confrontam aqui com todas as outras Escolas e o Conselho tenta encontrar um denominador comum, digamos, para esta política...</p> <p>Portanto, como vê , o Conselho tem esta definição das políticas e o referencial são as próprias Escolas ou a própria contingência que estamos vendo...(Bolonha)</p>
	- referenciais externos para definição	... aconteceu muitas vezes que o Conselho Acadêmico tem que tomar iniciativas... tem que chegar e dizer às Escolas: temos que fazer isto...Por exemplo: a propósito de Bolonha, nós temos um Regulamento de Avaliação, com a entrada em Bolonha, está invalidado...
	- modelo matricial	A Universidade adotou o modelo matricial. Ora, o modelo matricial aqui é claríssimo. Estamos aqui com todos e minha função é ser uma espécie de fiel da balança de todos os entendimentos, das diferentes Escolas que definem suas políticas particulares e que nós temos que juntar... o Conselho é que tem que juntar...não sou eu..
	- formação científica dos docentes	<p>... a universidade tem uma política extremamente pró ativa de doutorado para os assistentes o mais breve possível.</p> <p>... hoje em dia temos uma grande percentagem de docentes com doutorado.</p> <p>... penso que a universidade não se pode considerar insatisfeita com o nível de exigência e de formação científica dos docentes.</p> <p>... legislação recente passou a impor que, para certificar mestrados e doutoramentos, as instituições devem ter um número determinado de doutores e/ou mestres.</p> <p>Não se faz um doutor de uma hora para outra, são anos de trabalho... por exemplo,aqui na universidade não sei o percentual mas devemos ter 60 ou 70% de professores doutorados.</p>
Autonomia curricular	- papel Departamentos	<p>Normalmente um curso vem do Departamento. Há os Departamentos, por exemplo, na Escola de Engenharia há um Departamento de Engenharia Civil e, de repente, ele considera que o curso tem, tem que ser reformulado. A partir daí gera-se o processo, quer dizer. Logo, é o Departamento ,em principio quem gera os cursos, mas, atenção, há cursos que, por sua natureza, tem que ser interdepartamentais e até inter - Escolas.</p> <p>...cada Departamento destaca uma pessoa ou pessoas e forma-se um grupo de trabalho que começa a pensar sobre isso. Até chegar a um acordo.</p> <p>Em rigor o Departamento é quem inicia.O Departamento é a célula – para mim é uma das células mais importantes da Universidade porque é aí que tudo acontece. E tem muita autonomia, o Departamento tem autonomia... isso se justifica de alguma maneira porque é ali que estão os especialistas ... os cientificamente mais competentes. Portanto não há razão para que sejam condicionados.</p>

	- papel Escolas/Conselho Científico	Olha bem, isto está nos Estatutos, eu penso, que por uma razão muito simples. Se considera que o problema de um curso é um problema estritamente interno... Não é um problema de política, ou seja, se uma Escola apresenta um curso que nós consideramos que é bem estruturado, que tem sentido, que tem valor, não cairia bem se o Senado não o aprovasse..
	Papel Conselho Académico	... se um curso é aprovado aqui, o Senado não pode se opor. O Conselho Académico não cria mas dá um parecer que é vinculativo. Isto é, se o Conselho Académico disser, nós aprovamos este curso, o Senado não pode recusá-lo. Ao contrário se a gente diz este curso não deve ser criado, o Senado não pode criar. É parecer vinculativo. .. temos aqui dois documentos que foram aprovados pelo Conselho Académico. Cá está, são despachos reitorais : Orientações para apresentação de propostas de criaçãoum sobre o sistema de aplicação dos créditos ECTS e outro sobre a organização das propostas. Estas orientações , estes documentos, as Escolas são obrigadas a respeitá-los e portanto aí não podemos ter contemplações . É uma coisa que o Conselho aprovou e no Conselho estavam lá presentes todas as Escolas, ...vale para todosportanto. Por outro lado há aqui um ponto , nós temos no Conselho Académico uma Assessora Jurídica da Assessoria Jurídica que foi destacada para cá ...e que me dá assessoria técnica . Ou seja, se tenho uma duvida , ponho-lhe o problema e no que respeita à legislação, regulamentos etc..... não tem que mexer na parte pedagógica ... é só na formatação ...quer dizer, se este artigo está claro... da lei ... porque se está a respeitar a lei.
	- papel Senado	(o Senado) É o órgão deliberativo. Nós damos pareceres, o Conselho Académico dá pareceres. Fundamenta as decisões mas não decide.
	- papel Reitor	A universidade tem uma capacidade orçamentária e isso é objetivo, por exemplo, se o Reitor perceber que a criação de um curso vai implicar em perdas financeiras grandes ou não... sabe que o curso é bom cientificamente, muito bem... pedagogicamente é excelente, muito bem... mas acha que financeiramente é um desastre , não manda...
Reestruturação Curricular	- critérios internos	(para a extinção) O principal é a falta de alunos. É o principal...Outra razão, que penso que não é o caso mas que poderia ser razão, é começar a se verificar que o curso não tem qualidade, se de um momento para outro começássemos a verificar que um curso, por qualquer razão, não tinha qualidade suficiente, acho que a Universidade tinha que chamar a atenção e propor seu encerramento.Mas isso é um caso mais hipotético... no caso...
	- critérios externos	Nós estamos com um caso particular...Bolonha...em que há uma reformulação completa dos cursos consoante normativos que foram fixados pelo governo em parte e outros foram fixados por nós, pelo Conselho...
	- Bolonha: pioneirismo	Ora bem, nós já estamos a trabalhar em razão de Bolonha há muito tempo. Por uma razão muito simples, um dos nossos primeiros reitores foi o prof. Machado Santos...foi reitor durante bastante tempo, nove anos talvez...esteve envolvido nos primeiros passos de Bolonha em 1999 e incutiu aqui na universidade ...a idéia de que realmente Bolonha era indispensável para que começássemos a falar nela.
	- Bolonha: aspectos formais	De modo que a Universidade do Minho mesmo antes, foi a primeira universidade em Portugal que criou uma das coisas boas da discussão de Bolonha que é o Suplemento ao Diploma ... foi o atual reitor também desde há 2 anos vem incentivando experiências pedagógicas, que, digamos, criassem condições para formatar os cursos de acordo com Bolonha... sobretudo na Engenharia e na Escola de Medicina e estas experiências realizaram-se sobretudo no ano passado e estão a realizar-se sobretudo neste ano, e com apoio financeiro. Nós tínhamos licenciaturas de 4 anos ou 5 anos.Vamos passar para 3 anos, algumas mantém os 4 e outras os 5. Estes que se mantêm serão fundamentalmente a arquitetura e a medicina e , porque são realmente cursos que não... e que aliás vão ser chamados de mestrados integrados. Bolonha como sabe tem como principal característica ter o primeiro ciclo de 3 anos e mais 1 ciclo de 2 anos . Portanto, o 3+2 é o que vai ser mais freqüente. Esta é uma decisão lógica e sensata . Portanto,é qualquer coisa que para nós não é

		<p>muito complicado ...</p>
	- Bolonha: aspectos pedagógicos	<p>... Bolonha supõe uma transformação em termos de transformação do curso sob o ponto de vista pedagógico...</p> <p>...dar muito mais relevo ao trabalho do aluno e à maneira como o aluno aprende do que propriamente aquilo que ele aprende ... aquilo aprovado pelo ministério não é o programa da unidade curricular mas os resultados esperados da aprendizagem do aluno... e é mesmo isto, transformação da aprendizagem de conteúdos para a aquisição de competências ... ora eu penso que isto é que é o aspecto fundamental porque embora seja verdade que, não só na universidade como em qualquer outro lugar, que a pessoa tem que aprender alguma coisa, tem que aprender algo. O que é importante que aprendam são os fundamentos do que se aprende e não propriamente o que se aprende... nós não vamos pensar que a universidade vai deixar de ensinar coisaso conteúdo continua... é evidente...</p> <p>... temos que ver e como trabalham na Escola de Medicina ... sei que é uma coisa completamente diferente . Entram às oito da manhã saem às seis da tarde, não tem aulas clássicas, têm um lugar no computador para duas pessoas, tem projetos, tem salas de estudos. e se vê professores que passam de um a um orientando. E os alunos trabalham lindamente e tem resultados magníficos. Estão bem formados, gostam do que estão a fazer, quer dizer...é completamente diferente.</p>
Avaliação	- referenciais	<p>São os referenciais que os professores criam através de seus próprios estudos, suas próprias investigações ...</p> <p>... partimos do principio de que existem grupos que estudam, com base, evidentemente nas idéias que surgem, dos referenciais próprios, digamos, da investigação que cada um faz ...e isso é importante... que vem da investigação das pessoas,não é? E como temos, realmente duas Escolas que se dedicam à educação, temos um vasto grupo de pessoas que estudam este assunto, estas idéias e podem dar contribuições.</p>
	- de alunos	<p>... uma das coisas que imediatamente quisemos fazer foi transformar a avaliação digamos, mais ou menos clássica para uma avaliação mais moderna, a idéia de que era preciso uma avaliação sobretudo contínua.</p> <p>...A avaliação contínua exige ..., como agora em Bolonha vai exigir... grupos pequenos, regime tutorial, muito apoiado etc.</p>
	- interna	<p>...foi criado um gabinete e entregue a uma Pró- reitora, que é o GAQE - Gabinete de Avaliação e Qualidade do Ensino. Este Gabinete realiza inquéritos anuais, por disciplina e por curso, com os alunos. E já fez também questionário aos professores.</p> <p>Foi uma coisa discutida, eu pessoalmente acho que faz sentido porque sempre pode aparecer um ou outro aluno que brinca com isto ou não é sério mas a maior parte são sérios. E são muito objetivos: se gostam, gostam e se não gostam não gostam. Não confundem, por exemplo a qualidade humana do professor com competência. Não confundem, por exemplo com os excessos de uma avaliação mesquinha.....</p> <p>O professor recebe o resultado, recebe o protocolo com os resultados . Este resultado não é publico, só ele sabe. É evidente que a partir dele pode pensar como fazer... é avaliado numa escala de 5 pontos. Eles fazem a média. Por ex., num item que seja - o prof. recebe bem os alunos - se tiver 2.5 é médio . Se tiver 4.0 está acima e se tiver 1.0 deve melhorar. Claro, esta avaliação não tem quaisquer efeitos em termos de sanções ou de prêmios para os docentes.</p> <p>...acho que o grande cuidado que se deve ter numa casa destas é precisamente na admissão e, depois, no momento exato em que é possível decidir ele fica ou não fica. Temos nas mãos a hipótese de não efetivar o professor. O sistema é ...o professor faz o Doutorado e, nos primeiros 5 anos está em estágio probatório ,ao fim de 5 anos faz um relatório e o Conselho Cientifico das Escolas diz: “ tem condições, pode ficar”. Este é que é o momento de dizer. Se ao fim de 5 anos ele não apresentar condições, então....</p>

	- externa	... aliás tem havido também avaliações externas porque para além da avaliação que nós fazemos internamente, existe, de parte do Ministério uma estrutura que avaliou já varias vezes os cursos e faz relatório sobre eles, e avalia-os em comparação com as diferentes Universidades.
--	-----------	---

Unidade de Contexto – PE5

Categoria	Subcategoria	Unidades de registo
Orgânica Interna do Instituto	- natureza do cargo	O presidente do IEP é também presidente do Conselho Científico que é o órgão de gestão académica que dirige a actividade científica do Instituto.(...) O presidente representa o Instituto no Académico, e nos restantes órgãos da universidade.
Políticas científicas e pedagógicas	- modelo matricial	... (sobre a discussão de Bolonha) ... o próprio Conselho Académico, de acordo com o modelo matricial da universidade, é o espaço natural para essa discussão. Eu diria que é uma reflexão que se estabelece também no seio das escolas.
	- formação científica dos docentes80.5% do corpo docente do IEP ser doutorado, isto significa que o Instituto, para além da capacidade de desenvolvimento da investigação, tem igualmente capacidade para desenvolver novas áreas de intervenção, para além da oferta de formação tradicional em Educação e Psicologia, particularmente em novas áreas de intervenção ligadas à aprendizagem ao longo da vida, formação contínua, e captação de novos públicos, nomeadamente na formação profissional.
Autonomia Curricular	- papel dos departamentos	O pensamento emergente neste domínio enquadra-se numa estratégia de desenvolvimento, inicialmente apresentada e discutida no Científico e no Conselho do Instituto ou resultante das reflexões realizadas pelos departamentos.
	- papel Escolas/Conselho Científico	O Conselho Científico desenvolve uma análise das iniciativas e projectos na perspectiva da política da escola, nomeadamente através de um “olhar” macro sobre as propostas dos departamentos e da sua articulação com os objectivos e políticas do Instituto.
	- papel Conselho Académico	A principal função é de definição global das políticas de oferta de formação da universidade e da regulação da mesma. Na situação presente de reestruturação no âmbito de Bolonha, por exemplo, há uma preocupação muito grande na reorganização da oferta formativa da universidade, tendo com referência a construção do pensamento e dos modos de intervenção para o futuro no contexto europeu.
Reestruturação Curricular	- Bolonha : ciclos	Os primeiros ciclos foram já reorganizados e estão em funcionamento no presente ano lectivo. O processo de reorganização compreendeu, fundamentalmente, a adequação das formações existentes à nova estrutura curricular, para os primeiros ciclos; e a criação dos cursos de 2º ciclo (mestrado) e 3º ciclo (doutoramento), cujo processo está ainda em desenvolvimento. De facto a UM conseguiu organizar o processo de mudança com celeridade.Neste sentido, a universidade procurou concluir a reorganização da oferta formativa no 1º ciclo ao longo do ano passado.Para além deste esforço, que inclui a criação de um número significativo de cursos de 2º ciclo, nomeadamente em Educação e Psicologia, estão ainda em funcionamento os mestrados académicos no formato pré-Bolonha. ...posso relatar o que tem vindo a ser realizado no domínio da formação dos professores que será conduzida exclusivamente ao nível dos cursos de segundo ciclo. A habilitação profissional para o exercício da função docente, de acordo com o quadro regulador que já foi aprovado e está para publicação, compreende a realização do mestrado em Ensino. Este é um modelo completamente diferenciado da prática anterior, que compreendia um processo integrado de formação científica e pedagógica com início no primeiro ano da licenciatura, então designada por licenciatura em Ensino. No quadro da reforma de Bolonha, o acesso à formação de professores é realizado depois da conclusão da licenciatura, ou estudos de 1º ciclo. (Mestrado Integrado) Um modelo de estudos realizado num domínio específico constituído por 3 anos de formação inicial (licenciatura) seguido da especialização (mestrado). O modelo “3+2” funciona de forma sequencial e

		<p>obrigatória para a aquisição das competências profissionais para a área de estudos.</p> <p>... o que nós estamos a fazer agora, e que constitui uma das nossas principais apostas, é a adequação dos actuais cursos de doutoramento ao novo modelo que compreende uma parte curricular.</p>
	<p>- Bolonha : métodos pedagógicos</p>	<p>Bolonha é o assunto que nos ocupa completamente no presente em termos de construção curricular e do pensamento sobre a reorganização dos planos de estudo no âmbito da reforma, que não se limita ao plano da reestruturação dos cursos mas compreende também, de forma significativa, uma mudança nos processos de ensino–aprendizagem mais orientada para as abordagens construtivistas.</p> <p>Bolonha, curiosamente, introduziu na agenda o que foram os principais ganhos na Educação de meados do século XX até o final; o que a Educação conseguiu trazer como um ganho para a comunidade científica foi que a aprendizagem é um processo de construção (...) fundamentalmente como um processo de construção partilhado (...) de modo que tenha um processo de consolidação muito mais alargado. Alargado porque é suportada pela comunidade de aprendentes. A universidade é também um espaço para o desenvolvimento dos processos de aprendizagem colaborativa, o que constitui uma nova linha de pensamento introduzida pelo processo de Bolonha.</p> <p>Para além da promoção das facilidades de reconhecimento e acesso das formações no espaço Europeu, o processo de Bolonha compreende os desafios resultantes dessa nova visão da educação. O ensino não é um simples processo de transmissão, mas sim uma actividade complexa de elaboração contextualizada, realizada pelo sujeito e apoiada pelo professor. Tem a ver com tutoria, ser capaz de acompanhar a construção da aprendizagem, uma filosofia de acompanhamento da aprendizagem cada vez maior, e uma diminuição do princípio da aula expositiva magistral, uma diminuição que se vai refletir no processo de avaliação, o qual não deve ser centrado no exame, uma figura final de avaliação de conteúdos formatados de acordo com um plano de estudos frequentemente descontextualizado, mas a realizar em função dos contextos de aquisição e aplicação do conhecimento em situações reais. Ora, isso só funciona a partir da concepção de que a construção do conhecimento ou a construção da aprendizagem é um processo de integração e elaboração. Bolonha é isto, é basicamente passar ao papel uma revolução brutal que se desenvolveu nas abordagens educacionais.</p> <p>Com Bolonha os métodos de avaliação foram todos alterados. E a própria estrutura interna de avaliação também tem que acompanhar essa mudança. As figuras tradicionais nesse momento não fazem grande sentido. Apesar de existir ainda um período de exames para os alunos que, por uma razão ou outra, precisam de recorrer a este regime de avaliação, a tendência será reduzir este modelo, principalmente, porque com Bolonha as cadeiras são de presença obrigatória. O aluno agora tem que vir às aulas. Se não vier, não faz a cadeira. Aliás, só assim é que faz sentido falarmos de um modelo de educação que é construído como um processo...</p> <p>(sobre o tamanho das turmas) Isso é outro problema com aspectos organizacionais complexos. Uma turma destas tem que ser pequena, mais reduzida do que é habitual.</p>
	<p>- Bolonha : mudança nas práticas curriculares/docentes</p>	<p>Teoricamente está tudo muito bem, na prática geralmente é sempre difícil, leva-se algum tempo para mudar. Isso tem a ver com uma dificuldade de integrar a mudança, de integrar uma alteração à rotina .</p> <p>A Universidade do Minho está investir na formação contínua dos professores, para abrir essas outras perspectivas, isto é, para permitir um acompanhamento continuado dessas novas perspectivas de trabalho. No plano interno, está a fazer formação interna dos professores para ambientes de aprendizagem não presencial (...) cursos de formação em vários domínios, desde a concepção, gestão e planeamento de uma ação de formação, planeamento dos processos de</p>

		<p>avaliação, até questões de comunicação, questões na área científica...</p> <p>A mudança implica uma alteração de comportamentos que estão automatizados. Mudança implica em uma capacidade de reflexão profunda. O problema de todas as mudanças, em qualquer instituição, tem a ver com a disponibilidade do sujeito para a reflexão. Provavelmente, para haver mudança, ele tem que trabalhar, antes dessa mudança, competências de abertura e flexibilização e depois é que vai promover a mudança. O que acontece, frequentemente é exatamente o contrário. De forma que se não trabalhar as novas competências básicas, a pessoa não tem referências pessoais para gerir a mudança.</p> <p>(O trabalho) Aumenta. Porque o trabalho do professor incide no acompanhamento. Uma coisa é o professor ter um conjunto de temas que explora e que constituem o seu plano de atividades. Tem os temas e usa não sei quantas horas de trabalho para preparar aquela meia dúzia de lições. Esta é uma perspectiva tradicional; a outra é pensar num modelo de acompanhamento continuado das aprendizagens, que se revela mais complexo. O acompanhamento desenvolve-se numa perspectiva crítica do trabalho dos alunos. É estar permanentemente a ver o que os alunos estão a produzir, estar permanentemente a sugerir ou a motivar ou a encorajar novos percursos, porque há momentos em que um pequeno encorajamento faz a diferença para os alunos.</p>
	- Bolonha : mudança nas práticas curriculares/alunos	<p>...não temos a figura de exames, temos a figura de avaliação contínua, os alunos a construírem um portfólio individual que resulta da exploração de um conjunto de temas de trabalho, de pesquisa permanentemente.(...) A idéia é fazer isso em grupo, não individualmente, que é para gerar maior competência de trabalho em grupo e riqueza no trabalho final. (...) Criou-se um ritmo de trabalho continuado, (...)E quem trabalhava pouco era mal visto pelos colegas. Esse semestre já terminou e as avaliações já estão fechadas, sem os exames tradicionais.</p>
	- Bolonha : idéia de universidade	<p>Bolonha significa que estamos a reconstruir a oferta formativa da universidade.</p> <p>... é que a universidade está a atravessar um momento particular de reflexão interna e desenvolvimento estratégico na sua ligação à comunidade.</p>
	Bolonha: financiamento da universidade	<p>No plano negativo, devo referenciar a indefinição que se abateu sobre o modelo de financiamento do ensino superior e universitário público, decorrente da redução do período de estudos do primeiro ciclo.</p> <p>O processo veio acentuar alguns problemas já existentes no que respeita ao financiamento e veio colocar novas questões em relação à certificação no novo quadro europeu. Para além das limitações ao financiamento do segundo ciclo, e em relação à última questão a universidade terá de se organizar para entrar no espaço competitivo da formação sem fronteiras, o que é assumido como um desafio para o desenvolvimento de uma oferta de qualidade.</p> <p>Está claramente definido que o segundo ciclo também será financiado nos cursos em que o exercício da profissão assim o exija.</p> <p>(o financiamento do Estado é retirado) De certo modo, ao não garantir o financiamento do segundo ciclo para todos os cursos, os quais conferem a habilitação profissional.</p> <p>A alteração no modelo de financiamento implica um novo modelo organizacional, no qual só os mestrados integrados compreendem a formação financiada até ao final do ciclo de estudos que confere a habilitação profissional. Face a este modelo a captação dos alunos de mestrado dependerá da competitividade dos planos de estudo da universidade.</p>
	Bolonha : mobilidade	<p>Bolonha coloca um novo conjunto de desafios. Por um lado, são os desafios associados à concepção da organização curricular centrada nas aprendizagens, por outro, a mobilidade dos estudantes nas diferentes instituições de ensino superior e universitário no espaço europeu.</p> <p>No plano positivo refiro a mudança nas abordagens dos processos de educação</p>

		<p>em geral, e da aprendizagem, em particular. Acrescento a este aspecto ainda a mobilidade dos alunos com tudo o que isto significa, de forma positiva, para o desenvolvimento de uma cultura de partilha e colaboração, nomeadamente na perspectiva da diminuição da distância social e no acesso à educação no espaço europeu.</p> <p>Há uma premissa: ultrapassar as divisões internas, sociais, culturais e económicas, e promover a construção de uma nova identidade cultural baseada na colaboração e na cooperação que tem como suporte a mobilidade dos alunos. Esta mobilidade tem vindo a ser desenvolvida no âmbito do programa Erasmus da CE e na valorização dos centros de excelência na formação e na investigação.</p> <p>O desenvolvimento de áreas de excelência depende da especialização e investigação que irão contribuir para a nova identidade no roteiro da investigação das universidades europeias.</p>
--	--	--

Unidade de Contexto – PE6

Categoria	Subcategoria	Unidades de registo
Políticas científicas e pedagógica	- modelo matricial: funcionamento	<p>Do Conselho Académico fazem parte representantes, não só dos alunos como dos investigadores, dos professores e da Escola enquanto Escola.</p> <p>É muito interessante, porque é o momento em que se vive muito a Universidade como instituição. (...) Nem que o trabalho do Conselho Académico fosse pouco produtivo no cumprimento daquilo que são as suas intervenções, só o fato de se poderem juntar para debates livres, de problemas, quer mais próprios de Escolas, quer da Universidade em geral, por pessoas, alunos, investigadores de toda a Universidade, isso é uma riqueza.</p> <p>O curso de Medicina participa na elaboração e avaliação, alteração e atualização da estratégia de educação da universidade de acordo com o que são as competências, porque não tem papel executivo, deliberativo. Funciona como órgão de consulta, para esse efeito, do Reitor e do Senado da universidade. Mas através da discussão e votação de documentos elaborados com essa finalidade, que são postos em discussão no Conselho Académico, quer venham da Reitoria, quer venham das Escolas, e esses das Escolas mais relacionados com as próprias Escolas. Os que vêm da Reitoria mais de âmbito geral da Universidade.</p>
	- modelo matricial: crítica	<p>... a crítica que eu faço é essa: às vezes acho que são submetidas ao Conselho Académico questões que são demasiado mesquinhas, pequenas, para ocupar um órgão que, me parece, deveria ser dedicado exclusivamente aos grandes problemas da universidade e aos grandes problemas de cada Escola. E às vezes perde-se algum tempo a discutir problemas que são de pequena importância. Mas globalmente considero que é uma enorme mais valia numa universidade poder haver um órgão destes. Depois também acaba também por desenvolver as relações humanas, o que também é muito importante.</p>
Reestruturação Curricular	- Bolonha: paradigma pedagógico	<p>... julgo que também em Bolonha, pelo menos cá em Portugal, se polariza a questão mais em aspectos mais secundários. Pra mim parece que é a grande novidade e a grande importância de Bolonha no futuro da universidade enquanto instituição de formação tem sido posta um bocadinho de lado.</p> <p>Para mim o que é essencial de Bolonha é o novo paradigma pedagógico, desde logo acentuando que tudo começa por definir o que se quer. Portanto, por uma definição de objetivos no domínio cognitivo, no domínio das práticas, no domínio dos comportamentos e também no domínio ético. E depois construir um percurso coerente em ordem a que esses objetivos sejam atingidos e devidamente verificados se foram ou não. Já a questão da definição dos objetivos é um grande trabalho, porque há muitos professores que não são capazes de fazer.</p> <p>(a definição dos objetivos) Não é uma condição suficiente, mas é necessária e a primeira é saber: O que se quer? O que se quer atingir?</p>

		<p>(...).. isto é outra característica essencial de Bolonha: o caminho é andado pelo próprio aluno. O caminho é uma marcha de progresso para se atingir uma meta, e quem caminha, quem gasta músculos, quem faz o esforço é o aluno, aquele que está aprendendo. Porque aprender é um ato pessoal e um ato ativo.</p> <p>O aprender não é dizer: “faça assim”. Aprender é aprender realmente a fazer, que não é só o fazer técnico, é aprender a adquirir o conhecimento, onde é que eu vou buscar. Ser capaz de fazer uma análise crítica deste mesmo conhecimento, e que em Medicina é importantíssimo.</p> <p>(...) tradicionalmente as horas ... a escolaridade – são as horas de ensino. Só se marcam as horas das chamadas “aulas”. Em Bolonha são as horas das aulas e as horas que o aluno gasta para aprender, o seu trabalho pessoal ou em grupo, com outros alunos. Não se olha só as aulas, mas aquele trabalho pessoal ou em grupo, e isso também tem que se contabilizar. São os chamados ECTS. Eu acho isso uma coisa muito importante. E esse cálculo, bem feito, dá muito trabalho. O professor passa a ter mais trabalho: definição rigorosa dos objetivos, cálculo, o mais rigoroso possível, do trabalho, da carga horária correspondente ao trabalho pessoal do aluno fora das aulas. Às vezes os professores mandam os alunos fazerem um trabalho e não têm a menor noção de quanto tempo isso vai demorar.</p> <p>... se a atividade presencial do docente é menos pesada, são menos horas, o acompanhamento de um aluno envolve muitas horas. Porque o aluno não é deixado no seu trabalho pessoal, não é deixado a si próprio. Tem que haver um acompanhamento. Outra exigência sobre o professor que no modelo clássico não existia. E no fim do ano verificava se o aluno, está saudável ou está doente, está aprovado ou está reprovado.. durante o ano ficou completamente solto.</p> <p>Bolonha responde a um paradigma pedagógico que exige mais e melhores professores. É, portanto, mais caro.</p>
	<p>- Bolonha: ciclos</p>	<p>Eu vejo em Portugal centrar-se Bolonha em aspectos mais administrativos, não os três graus mas os ciclos, e se o primeiro são três anos ou quatro, e o segundo é um ou dois... isso é uma coisa secundária. Acho que modelos únicos são errados.</p> <p>Eu vejo com muita apreensão que certos cursos propiciem uma licenciatura em apenas três anos. É preciso ver qual é a preparação com que vem do liceu os nossos alunos, isto não é indiferente. Eu acho que vem com aquilo que podemos chamar a “cultura geral”, mas num sentido positivo, e uma atitude de interesse e de abertura e de capacidade de entender a realidade. Mas tem uma formação muito estreita. ... há uma incapacidade de utilizar os conhecimentos, se deparar com um problema é quase uma tragédia, estão muito preparados para dar respostas a questões que não são problemas, informativos. E penso que quando se recebe este tipo de matéria-prima, o curso universitário de três anos parece-me pouco.</p> <p>Quando se restringe Bolonha a cursos que eram de 4, 5 anos e passaram a 3, vê-se em Bolonha um meio de um ensino mais barato. (...) Qual é o apoio do Estado ao segundo ciclo, como é? Vai ser como o primeiro, com as propinas baratas? Ou o segundo...vão dizer que o segundo não é obrigatório...</p>
<p>Modelos de formação em Medicina</p>	<p>- origem da proposta</p>	<p>Quando nós estamos apaixonados por algo, pensamos nisso. Como a paixão de um rapaz por uma rapariga: pensamos nela. E ao pensar nisso, um pensamento reflexivo, começamos a encontrar coisas que não estão bem e "por que não poderia ser assim"? E vamos, sem dar-nos por isso, vamos começando a construir um modelo, uma figura virtual, que guardamos no coração - porque não podemos materializá-la. Como disse, o ambiente não permitia. Isso aconteceu comigo, até o governo autorizar a abertura deste curso e pondo como uma das condições a inovação. Inovação pedagógica mas também inovação na gestão, no modelo de gestão. Era condição para o curso ser autorizado. Passou-se do zero para o cem. Inovar era a necessidade. Claro, havia o risco de uma inovação imatura, pouco pensada mas agora já era uma inovação realmente</p>

		<p>muito coletiva.</p>
	- tradicional	<p>No modelo tradicional o aluno anda durante uns meses, como dizemos, a tocar guitarra, e depois um mês antes do exame estuda, até dão férias para isso, para ele estudar.</p> <p>(no modelo tradicional) O aluno o que era? Era um ouvinte em estado passivo, ouvindo o professor, escrevendo... do ponto de vista cognitivo o objetivo era fixar aquilo que o professor quer que ele fixe. Do ponto de vista do saber fazer: pouca atividade prática.</p>
	- integrado: conhecimento	<p>O que nos leva a perguntar . Será possível dizer, numa frase curta, qual é o pensamento conceitual, essencial do qual tudo decorre, digo numa palavra: integração, juntar..</p> <p>Nós aqui, a palavra integração significa juntar, juntar, o mais possível. Juntamos em diversas coisas, por exemplo, o aluno é antes de tudo uma pessoa. E portanto é na totalidade da pessoa que tem que ser considerado, quer para o desenvolvimento das suas capacidades, mas também para no desenvolvimento dos seus defeitos, do seu caráter, do seu comportamento. O doente é também uma pessoa , e enquanto pessoa é que ele deve ser considerado.</p> <p>(...) Portanto também integração, em todas as dimensões do doente enquanto pessoa. Integração no tipo de cuidados médicos: não é só a dimensão hospitalar.(...) De modo que juntarmos a dimensão hospitalar, a dimensão ambulatório e também a prevenção da doença e a educação para a saúde.</p> <p>Integração também juntando as ciências chamadas básicas às clínicas. Nós juntamos desde o primeiro ano. Integração também porque juntamos à formação, a investigação. Integramos a investigação na formação. Não significa que queiramos que nossos alunos sejam investigadores... (...) O que entendemos é que a investigação produz uma educação do espírito para a identificação de porquês, que implica em uma busca da resposta, onde reside uma das grandes fontes do progresso, do conhecimento, e do progresso da Medicina. Cada caso não uma coisa que é repetível, cada caso é único.</p> <p>... temos os chamados estágios de integração, para poder lhes dar possibilidades de escolha, de alguma escolha. Por isso, no fim de cada ano acadêmico, há o chamado "projeto de opção". Dentro de um certo número de semanas eles podem fazer uma atividade que eles gostariam (...) eles escolhem a atividade, e procura-se que em cada ano seja diferente, a natureza da atividade. (...)Eles têm que ter um orientador, que tem que consentir.</p> <p>... temos outro aspecto da integração: integramos na docência a avaliação dos processos e dos resultados.</p> <p>Outro aspecto de inovação que eu acho muito original, isso francamente é que é original. É o que nós chamamos de domínios verticais para se tomar o pulso à vida. (...) Terêncio tem a seguinte frase: "sou um homem, e enquanto homem nada do que é humano me é estranho". Então nós temos aqui o que os alunos já sabem de cor, esta expressão: "sou médico, e enquanto médico nada do que é humano me é estranho". Não é só por ser homem, é enquanto médico nada do que é humano me é estranho.</p> <p>... nessa área curricular, como sabe aqui nós não temos aqui as disciplinas, há uma ciência na disciplina, nós juntamos, integramos. Integra tudo aquilo que se quiser no domínio do humano.</p> <p>(...) Tudo isso. Economia e saúde.. literatura...(...) existe a "Ementa Literária". Vêm cá escritores, falar da sua obra, entusiasma-los, porque hoje o jovem lê pouco...(...) Outra coisa também são criações deles, é o que chamamos aqui "A manta de retalhos". São coisas deles, que eles fazem, que eles criaram. E outra é: uma pessoa confessa-se. Uma pessoa que valha a pena fazerem perguntas, ouvi-la... .. ela vem responder. Os alunos recebem com alguma antecedência o currículo dessa pessoa.</p> <p>(...) criei o restaurante JPM. Então todas as semanas, todos os meses, vai uma</p>

		<p>ementa arbitrária, que tem aperitivos, tem um prato, sobremesa e depois tem, eu ponho como oferta da casa, aprender a viver. Os aperitivos são uma série de pensamentos... O prato é um texto, uma prosa. Muitas vezes vou buscar a médicos que escreveram, e esse é um caso de um dos nossos mais reportados psiquiatras. A sobremesa é um poema.... E depois o aprender a viver, é a oferta da casa. ... Os alunos acessam, e discutem os temas....</p> <p>... um médico mais culto é um melhor médico. A cultura abre sensibilidade para captar sinais que um médico inculto não consegue captar.</p>
	- integrado: papel do aluno	<p>.... num curso em que não são só os conhecimentos, mas são também os comportamentos, a atitude profissional do aluno, não tinha sentido fazer a preparação para o exame. O aluno tem, durante todo o ano, que dar testemunho de que tem comportamentos profissionais enquanto aluno, corretos. Aquele aluno que não tem, reprova. Nem que tenha 20 valores... a avaliação é do todo.</p> <p>Os nossos alunos tem dois papéis de igual responsabilidade que tem que ser cumpridos com muita seriedade: um é aprender, o outro é pelas avaliações conscientes serem nossos parceiros na construção deste curso. O curso hoje já não é o que foi há seis anos. Eles têm muito contribuído com as suas críticas para que isso tenha acontecido.</p> <p>... essa metodologia da aprendizagem ativa, que faz do aluno não só o sujeito da aprendizagem mas o autor, o operador da sua aprendizagem.</p>
	- integrado: aceitação interna do modelo	<p>(a aceitação do docente) Isto é indispensável. Aquele cuidado que tivemos logo no início foi a escolha. E portanto ninguém veio pra aqui sem saber como é que este curso iria funcionar. Por outro lado, nunca fizemos contratos definitivos. Eram sempre contratos temporários.</p> <p>Assim como tivemos um ou outro aluno que concordou com esse modelo pedagógico, mas pessoalmente (diz) : “prefiro o antigo”. É que o nosso aluno tem um trabalho árduo todas as semanas.</p> <p>... no primeiro ano em que isso funcionou... só vieram pra aqui um terço dos alunos que escolheram esse curso como primeira opção. Outros fizeram outras opções. Neste momento, todos os alunos que nós temos, escolheram esse curso como primeira opção. E houve até alunos que escolheram esse curso em primeira opção e não tiveram lugar.</p> <p>(...) E eles têm orgulho de serem alunos daqui.</p>
	- integrado: aceitação do ambiente externo	<p>... tanto essa mudança é radical e que causa choque que, mesmo cá em Portugal, quando este curso começou, outros professores, outras faculdades, diziam que esse era um curso para médicos de segunda. Os chamados "médicos-pés descalços". Para fazer umas coisas que nem parecia para médico.</p> <p>... um programa que temos, de parceria com duas faculdades norte-americanas, mas isso é para um número muito pequeno de alunos.</p> <p>(o estágio integrado)... pode ser um estágio num serviço de urgência hospitalar, tem que haver consentimento.(...) tem contribuído muito para o prestígio que o curso hoje tem. Porque os alunos vão.... tem ido alguns, por sua escolha, pra outros países. Para França, para Inglaterra, para Espanha. E em Portugal, para Porto...e as pessoas começam a perceber que nossos alunos vão muito bem.</p> <p>Quando abriram as novas Escolas... os alunos das outras Faculdades de Medicina fizeram críticas de que não era preciso mais médicos. Portanto, esses alunos foram acolhidos com alguma reserva. Este ano eu assisti esta cerimônia, eles têm a Associação Nacional de Estudantes de Medicina. O presidente escolhido foi um daqui. Que, aliás, é "uma", é uma aluna.</p>
Avaliação	- externa	<p>... nós temos por decisão nossa, não foi imposição, uma comissão externa de avaliação, constituída por importantes individualidades no domínio da formação médica, com alguns professores portugueses, mas na maioria professores estrangeiros, de países europeus e dos Estados Unidos, e do status</p>

		<p>da Organização Mundial de Saúde.</p> <p>Todos os anos eles recebem o nosso Relatório Anual, temos um extenso relatório anual, que lhes é enviado, que eles estudam, depois vêm cá três dias. Todos os anos isso acontece. Já estiveram presentes na inauguração oficial do curso e a partir daí, todos os anos cá vem. Depois têm a sua reunião com a Direção do Curso, Direção da Escola, reuniões separadas com os alunos, com os professores. E depois têm uma reunião final em que nos dão, não é uma posição definitiva, mas já algumas impressões, depois enviam um relatório circunstancial, com a análise e as conclusões, que são recomendações.</p> <p>As recomendações nós obrigamo-nos a segui-las, a não ser que não tenhamos meios para as cumprir, e então temos que dizer porquê que não podemos. Ou então porque discordamos, porque também temos esse direito e neste momento já temos bastante experiência e já não nos sentimos os "adolescentes". Não concordamos e temos de dizer porquê.</p>
--	--	--

Unidade de Contexto – PE7-

Categoria	Subcategoria	Unidades de registo
Modelo integrado de formação em Medicina	- paradigma pedagógico	<p>Desde o início, o curso foi inspirado em práticas que Bolonha pretende estimular .</p> <p>O que :</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Não centrado no ensino mas na aprendizagem 2. Não postura passiva do aluno mas processo ativo do aluno 3. Carga horária maior não é nas aulas formais mas em trabalhos em pequenos grupos 4. A ênfase não é na memorização de conceitos mas pesquisa e avaliação crítica da informação 5. A avaliação não é essencialmente teórica mas global que implica além das avaliações escritas, as avaliações de competências, clínicas, de contactos com doentes... 6. Centrado na saúde: <p>Isto é importante em termos de ensino médico em que tradicionalmente há uma parte básica e outra parte clínica e a clínica está muito centrada na doença. Procuramos misturar a parte básica com a clínica desde o início e primeiro estudar a saúde e depois de algum tempo, o estudo da doença inicia ao final do terceiro ano apenas – aí é que inicia o estudo das patologias.</p>
	- plano curricular do curso	<p>A estrutura curricular modifica (...) em seis anos de funcionamento há 4 planos de estudo do curso. Há uma capacidade muito grande de reagir perante a avaliação , aos comentários, ao contacto que temos uns com os outros.</p> <p>O nome das unidades curriculares não é Anatomia, Bioquímica, Citologia, (...)O curso é inteiramente programado em unidades curriculares integradas(...)</p> <p>Começam por um, por ex. Sistema músculo –esquelético, depois passam para outro, mais outro e vão integrando .</p> <p>Exemplo: a mão, a mão tem músculos, tendões, ossos e todo um conjunto de coisas que são peças anatómicas.</p> <p>Mas ao mesmo tempo tem que funcionar, isto é a fisiologia. A fisiologia e a anatomia estão associadas à química - é preciso conhecer a química. Os ossos e os músculos são tecidos. É preciso ver a citologia.</p> <p>Portanto, se nós tivermos a capacidade de definir um conteúdo integrado que nos permita dizer aos alunos, vocês daqui a 8 semanas vão ser avaliados conforme os seguintes objetivos: tal e tal... e esta estruturação é feita por um corpo docente multidisciplinar, deve ser feita levando em consideração que sempre que possível serão introduzidos</p>

		<p>casos, histórias reais... assim, vamos caminhar seguramente no sentido de uma integração e esta integração é uma das características do curso.</p> <p>... uma das coisas que é fundamental e que ainda não tivemos oportunidade de falar é que em todos os anos existe uma área que atravessa tudo: Tomar o pulso à vida Isto é a perspectiva de óptica social... o importante é que estes temas (Ética, História da Medicina, situação social do paciente) sejam discutidos em contexto, isto significa que ao longo dos seis anos do curso há um atravessar de toda a parte social do ser humano. E não em disciplinas a parte. Nos seis anos há uma programação de que todos estes aspectos sejam discutidos no contexto em que eles vão acontecendo.</p> <p>Temos uma clara percepção, normalmente, do que os nossos alunos estão a pensar. E temos a capacidade de reagir. E muitas das alterações dos planos curriculares deve-se ao fato de que está tudo integrado.</p>
	<p>- metodologia de trabalho</p>	<p>O protagonismo é centrado nos alunos. Vai se perceber que em uma semana de 40 horas de aula se houver 4 ou 5 horas de ensino formal é muito, a maioria é de trabalhos em grupos, tutoria, ensino programado.</p> <p>... há, logo no primeiro ano, saídas da escola para conhecer o que se passa na realidade. Os alunos passam uma semana sozinhos em Centros de Saúde - evidentemente com acompanhamento supervisionado.</p> <p>... nos anos clínicos, nos hospitais. ... adotamos um modelo em que temos que trabalhar com varias instituições e temos que assegurar que em todas as instituições num mesmo ano , para a mesma atividade para a mesma unidade curricular, façam a mesma aprendizagem (...) distribuimos os nossos alunos quando tem treino clínico-hospitalar, pois a partir do quarto ano eles passam todas as manhãs fora da escola, na prática clínica...</p> <p>Há uma linguagem que incorporamos: integração horizontal e vertical. Nós procuramos claramente a integração horizontal ao longo dos anos que é feita fundamentalmente por meio dos Sistemas(...) Temos ao mesmo tempo a integração vertical: ao longo do curso. Os procedimentos estão pensados para ocorrerem ao longo do curso... os domínios verticais ao longo do curso.</p> <p>...para cada dia as atividades são programadas com muita antecedência...para todas as semanas e unidades os alunos sabem o que vai acontecer.. primeiro temos uma apresentação de objetivos, depois acompanhamento tutorial, laboratórios e tempo para o estudo.</p> <p>..... em todas as unidades curriculares há uma definição prévia de objetivos...</p> <p>Temos sempre apresentação de objetivos, trabalho individual, discussão e depois um tempo para os alunos refletirem e acompanharem o que perderam, procurarem os professores conforme sua necessidade...é a fase 4 e depois temos a avaliação. Esta metodologia é aplicada ao longo dos 3 anos de forma que os alunos vão se tornando proprietários de certa forma de uma metodologia de trabalho.</p> <p>Daí dedicar no plano de estudos, as primeiras 4 semanas</p>

		<p>com a apresentação do curso que, com a desculpa de apresentar o curso, os alunos passam 4 semanas trabalhando e sendo introduzidos neste trabalho . O que acontece é que procuramos fazer isto de maneira real, isto é, arquitetamos situações. Trabalhamos também conteúdos e também trabalhamos coisas que eles não trazem como informática, estatística... de modo que ao final das quatro semanas eles reviram conteúdos, tiveram alguns conteúdos e se apropriaram de determinado método de trabalho.</p>
	- avaliação de aprendizagem	<p>Grosso modo a cada quatro semanas há uma avaliação. Quando acaba uma área há uma avaliação final que avalia tudo o que foi tratado. É cumulativa, o aluno vai integrando. Há avaliações no processo e uma final.</p> <p>A partir do quarto ano nós temos os alunos nas residências, estão fora, no hospital... Em todos estes blocos nós preparamos um instrumento mais rigoroso de monitorização pois os alunos estão longe e nós temos que ter um cuidado porque a interação é menos próxima e então preparamos relatórios individuais (...) para cada Residência, cada aluno tem um livrinho que discrimina o que tem que ter feito no final da Residência, no nível de estar a ver, ter visto, ter acompanhado, ter feito mas não sozinho....</p> <p>A avaliação da Residência é composta por 5 grandes parâmetros e destes, 3 são de responsabilidade do campo externo. O exame final, para cada um destes blocos o aluno toma um paciente- que nunca viu – e tem que examinar, tem que questionar tem que fazer uma história clínica... e há uma avaliação contínua.</p> <p>(para os residentes) usamos dois instrumentos que esta escola utiliza e que um é para avaliação de profissionalismo e o outro para avaliação das competências... A grelha de profissionalismo é responsável por 20 % da classificação e a de competências por 20% da classificação.... Depois há uma banca que faz a examinação clínica e que responde por mais 20% da classificação... E depois há todo o trabalho que é feito na escola porque não é apenas praticando que se aprende Medicina, é preciso aprender um pouco de teoria, discutir casos, é preciso trabalhar o raciocínio clínico e isto é feito na parte da tarde na escola. São seminários... a cada quatro semanas, são avaliações dos componentes teóricos da residência (...) Depois disto, no final de cada uma destas residências há uma avaliação integrada. Os alunos são avaliados de todo o conteúdo da residência - é o exame final integrado. A média das avaliações dos módulos conta 4 pontos. A nota do exame final integrado conta 4. Temos então $4+4+4+4+4=20$ valores.</p> <p>Nós temos neste momento taxas de sucesso em todas as unidades curriculares. Se multiplicarmos o numero de alunos pelo numero de unidades curriculares e depois fizermos um quociente pelo numero de pessoas, de alunos que aprovam, temos uma taxa de sucesso de cerca de 96%.</p> <p>No final dela (da unidade curricular) os professores precisam ver se os alunos atingiram, espera-se que em quatro semanas em media os alunos sejam capazes de demonstrar o que sabem...Então há um dia em que os docentes conversam com os alunos para avaliar...para ver se eles aprenderam pois é preciso que a aprendizagem seja acompanhada. Porque não se aprende tudo sozinho.</p>
Estrutura interna do	- ciclos	Se olhar a documentação sobre Bolonha vai verificar que há

curso		<p>poucas exceções referente a esta questão e Medicina é uma delas. Então, isto está relacionado ao fato de que as Escolas formam profissionais da Medicina logo ao concluir o curso. E por outro lado não impossibilita que dentro dos cursos de Medicina tenha-se a questão dos ciclos. (...)de fato há uma decisão de transformação daquilo que se chamava Licenciatura em Medicina – que muda de nome e passa a se chamar Mestrado Integrado em Medicina.</p> <p>Isto é uma decisão que será em principio comum, penso eu, às Escolas médicas do país. Porém teremos a possibilidade de ter ao fim dos três primeiros anos do curso um grau, não estou me recordando o nome... de bacharel, de ciências da saúde ou de ciências biomédicas e da saúde.... qualquer coisa assim..., e ao fim dos dois anos seguintes teríamos um novo ciclo - o segundo, e depois ter o Mestrado Integrado. Três + dois e no sexto ano, o Mestrado Integrado.</p> <p>(a habilitação para exercer a função) será após, é só depois do Mestrado.</p> <p>Inauguramos o ano passado um programa de doutoramento em temos uma situação em que o aluno quando chega ao quinto ano interrompe o seu curso e vai para um doutoramento em 3 anos e depois volta ao curso de medicina, acaba o sexto ano e se forma médico doutorado. O doutoramento é em investigação básica, clínica.... O que acontece normalmente é que o aluno sai da escola medica e começa a trabalhar. Estamos tentando assegurar a investigação antes do exercício profissional. Temos mais candidatas do que vagas. Prolonga a formação mas assegura a pesquisa.</p>
	- corpo docente	<p>Nos três primeiros anos do curso temos um corpo docente que é composto por professores e vai ver que maior parte não são médicos e os que são, são médicos doutorados ou seja que de alguma forma enveredaram pela carreira docente.</p> <p>temos todo um conjunto de procedimentos para dar formação aos tutores clínicos, para orientar os tutores sobre o que os alunos têm que fazer, para fazer com que os tutores validem o que os alunos fizeram, que haja uma coerência. E trabalhamos aproximadamente com 6 ou 7 tutores por aluno.... o que dá um universo superior a 300.... E estes docentes são médicos.</p> <p>Nesta escola as pessoas só são contratadas com alguma segurança após dois anos de experiência e com a avaliação positiva do aluno do contrário não são contratadas.... Por exemplo, há condições estabelecidas para que um professor seja professor associado, deverá responder a determinadas condições.... dentre outras, ter freqüência em cursos de formação na área de educação com apresentação de certificado, domínio pedagógico, publicações, pelo menos uma comunicação internacional...</p>
	- lecionação	<p>... aqui nós temos para cada unidade curricular: Introdução ao Curso de Medicina, etc etc... um corpo docente multidisciplinar que se encarrega de lecionar a área do principio ao fim, coordenadamente, que se encarrega da preparação dos materiais, dos laboratórios, dos horários, das clínicas, das avaliações...</p> <p>E repare que cada uma (unidade curricular) é um bloco e</p>

		<p>isto significa que há um conjunto de docentes que são bioquímicos, médicos... de diferentes áreas, docentes que tem que trabalhar em equipa e estes docentes são responsáveis pela mesma unidade curricular. Repare que temos equipas que tem 20 /23 docentes. São coordenados, é preciso construir dentro a coordenação. Há equipas com 3 docentes, sendo mais fácil.</p> <p>Temos como aposta a idéia de que vamos trabalhar com o hospital A, no sentido de todos construirmos um ensino de qualidade e então as pessoas da escola em conjunto com as pessoas do hospital coordenam todo o processo e as responsabilidades são distribuídas. Nossa responsabilidade é cuidar da avaliação, das questões pedagógicas e administrativas e a deles é de exercer as suas funções, ser o que são, exercer a clínica no dia a dia e receber os nossos alunos e tratar os nossos alunos como aprendizes. O que exige trabalho e planeamento em conjunto.</p> <p>Para cada ano separamos os alunos em duas salas de trabalho. As turmas são de 50/60 alunos que são divididos em duas salas. O que acontece é que há unidades curriculares que preferem que dois docentes estejam nas salas - e então temos a divisão em duas salas, e há unidades que trabalham com todos juntos. De qualquer modo, em todos os casos há momentos em que estão todos os alunos juntos com todos os docentes envolvidos na unidade curricular.</p>
	- órgãos internos	<p>Existem as estruturas oficiais, existe uma comissão feita por alunos e docentes que se reúnem três/ quatro vezes por ano... a Comissão do Curso. Não existe Conselho Pedagógico. Existe uma Comissão de Avaliação que se reúne 3 a 4 vezes por ano , na qual estão representadas todas as pessoas que coordenam as unidades curriculares.</p>
Avaliação	- externa	<p>... investigar a qualidade do curso, o que está a acontecer, colocando questões de relevância para a educação médica em nível internacional. Existe uma comunidade na Europa que se dedica à educação médica – talvez 5000 pessoas. Nos EUA não sei quantas pessoas serão mas existe uma comunidade internacional que se dedica a discutir, a investigar, ao estudo da educação médica. Se fazem congressos, investigação, revistas,publicações,.... sobre como melhorar, etc...</p> <p>Existe uma reunião no final do ano por 3 dias em que nos reunimos todos os professores e apresentamos o que fizemos ao longo do ano, como foi que ocorreu. Quando começa o ano seguinte, depois que passaram as férias, nos reunimos com os alunos do ano anterior e perguntamos como foram as coisas. E sempre que possível nos reunimos informalmente, ou formalmente com os alunos para saber como é que as coisas estão, no sentido de ouvirmos nossos alunos.</p> <p>Uma das boas fontes de avaliação da Escola é o Comitê de avaliação externa que desde a criação (2000/2001) da Escola nos avalia. Por iniciativa da Escola, decidiu-se que seríamos avaliados internacionalmente, por uma comissão internacional, se organizou esta comissão e ela vem cá todos os anos e faz um relatório. São médicos de renome internacional, representantes de Ordens Médicas portuguesas, especialistas internacionais em educação médica, especialistas em avaliação, há gestores... é uma</p>

		<p>comissão múltipla.</p> <p>Falam com a Direção, com os docentes – em que é apresentado o trabalho ao longo do ano-, falam sozinhos com os alunos...tem um programa exaustivo por dois dias e fazem um relatório.</p> <p>A Comissão tem sido mantida a mesma desde que foi criada.</p>
	- interna	<p>Temos também associado um trabalho de controle , de monitorização e de melhoramento da qualidade do curso. Significa que é nossa função estar atento ao que se passa quer ao nível do ensino aprendizagem quer ao nível da avaliação da mesma</p> <p>Também é aqui que são preparadas, distribuídas e analisadas as avaliações que os alunos fazem de todas as unidades curriculares, de todos os professores do curso e outros tipos de avaliações que procuramos fazer com caráter menos sistemático... mas de acordo com as necessidades.</p> <p>(o relatório) tem desde a descrição da aprendizagem dos alunos, com as classificações, com a análise retrospectiva das classificações.... até as avaliações de atitudes e avaliação dos alunos – resultados de inquéritos de opinião - sobre o corpo docente.</p> <p>(sobre o Gabinete de Avaliação Institucional) Se verificar o trabalho deste Gabinete, seus relatórios, vai verificar que os instrumentos com que trabalha estão conforme uma filosofia de ensino tradicional, isto é, não estão nem de longe nem de perto, a colocar as questões que precisamos para avaliar. (...)Temos questões diferenciais e necessidades nesta Unidade nesta Escola. Uma dela é de manter uma proximidade grande entre o processo de ensino-aprendizagem e o processo de avaliação do curso, que é bem diferente de um Gabinete central que avalia todos os cursos.</p> <p>Existe uma Comissão de Avaliação que se reúne 3 a 4 vezes por ano , na qual estão representadas todas as pessoas que coordenam as unidades curriculares. Existe uma reunião no final do ano por 3 dias em que nos reunimos todos os professores e apresentamos o que fizemos ao longo do ano, como foi que ocorreu. Quando começa o ano seguinte, depois que passaram as férias, nos reunimos com os alunos do ano anterior e perguntamos como foram as coisas. E sempre que possível nos reunimos informalmente, ou formalmente com os alunos para saber como é que as coisas estão, no sentido de ouvirmos nossos alunos.</p> <p>... estamos convencidos que o fato de termos uma boa taxa de sucesso significa que o curso está indo bem...</p>

Unidade de Contexto – PE8

Categoria	Subcategoria	Unidades de registro
Orgânica Interna dos órgãos colegiados	Comissão do Curso: composição	A Comissão do Curso é uma instância que congrega o Diretor do Curso, que sou eu, docentes representantes dos vários Departamentos que têm intervenção no Curso e alunos por ano do Curso, também integra alunos.
	Comissão do Curso: natureza do cargo	<p>... (o curso) tem um Diretor, que é o gestor do curso, que responde, não perante o Diretor do Departamento, mas perante o Conselho de Cursos e o Conselho Acadêmico.</p> <p>É eleito através da indicação ou por proposta dos Departamentos que consensualizam. Ou seja, neste momento há dois Departamentos que têm uma intervenção maior em termos de cargas-horárias que figuram no curso, e</p>

		desses dois Departamentos majoritários em termos de intervenção no curso, é que surge a proposta da candidatura, que é eleito em Conselho de Cursos. Na Comissão do Curso, e ratificado pelo Conselho de Cursos.
	Conselho de Cursos : composição	... acima da Comissão do Curso há uma estrutura que é o Conselho de Cursos, que agrega dois cursos: Educação e Psicologia. É a mesma área científica, são áreas próximas. No Conselho de Cursos também estão os Diretores destes cursos, estão representantes dos Departamentos, daqueles Departamentos que têm uma maior intervenção em termos de percentagem de disciplinas que figuram na carga do currículo .
Autonomia Curricular	Fluxo das propostas	... aqui há um duplo exercício, um duplo movimento: de baixo pra cima e de cima pra baixo... ... há vários níveis onde a proposta vai sendo analisada, com a intervenção cada vez mais alargada de outros intervenientes.
	Papel da Comissão do Curso	... este exercício de criação de um curso parte precisamente da Comissão de Curso, ou de uma comissão especializada que é nomeada e que trabalha em ligação e articulação com a Comissão de Curso. Então estão os docentes, estão alunos, que vão trabalhar na proposta de criação do curso em termos de objetivos, perfil, resultados da aprendizagem, estrutura do curso, distribuição das cargas, etc. ... o curso tem autonomia na formulação porque a construção da proposta a partir de uma comissão especializada é articulada com a Comissão de Curso, vai seguir os seus trâmites a partir das diferentes estruturas. ... a Comissão e a Direção do Curso tem uma intervenção nesse processo de criação do curso. Os objetivos, a estrutura, o perfil, já vêm dessa Comissão, parte de baixo. Se houver algum problema neste processo, volta à comissão especializada constituída no âmbito da Comissão de Curso, para aperfeiçoar a proposta, melhorar, suprir... às vezes é o próprio Ministério que devolve e diz: “é preciso melhorar isto, a proposta não contempla isto...”
	Papel do Conselho dos Cursos	... depois esta proposta, que parte da Comissão do Curso ou da comissão especializada articulada com a Comissão do Curso, vai ao Conselho de Cursos e aí ao Conselho Académico.
	Papel do Conselho Académico	No Conselho Académico são todos os membros do Conselho Académico, Presidentes dos vários Conselhos de cursos, Diretores de outros cursos e Presidentes de Escolas . A proposta volta a ser analisada, é questionada, e se tiver uma base sólida e for consensual, ela é aprovada.
	Papel do Senado	E depois ainda vai ao Senado da universidade. É a última instância dentro da universidade, que aprova o curso.
	Papel Ministério	E depois vai ao Ministério, nesse caso o Ministério da Ciência e Tecnologia e Ensino Superior, que é a última instância nacional que analisa, aprova e regista o curso. E o curso passa a funcionar. (...) Depois, evidentemente o Ministério, ao aprovar o curso exige documentos complementares, como o Regulamento do curso. Existem regulamentos para unidades específicas, mas o curso tem um regulamento. Este Regulamento é estabelecido nestes mesmos órgãos, mas aí é numa fase posterior. Para depois ser aprovado oficialmente e sair publicado no diário do governo, no Diário da República.
	Participação dos alunos	... eles (os alunos) estão em todas estas instâncias, estão na Comissão do Curso, estão no Conselho do Curso, no Conselho Académico e estão no Senado. É um aluno por ano, representa os colegas deste ano. Se o curso tem cinco anos são cinco alunos.
Reestruturação Curricular	Foco geral do curso	... nosso curso não forma docentes, forma técnicos para intervir na área da intervenção sócio-cultural, animação educativa, mediação, educação de adultos, gestão da formação e recursos humanos . Portanto, faz intervenções no campo social em instituições que tenham valências educativas, mas que possam trabalhar desde a pequena infância até a terceira idade. Nosso curso não forma docentes, mas pode formar técnicos cujo espaço de intervenção pode ser

		uma escola. Fazer animação educativa dos tempos livres, dos clubes ou círculos de interesse ou até fazer educação para a cidadania.
	Características modelo antigo : estruturação	<p>O currículo antigo tinha a duração de quatro anos e meio. Quatro anos de plano curricular mais meio ano de estágio curricular.</p> <p>Era um currículo cujas características eram essencialmente estas: muito rígido, todos os alunos faziam o mesmo plano curricular.... Era um currículo que tinha muitas disciplinas anuais, algumas disciplinas de duração semestral mas uma grande parte das disciplinas era de duração anual.</p> <p>Era um currículo que agregava um estágio curricular onde o aluno de modo mais autónomo, em uma instituição, ia por em prática os seus conhecimentos e desenvolver um projeto de estágio, acompanhado por um orientador.</p>
	Características do modelo antigo: modelo pedagógico	<p>Isso tinha implicações na avaliação. Era um currículo cuja avaliação se fundava essencialmente em exames finais, os alunos só tinham que prestar provas de sua aprendizagem no final do semestre ou no final do ano.</p> <p>... funcionamento estava muito na base da intervenção do docente, o docente era o ator principal. O docente preparava aulas, o docente ministrava aulas, orienta atividades práticas dos alunos, avalia, era uma atividade muito centrada na atividade no trabalho do docente.</p> <p>Era obrigatório (o sistema de frequência) nas aulas teórico-práticas. Não era obrigatório nas teóricas, mas nas teórico-práticas, onde o aluno tinha que tomar dois terços das aulas ministradas. Portanto havia essa obrigatoriedade. Caso contrário, ele era excluído da avaliação final.</p> <p>Na época de exames: janeiro e fevereiro, no final do semestre; junho e julho, no final do ano. E só aí é que eles sentiam alguma carga, porque tinham exames concentrados, num mês faziam cinco ou seis exames, numa média de um ou dois por semana.</p>
	Características do modelo antigo: perfil do profissional	... o licenciado no plano antigo ele pode ter uma prática autónoma, pode dirigir projetos, supervisionar atividades, dirigir departamentos, programas, pode ter funções de direção e supervisão, o que não está contemplado neste perfil. (no novo currículo)
	Características modelo atual: princípios	<p>O atual currículo se baseia nos princípios da flexibilidade, da mobilidade e da comparabilidade, isso falando em termos dos princípios de Bolonha.</p> <p>(também os princípios) ... da competitividade e a empregabilidade.</p> <p>Flexibilidade em que sentido? O currículo é caracterizado por um conjunto nuclear de disciplinas, que agora designamos unidades curriculares, que são fixas e que todos os alunos devem fazer, e por um conjunto de unidades curriculares optativas. Ou seja, em cada ano o aluno escolhe duas opções, cada uma delas tem três ofertas de unidades curriculares, e portanto começa a haver aqui uma maior flexibilidade curricular. O aluno escolhe a unidade que lhe interessa e, portanto, faz o currículo mais diferenciado que o outro.</p> <p>E isso permite que o aluno também possa fazer unidades curriculares em outras universidades, aí entramos na questão da mobilidade. Ele pode fazer mediante avaliação de unidades equivalentes e depois atribuição de equivalências. E geralmente essa mobilidade é pensada no espaço europeu. O aluno, num determinado ano, vai fazer uma parte do seu currículo, pode ser um semestre, um ano, numa outra universidade, fazendo um plano semelhante aquele que ele faz em sua universidade do origem. Portanto, nosso currículo permite isso.</p> <p>E depois as questões da comparabilidade. É o fato de o currículo ter uma área chamada o (núcleo do..) currículo, o “currículo duro”, que é uma percentagem</p>

		<p>de unidades curriculares que são semelhantes nas várias universidades do país que ministram cursos semelhantes. Ou seja, na constituição da proposta, nos trabalhos iniciais, as várias universidades juntam-se e determinam um “currículo duro”, numa percentagem até 30%, 40%. Isso já aconteceu. Esta proposta está consensualizada ao nível de 30% com as propostas dos cursos do Porto, de Coimbra e de Lisboa.</p> <p>... também procuramos semelhanças com outros cursos no exterior, justamente para garantir a comparabilidade. Seja em termos de cargas horárias, em termos de unidades curriculares semelhantes, que possam permitir a comparação e a equiparação dos planos curriculares. Antes o aluno tinha poucas condições de fazer isso, era um exercício muito complicado, ele por vezes tinha que, face ao currículo que levava, fazer mais algumas disciplinas que não estavam contempladas no currículo e que integravam o plano curricular da outra instituição para onde ele ia. Esse aspecto fica agora resolvido. Facilita a mobilidade e assegura uma unidade de formação.</p>
	<p>Características do modelo atual/Bolonha: modelo pedagógico</p>	<p>Outra característica é o fato de a atividade ensino-aprendizagem estar agora centrada no aluno. Como funciona? Teórica e retoricamente nós sabemos como funciona, ou seja, reduzimos o número de horas teóricas. As teóricas em menor número servem para o docente dar uma orientação, um conteúdo mais sistematizado, dar pistas de trabalho e orientar os alunos. Depois temos as teórico-práticas onde o aluno, com as tarefas incumbidas, com os materiais sugeridos, vão eles próprios pesquisando, trabalhando em equipe, resolver essas tarefas para apresentá-las nas aulas. Além disso existe as chamadas horas de orientação tutorial, em que o docente, em um horário extra aula, está disponível para acompanhar este trabalho dos alunos.</p> <p>A avaliação deixa de ser final, na ponta final do semestre ou do curso, e passa a ser uma avaliação mais sistemática: vai acompanhando, conhece e vai avaliando os trabalhos dos alunos durante o semestre. Quando o aluno chega ao final do semestre, tem praticamente sua avaliação concluída. Não faz só uma prova, pode fazer uma prova como mais um elemento adicional para concluir o seu processo de avaliação. Esta atividade centrada no aluno levou a essa alteração de metodologias e a alteração no regime de avaliações.</p> <p>... tendo em conta os novos princípios em que se rege a formação e aprendizagem - flexibilidade, a comparabilidade, a mobilidade... e a competitividade e a empregabilidade – acho que a transformação dos objetivos em resultados de aprendizagem permite demonstrar mais facilmente aquilo que os alunos podem e devem adquirir em termos de competências específicas e concretas do saber e do saber fazer. Isto é, no perfil do licenciado, do diplomado, aparecem as competências para as quais ele está preparado e pode realizar na prática.</p> <p>Eu penso que esta diferença e esta mudança pode ter a ver com a transformação que se quer operar no próprio currículo, ou seja, deixa de ser um currículo académico, marcado por disciplinas que são áreas como gavetas onde o conhecimento está arrumado, e passam a ser unidades de aprendizagem ou curriculares – claro, estruturadas em torno de competências – para as quais há quem carrear um conjunto de conteúdos congruentes com isso. Portanto, unidade curricular ou unidade de aprendizagem torna-se mais congruente com a necessidade de promover a aquisição de competências de aprendizagem. Onde aí se podem articular diferentes conhecimentos de várias áreas que não sejam identificadas só com uma área, com uma disciplina, mas um conjunto de conhecimentos interdisciplinares que façam um conjunto coerente e que permitam a aquisição desses resultados de aprendizagem.</p> <p>Porque os objetivos são formulados, às vezes, de forma muito ambígua, podem dar lugar à interpretações várias e nem sempre conduzir àquilo que é fundamental: um conjunto específico de competências de aprendizagem que devem constituir a base da intervenção futura desse diplomado. E daí a conversão de objetivos para resultados de aprendizagem.</p>

		... eu penso e acredito que a grande mudança de paradigma se faz ao nível da metodologia, dos processo de ensino e aprendizagem.
	Características modelo atual/Bolonha: papel do docente	Isto constitui um referente ou um referencial mais concreto para quem vai trabalhar o currículo. Sabe que ao final de um período, um semestre o aluno deverá saber aquilo, fazer aquilo outro, saber fazer outra coisa.
	Características modelo atual/Bolonha: papel do aluno	... ensino centrado no aluno... ... é preciso que o próprio aluno perceba aonde é que se deve chegar. Ele próprio é que deve regular a sua aprendizagem em função desse referencial que são os resultados de aprendizagem. ... isto traz é a carga de trabalho que isto representa para os alunos, que têm seis disciplinas, seis unidades curriculares, estar a fazer cinco portfólios e mais um relatório circunstancial ou um relatório temático, ao longo de todo o semestre, representa de fato uma enorme carga de trabalho. E aí eles têm se queixado um pouco, o que implica pensar estratégias de articulação entre os docentes pra “dosar” a carga de trabalho que vai recair, trabalhos que possam ser em conjunto, trabalhos que podem ser minimizados ou reduzidos, para que os alunos não fiquem tão sobrecarregados.
	Características do modelo atual/Bolonha: estruturação	.(sobre a distribuição entre aulas teóricas, aulas teórico-práticas e aulas práticas) A própria proposta do curso já define como é a carga horária e como essa carga horária pode ser utilizada e distribuída pelas diferentes atividades letivas e não letivas. No horário também existem as aulas teóricas e as aulas teórico-práticas ou práticas. ... a unidade de crédito corresponde a 28 horas de trabalho por disciplina e por semana , de trabalho do aluno, e por isso aí entram a carga letiva, horas teóricas, horas teórico-práticas, horas de orientação tutorial e as horas de trabalho independente. No questionário que fizemos de avaliação calculamos entre uma hora e meia, duas horas de trabalho independente por semana, por cada disciplina. Contabiliza para os créditos as horas de trabalho independente. Por isso que quando a disciplina tem cinco créditos, significa que tem 140 horas de trabalho por semestre. Durante o semestre há que realmente se assegurar que o aluno realize efetivamente este trabalho, vá às aulas teóricas, às teórico-práticas, esteja nas horas de orientação tutorial com o docente e dê conta do seu trabalho individual, independente ou em grupo. ... valoriza e contabiliza o tempo de trabalho independente do aluno, seja em grupo ou individual. ... o resto é uma estruturação, é forma. E relativamente à forma é pacífico que as coisas possam ser feitas segundo a estrutura que foi montada, 1º ciclo e 2º ciclo. O 2º ciclo praticamente vai retomar algumas unidades curriculares que correspondiam ao 4º ano da antiga licenciatura e integra também um estágio anual que é equivalente ao estágio que eles já faziam no plano antigo. Portanto a questão da estruturação, da formação por ciclos, é relativamente pacífica. Nós conseguimos articulá-los de modo bastante adequado para permitir que depois da formação de banda larga, que é feita no 1º ciclo, os alunos possam fazer 2º ciclos em três áreas, mais especificadas. Aí não temos grandes problemas, os alunos estão satisfeitos com isso. (sobre necessidade de fazer o segundo ciclo) Eu diria que sim, porque permite completar o perfil com unidades curriculares que conferem uma maior maturidade técnica e profissional.
	Características do modelo atual/Bolonha: mudanças	Não deixa de ter razão nessa sua consideração porque verificamos que nem sempre essa mudança está registrada na prática. Isso é um processo. Este é o primeiro ano de implementação desse novo plano curricular e portanto nossas práticas não mudam/ não mudaram tão rapidamente quanto seria desejado. Eu tenho uma visão positiva e otimista. Acho que apesar de nem todos os docentes terem ainda interiorizado as mudanças... mudanças em termos de

	práticas docentes	<p>metodologia, de ensino e aprendizagem, em termos de avaliação, em termos até de postura, de se estar aqui disponível para os alunos. Embora nem todos ainda tenham interiorizado isto, no geral o curso funcionou bem, ou seja, assisti e fui acompanhando mudanças nas metodologias, docentes foram adotando trabalho de projeto, portfólio, avaliações críticas... que não usavam antes. Metodologias, estratégias de trabalho e avaliação que não eram usadas, ou eram pouco usadas, e que hoje são a norma.</p> <p>De fato, este processo de mudança vai ser ainda demorado. Porque nós estávamos habituados, tínhamos práticas arreigadas, incorporadas durante muito tempo e que agora vai ser difícil mudar de um momento pro outro. Mas que os docentes, em princípio, já têm consciência da necessidade de mudar, podem não encontrar nessa altura ainda as condições de se envolverem como exige este projeto... provavelmente dentro de três, quatro anos, estaremos todos a trabalhar dentro desse paradigma sem grandes dificuldades.</p> <p>O maior problema é a implementação, a operacionalização do projeto em si. Da metodologia, do paradigma, que obriga a mudar radicalmente com comportamentos, práticas coletivas de ensino e aprendizagem. E essa é a minha preocupação.</p>
	Características do modelo atual/Bolonha: formação pedagógica dos docentes	<p>Daí que a própria universidade tenha pensado em aprofundar a questão das ações de formação, viradas aos aspectos inerentes a Bolonha. Isso é que irá garantir o sucesso e êxito deste projeto.</p> <p>A Universidade do Minho tem um Gabinete de Avaliação da Qualidade do ensino que programa ações de formação diversificadas e que cobre, por exemplo, a área das metodologias de ensino, aprendizagem, avaliação, os novos modelos de aprendizagem, aprendizagem por projetos, aprendizagem por e-learning, portanto esse Gabinete recebe propostas de docentes que estejam interessados em organizar e ministrar formação, uma proposta fundamentada, programa as ações dentro de um calendário e aceita inscrições. Acontece durante o ano. Tem havido um conjunto de ações de formação programadas no âmbito deste gabinete, que é um Gabinete ligado à Reitoria, e que realiza ações de formação de um modo sistemático.</p> <p>...os docentes dizem em que áreas eles gostariam de ver a existência de ações de formação, e tenta-se – o tanto quanto possível – organizar formação nestes domínios. Às vezes até com especialistas estrangeiros, que são convidados e criam-se essas ações, que funcionam na base de inscrições (voluntárias).</p> <p>Uma outra vertente desse processo (de formação) são as discussões, os debates que vão acontecendo no interior dos Departamentos, na reunião dos Conselhos de Departamentos e na assembleia do Departamento que, estando preocupadas com a implementação do novo plano, procuram agendar pontos que permitam a discussão e o debate relativamente aos problemas inerentes à implementação do plano. Sendo que o Diretor do Curso pode dar indicações aos Diretores dos Departamentos sobre as principais áreas problemáticas ou sobre os problemas que vai constatando a partir das reuniões da Comissão do Curso e dos contatos com os alunos.</p>
	Características do modelo atual/Bolonha: papel do Diretor do Curso	<p>... o trabalho do Diretor do Curso é de acompanhar a implementação dessas mudanças. Se os docentes de fato fazem as orientações tutoriais, se as cargas letivas estão a ser respeitadas, se o regime de avaliação que está definido nos programas está sendo cumprido.</p> <p>Significa que no início do ano letivo, todos os docentes estão obrigados a remeter ao Diretor do Curso o Plano com o regime de avaliação definido. Porque o que existe é uma indicação geral, genérica. No início de cada ano o docente (...) vai operacionalizá-lo e vai dizer relativamente à avaliação o que nós pensamos fazer dentro, o que está estipulado.</p>
	Características do	... houve aqui um aspecto positivo e um aspecto negativo.

	<p>modelo atual/Bolonha: aceitação dos alunos</p>	<p>Os alunos não reagiram bem à obrigatoriedade de transitarem de plano. Os que estavam já no 2º ano preferiam continuar e terminar o curso no plano antigo (4 anos e meio). Ou seja, eles viram-se na contingência de transitar para o 3º ano – que é o ano terminal na proposta, no curso novo – e assustaram-se e não reagiram muito positivamente. Também pelo fato de terem reconhecido que o perfil que este curso preconiza não é o mesmo que o perfil do curso no plano antigo.</p> <p>O aspecto positivo foi estarem na expectativa do funcionamento do segundo ciclo e aí poderem continuar os seus estudos, podendo ou não interromper, entretanto. Eles podem dar seqüência imediata à sua formação ingressando em seguida no segundo ciclo.</p>
	<p>Características do modelo atual/Bolonha: perfil do profissional</p>	<p>É um perfil mais restrito, que limita um pouco as áreas de intervenção. Sai daqui um profissional que não pode ter uma intervenção autônoma, nos contextos onde vai trabalhar. Vai ser sempre sob supervisão, sob acompanhamento, em equipes.... A formação é diferente, aliás essa formação do plano novo, no primeiro ciclo, é depois complementada com o segundo ciclo de formação.</p> <p>... o licenciado no plano antigo ele pode ter uma prática autônoma, pode dirigir projetos, supervisionar atividades, dirigir departamentos, programas, pode ter funções de direção e supervisão, o que não está contemplado neste perfil.</p> <p>Até porque o curso e o próprio perfil do diplomado toma como referência não as ciências da Educação, mas toma como referência um campo de intervenção: a Educação. Daí o curso chamar-se Educação. A identidade do curso é construída não por referência às ciências da Educação mas por referência a um campo profissional de intervenção, a um perfil de licenciado capaz de ter uma intervenção na área da Educação. Penso que isso é congruente aqui com a constituição das unidades curriculares de aprendizagem. Permite constituir conteúdos em torno de resultados separados, mas conteúdos estes que poder vir de contributos de várias disciplinas.</p>
	<p>Características do modelo atual/Bolonha: financiamento</p>	<p>Em princípio significará um custo adicional da propina. E aliás foi também a razão pela qual eles (os alunos) reagiram negativamente. Pelo fato de não haver certeza quanto ao valor da propina, provavelmente mais elevado. E não haver certeza em relação ao financiamento do segundo ciclo. Com implicações, por exemplo no regime de bolsas de estudo.</p> <p>Mas o Instituto de Educação e Psicologia, tal como vem acontecendo com outras escolas e faculdades do país está a repensar uma estratégia no sentido de fazer aproximar o valor da propina deste segundo ciclo ao valor do primeiro ciclo. Até porque depois se põem aqui questões de competitividade entre Escolas e faculdades do país. Um aluno que faz aqui o primeiro ciclo depois pode ir para o Porto, ou para Coimbra, ou para Lisboa fazer o segundo ciclo se perceber que lhe sai mais barato.</p>
	<p>Características do modelo atual/Bolonha: pioneirismo</p>	<p>A Universidade do Minho já estava credenciada ao nível da União Européia, com o documento que é o Suplemento ao Diploma e com os créditos europeus, e portanto não queria perder a iniciativa de ingressar nesse novo processo de Bolonha.</p> <p>Havia uma ocorrência que foi o curso ter sido alvo de avaliação externa dois anos antes. Os resultados da avaliação externa, as críticas que foram apontadas ao curso e as propostas de alteração, impulsionaram o trabalho da comissão. Temos elementos frescos, atuais, úteis e, portanto pudemos fazer a mudança com a nova proposta a partir destes elementos.</p> <p>Aqui o curso de Educação foi uma das primeiras áreas a mudar, até porque o curso estava bem conotado socialmente, tinha alcançado um prestígio social, era reconhecido, havia instituições que pediam estagiários e até profissionais.</p>

		<p>E, portanto, havia esse estímulo, essa indicação que o curso que levava 12 anos de funcionamento estava em altura adequada para fazer uma reestruturação. Havia também essa indicação de que, provavelmente, a nova proposta, a nova configuração não fosse ficar prejudicada no mercado de trabalho, uma vez que o curso no passado estava muito bem situado.</p>
	<p>Características do modelo atual/Bolonha: repercussões na carreira docente</p>	<p>... vai levar à necessidade de mudar, por exemplo, alguns aspectos do estatuto da carreira docente universitária. Valorizavam bastante a atividade de investigação, de produção científica e muito menos a atividade pedagógica, acadêmica com os alunos. E é o que os docentes nos dizem: “que diabos, se eu tenho que investigar, se tenho que ter índices de produção científica, tenho que conseguir a minha progressão na carreira fazendo as provas que são exigidas no mestrado, doutoramento... que tempo é que me resta para me dedicar aos alunos? Preparar, orientar, acompanhar...”</p> <p>Vive-se aqui um pouco este clima dos docentes questionarem: “exigem cada vez mais nós, que sejamos bons docentes mais isso não é avaliado suficientemente.”</p> <p>Existe um mínimo e um máximo, das 6 às 14 horas de docência para professor de tempo integral. (como isto hoje não é pontuado) E isso interfere um pouco na predisposição de um docente para se envolver com este projeto, com esta nova metodologia.</p> <p>... o Estatuto é supra-universitário, é um Estatuto nacional. É o Ministério que elabora o Estatuto. Embora as universidades tenham a sua autonomia, são obrigadas a cumprir este estatuto.</p> <p>Agora é preciso que haja pressões neste sentido...(para a reformulação do Estatuto da carreira docente)</p>
Avaliação	Da aprendizagem em	<p>(a formulação de resultados de aprendizagem) Torna-se assim um guia orientador para ação muito mais concreto, mais específico do que o trabalho a partir dos objetivos, que são difíceis de traduzir, de operacionalizar, de avaliar. Penso que os resultados de aprendizagem permitem manusear mais facilmente, operacionalizar mais rapidamente, do modo a chegar a uma base em que a própria avaliação há de considerar a aquisição dessas competências.</p> <p>Nós estamos particularmente preocupados, por exemplo, em situações que ocorre elevado índice de reprovações. Procuramos saber porquê. São casos muito anômalos. Alunos que reprovam nessa disciplina. Ou seja, quando a média ou índice médio de aprovação na licenciatura ronda os 78%, temos casos de duas disciplinas em que esse índice andou por 40%, 30% de aprovação. Portanto achamos que aqui há uma classificação anormal, tem que se investigar, se apurar o que passa e tomar medidas posteriores.</p>
	Interna	<p>... no final do ano, através do relatório, o Diretor do Curso tem que cobrar, tem que verificar em que medida é que os docentes cumpriram... temos que fazer um Relatório Anual. Além de que, através do trabalho da Comissão do Curso, fazemos um balanço do funcionamento do semestre ou do ano letivo. É onde estão alunos, e especialmente a partir dos alunos sabemos o que é que se passa em termos de cumprimento do que ficou planeado ou definido.</p> <p>O Diretor do Curso pode passar alguns questionários, que os docentes tenham que responder e os alunos também. É uma forma de acompanhamento para além do próprio trabalho, do balanço que é feito na reunião da Comissão do Curso.</p> <p>Os Diretores de Curso recebem resultados agregados da avaliação que é feita ao ensino ministrado, isto é, no final do semestre os alunos preenchem um questionário sobre o ensino ministrado e o docente também preenche um questionário, de auto-avaliação. É semestral, corresponde com a duração das disciplinas. Estes resultados são trabalhados a nível do Gabinete de Avaliação que os devolve: a cada docente que recebe os resultados inerentes à sua avaliação, ao Diretor do Curso os resultados inerentes dos docentes do curso</p>

	Interna	<p>... no final do ano, através do relatório, o Diretor do Curso tem que cobrar, tem que verificar em que medida é que os docentes cumpriram... temos que fazer um Relatório Anual. Além de que, através do trabalho da Comissão do Curso, fazemos um balanço do funcionamento do semestre ou do ano letivo. É onde estão alunos, e especialmente a partir dos alunos sabemos o que é que se passa em termos de cumprimento do que ficou planeado ou definido.</p> <p>O Diretor do Curso pode passar alguns questionários, que os docentes tenham que responder e os alunos também. É uma forma de acompanhamento para além do próprio trabalho, do balanço que é feito na reunião da Comissão do Curso.</p> <p>Os Diretores de Curso recebem resultados agregados da avaliação que é feita ao ensino ministrado, isto é, no final do semestre os alunos preenchem um questionário sobre o ensino ministrado e o docente também preenche um questionário, de auto-avaliação. É semestral, corresponde com a duração das disciplinas. Estes resultados são trabalhados a nível do Gabinete de Avaliação que os devolve: a cada docente que recebe os resultados inerentes à sua avaliação, ao Diretor do Curso os resultados inerentes dos docentes do curso (portanto de várias disciplinas), e aos Diretores de Departamento os resultados inerentes dos professores dos seu Departamento. Vem apenas em tabelas, comparando os resultados do docente com o resultado médio da universidade. E depois cada Diretor de Departamento ou de Curso fará desses</p>
--	---------	--

Unidade de Contexto – PE9

Categoria	Sub-categoria	Unidades de registo
Curso Medicina	Pressupostos	<p>Está baseado no conceito de integração. Não separamos, abordamos um assunto de várias perspectivas em simultâneo. Nosso objetivo é a integração, ou seja, não compartimentar o conhecimento.</p> <p>Um segundo aspecto, é um modelo centrado no aluno, realmente em grande parte das atividades é o próprio aluno quem vai procurar o conhecimentos e não nós ali a dar aulas.</p> <p>Há também muita colaboração entre os alunos na aprendizagem. Esta também é uma idéia subjacente. Não só auto-aprendizagem mas aprendizagem em conjunto.</p> <p>Outro aspecto é a aprendizagem por objetivos. Define-se os objetivos no princípio – e o aluno conhece e procura atingir.</p>
	Apreciação do modelo	<p>...também sabemos que não atingimos completamente este objetivo. O que fazemos de fato é uma simultaneidade, estamos ao mesmo tempo a falar sobre a mesmo assunto em diferentes perspectivas. Nem sempre conseguimos esta tal integração...é uma tentativa, uma aproximação. Tanto é que na avaliação, nós continuamos a ter a noção de que há perguntas de uma área, por exemplo, (...)Quando é que conseguimos isto...quando fazemos resolução de casos clínicos. Portanto ainda não está perfeito em termos de integração.</p>
Trabalho docente	Conseqüências	<p>Claramente há conseqüências(...) O aluno guia muito o processo e como guia pode ir por caminhos muito diversos. Pode chegar a coisas que não nós chegamos. Temos que procurar na internet a informação, procurar nos livros. (...) Fazem perguntas muito mais difíceis. Porque nós não dominamos tudo. Temos também que ajudar a administrar o tempo deles na aula. Isto é uma das coisas mais difíceis no princípio pois eles podem também perder tempo inadequadamente. (...) É trabalhoso o modo de atuar. Tem que se passar pela experiência. A formação ajuda mas a vivência é essencial. Não há muitas fórmulas.</p>
	Preparo	<p>Aqui na escola no principio há sessões de formação sobre o modelo e depois se tem algumas formações específicas. Achamos sempre que não é suficiente. Além da escola fornecer, podemos buscar em outros sítios(...) um dos aspectos que conta em nossa progressão é a formação que fazemos ao longo do tempo no que diz respeito a métodos pedagógicos. Podemos buscar na própria escola ou mesmo fora.</p>
	Como atua	<p>Um aspecto que é diferente em relação aos outros sistemas é a preparação dos</p>

		<p>conteúdos. Porque aqui não trabalho sozinha mas sempre em equipa. Hoje são cinco docentes principais na área em que estou , há uma coordenação da área.</p> <p>Pensamos, neste módulo o que queremos, quais os objetivos? Definimos os objetivos, o que achamos importante e discutimos com os colegas, eles dizem se falta alguma coisa. Depois então definimos os conteúdos. É totalmente diferente daquela autonomia que se tinha. Eu prefiro assim, sempre achei que deveria ser assim.</p> <p>Depois dos objetivos e conteúdos definidos, escolhemos a bibliografia. O livro é considerado é apenas um livro, seleciona-se outros textos que eles devem ler, planeja-se as atividades práticas que tem a ver com aquilo e que serão desenvolvidas.</p> <p>Temos as diferentes fases de cada unidade, há a fase 2 que é da auto-aprendizagem. Pode ser aula pratica, pode ser leitura de um artigo com objetivos (com um guião) , pode ser a solução de um caso clínico. E procuramos não repetir muito os casos para que eles não se valham dos apontamentos dos anos anteriores. Aí temos um trabalho que é a criação do caso.</p> <p>E eu nunca tive dificuldade de falar em público em qualquer lugar em que tenha ido apresentar trabalhos, nunca fico nervosa. Mas aqui fico com alguma insegurança, fico nervosa, pois nunca se sabe onde é que a aula vai ir. Nunca se sabe que perguntas é que o aluno vai fazer. O único detalhe que nós não soubermos é aquele que eles vão perguntar. É diferente de uma aula expositiva em que você prepara , expõe e as perguntas já são aquelas previsíveis.</p>
	Regime de trabalho	Os professores auxiliares são todos de dedicação exclusiva ou quase. Os assistentes que são médicos e que estão no hospital, não.
	Diferença idade docentes	Nem é questão de mais antigos. É questão de personalidade, a história anterior da pessoa etc... Há pessoas que insistem em manter o ensino tradicional no meio deste modelo. Ninguém é forçado na prática a fazer isto. Há quem continue a dar aula clássica , mesmo com o trabalho de equipe. Mas não vai da idade.
	Acumulo de trabalho na avaliação da aprendizagem	Nas questões de múltipla escolha é fácil...a leitura é automatizada. Nas de resposta aberta demora mais um bocadinho mas pra já não é nada de especial.
Avaliação modelo	Qualidade na formação do profissional	<p>Tenho a impressão que, os alunos por exemplo já do segundo ano, comparando com outros alunos, quando vou dar aula como convidada em outros lugares... quando nós damos um problema para eles resolverem, os alunos são muito rápidos em buscar a informação.</p> <p>Outra coisa, eles têm o treino da comunicação. Este é um ponto claro, não tem dúvida nenhuma.(..) Estes não, eles sabem falar, se expressar, não são como os outros alunos. Eles nos surpreendem constantemente, ultrapassam constantemente as nossas expectativas.</p> <p>Desenvolvem-se de forma mais autônoma. Ganham autonomia.</p> <p>Outra coisa, não aceitam ficar sem perceber uma coisa. Não deixam passar sem perguntar. Não se calam enquanto tem alguma duvida, enquanto não estiver esclarecido. Mesmo em risco de poder colocar em cheque o professor</p>
Avaliação do curso	Externa	<p>...no início, em Portugal, houve alguma resistência. A grande critica, e que podem ter alguma razão, é em relação ao ensino clínico. É que aqui não há um Hospital Universitário, como no Porto, em Lisboa por ex., que já tem tradição de ensino.</p> <p>E o que esperavam é que não conseguiríamos formar: primeiro íamos ser péssimos, depois quando viram que não, diziam que íamos formar cientistas.</p> <p>Como viram que a parte básica estava bem não podiam dizer nada. Quando nós mandamos para os projetos de opção para os hospitais , eles vêm com uma ótima avaliação, ótimas impressões das pessoas que lá estão.</p>

		Os alunos que concluíram agora estão no Internato Geral. Já fizeram um exame nacional para o Internato Especifico mas os resultados ainda não saíram , estão para sair agora. Mas é um tipo de prova completamente oposta ao que fazemos aqui, por isso não é por aí que teremos uma forma de avaliar...pois é uma prova de pura memorização.
Bolonha	Posição do curso em relação	Não vai afetar nada porque o curso já está planeado conforme o Modelo de Bolonha. É uma discussão que não aconteceu. Não tem repercussão nenhuma. A única coisa é que teremos que confrontar com Bolonha é a dificuldade de aceitar alunos de outras escolas por causa das equivalências de créditos, porque nossa estrutura é totalmente diferente, não é fragmentada, é diferente. Isto será uma dificuldade.
Alunos	Preparação para o modelo	Tem uma área no início – Introdução ao Estudo de Medicina, mas acho que o grande treino é na prática, com a experiência.
	Perfil	Nos primeiros anos tivemos muitos alunos de fora mas agora o curso capta muitos jovens daqui mesmo do Minho. Estamos cada vez mais a ficar regionais. Os alunos daqui que tem melhores classificações já não pensam em sair daqui, ir para o Porto... já pensam em ficar aqui. Sempre seria bom ter alunos de fora, promove mais a diversidade a dinâmica.
	Motivação	Estão muito empenhados. Sempre fico muito bem impressionada com eles. Estão motivados, em geral percebem a vantagem de estar neste curso.
	Número de entradas	Recebíamos 50, passamos para 60 e agora teremos 100. Em alguns momentos eles tem que estar juntos. Esta é uma das coisas que temos que resolver, estamos trabalhando na formação para desenvolver estratégias para trabalhar com tantos alunos.
	Como estudam	Na verdade, eu acho que eles não estudam exatamente como nós queremos. Porque também arranjam as estratégias de facilitar como ficar com caderno de aluno de ano anterior. Há um caderno de um aluno que está agora no sexto ano, que agora já sei quem é, e que circula entre os alunos. Eles arranjam estratégias para não procurar e por isso a gente tem que sempre mudar alguma coisa.
Curso	Avaliação da aprendizagem	Temos módulos de objetivos que duram 4 semanas em média e ao fim temos um exame, de escolha múltipla e agora introduzimos perguntas de resposta aberta, mas curtas. Depois temos uma nota de atitudes. Que corresponde à postura na aula, participação, se a participação é pertinente ou não, relacionamento com os colegas. Tenho dificuldade nesta nota pois em alguns casos podemos julgar mal. Ao final de quatro a cinco módulos, que corresponde ao final do semestre, temos um exame integrado em que eles tem casos clínicos que podem corresponder aos vários sistemas que falamos. Em cada módulo também temos um exame prático embora nem sempre seja prático. Em Anatomia, eles tem as peças e tem que identificar etc...
	Acompanhamento avaliação	Normalmente é o próprio professor que aborda o aluno. Ao nível de atitudes, por exemplo, fala-se com o aluno ou eles mesmo nos procuram porque não estão contentes com as notas de atitudes.(...) Em casos críticos, o coordenador da área ou pode-se ir via tutor. Que não é bem tutor, é uma pessoa que acompanha o aluno durante o curso. Um orientador geral do aluno durante o curso. As vezes se fala com o tutor e ele chama o aluno. Mas não temos assim tantas situações problemáticas.
	Avaliação da avaliação	Sobre a avaliação, acho que temos a plena noção – eu tenho e acho que muita gente tem – que é o que nós fazemos pior de tudo. Porque não corresponde exatamente aquilo que nós pretendemos. Acho que não conseguimos avaliar aquilo que queremos desenvolver nos alunos. Já discutimos entre vários professores, é mesmo muito difícil. Precisáramos de uma forma que fosse pratica. Penso que as grandes mais-valias que queremos que os alunos tenham, não as conseguimos medir.

Unidade de Contexto – PE10

Categoria	Sub-categoria	Unidades de registo
Modelo curso	Pressupostos	O curso já é de acordo com a forma de Bolonha mas antes de Bolonha, Iniciou em 2001. A parte dos conteúdos são como os outros cursos mas na área curricular existe uma área chamada Domínios Verticais , que existe do primeiro ao quinto ano.(...) É uma tentativa de se dizer que um médico não pode ser só um médico mas tem que ter visão panorâmica da vida, tem que ter opiniões formadas sobre

		os assuntos do dia a dia. (...)Não é formá-los todos iguais mas orientá-los e mostrar-lhes outros posicionamentos.
Trabalho docente	Consequências do modelo	<p>É mais trabalhoso do que no curso tradicional. Nestes, o professor dá as aulas, faz os exames na época de exames, ou dois, porque agora mudou, um no primeiro semestre e outro no segundo e a avaliação final se os alunos não tiverem nota. E neste, os alunos tem trabalhos e exames de 4 em 4 semanas (ou 5 em 5).</p> <p>Além de ser mais trabalhoso para o docente preparar os exames, é mais trabalhoso preparar as aulas porque o próprio modelo das aulas não é estanque porque a aula que foi dada neste ano pode não ser a mesma, terá que ser alterada no próximo ano. Terá que ser alterada.</p>
	Preparo para atuar	<p>No início quando os professores são contratados há umas formações para orientar. Como o modelo é diferente, os professores são orientados a como trabalhar. Até mesmo a nível de preparação de exames, como fazer perguntas, fazer perguntas de modo correto.</p> <p>É feito na escola mesmo. Quem se encarrega disto é o Prof. Manuel que é encarregado da Unidade de Educação Médica e tem mais experiência no assunto. Tivemos no início e agora teremos mais alguma pois teremos agora turma de 100 alunos, e é necessário também discutir as estratégias pois não é tão fácil ter uma aula prática interativa construída com 30 alunos e agora teremos com 50. (...) Há aulas que vão ter que ser adaptadas pois não teremos o mesmo rendimento com este número maior de alunos</p>
	Planejamento do trabalho	<p>O trabalho é feito todo em conjunto. O professor não pode trabalhar como em outros cursos de um modo individual. (...) Definimos os objetivos e então estabelecemos os conteúdos de cada área, os que precisam ser trabalhados em cada área. E mais, planejamos de modo que os conteúdos sejam trabalhados de forma a conjugar uns com os outros. Ou seja, o professor não trabalha sozinho. Precisa trabalhar em conjunto com seus colegas. É um planejamento conjunto.</p> <p>Há uma intranet e ali o aluno sabe todos os horários de cada professor, que aula será dada. Além disto, os professores colocam qual será o conteúdo da aula e os textos que serão utilizados. O aluno pode ir para a aula e já ter se preparado, lido os textos antes.</p>
Avaliação modelo	Qualidade formação profissional	Eu acho que nós só vamos saber se saem mais bem formados ou não quando estiverem em ação. A nível de conhecimento, aprendem mais, de maneira mais interativa do que em outros, há uma maior proximidade entre docentes e alunos, podem vir tirar dúvidas, não há aquela distância do professor isolado em seu gabinete. Há um contato mais direto entre eles e com o corpo docente.
Alunos	Como recebem o modelo	Eu acho que eles gostam. Nunca participei das discussões mas pelo que sei eles gostam. Evidentemente deve haver algumas discussões mais aborrecidas e outras mais interessantes.
	Consequências do modelo	Também, é mais trabalhoso, porque precisam estar fazendo seus estudos todo o tempo. Não podem, como fazíamos no tempo da faculdade. usar os mesmos apontamentos do ano passado, pois a organização da matéria e os casos clínicos são diferentes. Acho que para eles é mais trabalhoso e mais vantajoso.
	Preparo alunos	Também para eles, traz um pouco de dificuldade. É mais trabalhoso, precisam se adaptar pois de quatro em quatro semanas tem exame e depois ainda tem o exame integrado que o próprio nome diz que é uma integração de todos os conteúdos do semestre.
	Preparação prévia para as aulas	Sim, muitos alunos já se preparam para a aula lendo os textos. E isto torna a aula mais produtiva. Há alguns que dizem: não li todo o texto. Bem, melhor do que não ler nada. Mas é bem freqüente os alunos se prepararem.
	Desempenho externo	(...) no sétimo ano vão para o Internato do Ano Comum. A classificação deles para este internato é a nota do curso.(...) Já para o ano seguinte, o oitavo ano, eles prestam um exame nacional para se classificar para o Internato da Especialidade. Nossos alunos acabaram de fazer esta prova e estamos aguardando os resultados que devem sair agora em fevereiro. Quando eles fazem a prova e recebem os resultados, ainda não sabem onde, quantas vagas e que vagas vão ser oferecidas. Só no final do ano é que estas vagas vão ser divulgadas e então eles escolhem, Se querem fazer, Dermatologia, por exemplo, e não tem vaga ou as vagas já foram preenchidas por quem foi melhor classificado, precisam escolher outra

		<p>especialidade.</p> <p>Agora é que vamos ver o desempenho dos nossos alunos porque estas provas são muito tradicionais. São alguns capítulos de um livro que os alunos tem que praticamente decorar e as perguntas exigem isto, memorização. Temos duas alunas aqui que disseram que foi preciso “desaprender” tudo o que tinham aprendido para poderem se preparar e fazer as provas. Vamos ver qual será o desempenho deles.</p>
Curso	Adaptação maior número de alunos	Isto é que estamos ainda vendo. Ainda não começamos a planejar o segundo semestre (que é quando a turma vai começar) mas há uma percepção de que haverá alguma dificuldade. Por exemplo a questão do controle de faltas
	Unidades curriculares	<p>1º fase - trabalhada por um docente e com todos os alunos – nesta fase são apresentados os objetivos do módulo;</p> <p>2ª fase - trabalho teórico e teórico-prático – feito com dois docentes e com a turma subdividida em duas</p> <p>3ª fase – é a fase de integração – trabalha um professor com toda a turma, são discutidos os casos clínicos. É o momento em que o aluno integra o conhecimento.</p> <p>4ª fase – esclarecimento de dúvidas – trabalhada com dois professores e com a turma subdividida em duas e os alunos que desejam vêm para a aula para esclarecer suas dúvidas, discutir, etc. Nesta fase a frequência não é obrigatória. Nas três primeiras ela é.</p> <p>5ª fase – exame – de dois tipos: o prático que é feito na forma de gincana. Existem uma série de perguntas que são colocadas e os alunos entram na sala e respondem uma, depois passam para o outro lugar onde está a seguinte, e assim por diante. Entram por um lado da sala e saem por outro, para não encontrar os colegas. Ele tem um minuto para responder cada pergunta. Depois existe o exame teórico em que são apresentadas 75 questões e os alunos devem responder.</p> <p>Toda esta organização acontece nos três primeiros anos em que é trabalhada a formação básica do aluno. Depois começam no quarto ano as clínicas. Ai o modo é diferente</p>
	Unidades curriculares finais	No quarto e no quinto ano começam as residências. Os alunos fazem “rotações” entre os diferentes setores dos hospitais : pediatria, obstetrícia, etc... e também vão para os Postos de Saúde(...) Neste momento, muda a forma de trabalhar em sala com os alunos, eles estão fora e então de 15 em 15 dias possuem seminários sobre os diferentes assuntos das residências. Os mais variados. Além disto, vêm aqui duas vezes por semana em que têm mais seminários sobre outros assuntos, retomam assuntos já discutidos,
	Procedimentos ilícitos	Neste caso, quando se desconfia ou verifica que o aluno adotou procedimentos assim, ele é reprovado. Se fez isto na prova prática, tira zero e não pode fazer a prova escrita.
	Avaliação	(...) a avaliação de atitudes em que é avaliada a motivação, o empenhamento e a participação do aluno. É difícil avaliar, ainda mais com turmas maiores, como teremos. Nunca sabemos se o aluno que fica mais calado é porque não está envolvido ou porque sua personalidade é assim
	Projeto de opção	<p>Este é um diferencial do curso, não conheço cursos de medicina que tenham este trabalho. Ele vai do primeiro até a quinto ano com um mês e no sexto ano tem dois meses. Neste projeto o aluno é quem escolhe o que quer fazer. Livremente ele escolhe, não temos uma lista em que ele olha e decide. Não, ele é quem escolhe. Ele faz um projeto e diz onde quer estar: em hospital, em laboratório fazendo pesquisa, em trabalho com menores, em clínica de idosos, obstétrica,... Eles ficam lá, trabalham e fazem depois um relatório que é entregue e corrigido pelos professores. Depois é feito um seminário em que todos tem uns 10, 15 minutos e apresentam suas experiências. Este projeto não tem financiamento, o aluno é quem paga suas despesas. Tivemos outro ano duas alunas que escolheram ir para a África. Foi uma apresentação que causou muito impacto.</p> <p>É uma fonte grande de aprendizagem e amadurecimento para os alunos pois eles são muito “protegidos”. Convivem apenas com algumas coisas e não conhecem outras.</p>
Avaliação	externa	Eu não estava aqui desde o início mas posso dizer que não foi muito bem visto no começo. Existiam duas Escolas de Medicina no Porto, duas em Lisboa e uma em Coimbra. Então esta foi vista como “ocupando espaço”, além disto, o curso

		era diferente. Agora penso que as coisas já mudaram pois viram o desempenho dos nossos alunos.
Bolonha	Apreciação sobre	Penso que pode ser e é algo bom. Mas penso que o que pode acontecer é que, como todos tem que se adaptar ao modelo de Bolonha, façam a adaptação mas “dêem uma volta”e , realmente continuem como estavam antes. Ou seja, não mudem de verdade. Porque para mudar é necessário mudar o modo de trabalhar, trabalhar em conjunto, integrados. E o professor não está acostumado com isto, o aluno também não.

Unidade de Contexto – PE11

Categoria	Sub-categoria	Unidades de registro
Modelo curso Medicina	pressupostos	<p>O curso já está formatado antes de Bolonha, como Bolonha. (...) em primeiro lugar, o fato de o saber não ser apresentado de forma compartimentada, mas sim integrada em áreas de saber. Eu vivi isto como aluno e agora estou vivendo como professor. E eu acho que há uma questão muito importante porque os alunos, e nós todos fomos alunos, tendem a achar, muitas vezes, que o saber se compõe de pacotes estanques. Portanto, este sistema permite compreender as interligações que existem entre as diferentes disciplinas e torna-se muito mais didático.</p> <p>A segunda questão, é um ensino centrado no aluno. Nós preparamos as aulas da seguinte maneira: temos um tema para 4 horas e temos que preparar tudo sobre aquele tema. Apresentamos as bibliografias e sabemos que os alunos já estudaram previamente o assunto. E eles é que vão conduzir as aulas, portanto as aulas vão exatamente onde os alunos quiserem, não há nada pré-definido.</p> <p>Depois, nesta escola também há uma relação que não é só horizontal entre os temas, as disciplinas... há uma relação vertical, ao longo do curso. As coisas que estou a ensinar neste momento no sistema endócrino, vão ser muito importantes e mais adiante vão voltar a ser repescadas quando os alunos estiverem trabalhando na Endocrinologia Clínica (...)</p> <p>(...) um quarto ponto que eu gostaria de destacar: a avaliação do ensino-aprendizagem em todos os momentos, que acontece na Escola. Em todos os momentos há avaliação. Avaliação dos alunos e dos docentes. Avaliação dos docentes pelos alunos e dos alunos pelos docentes. Em todas as aulas devo dar um feedback de todos os meus alunos e partilhar este feedback com meu grupo de ensino.</p> <p>Este seria um quinto ponto de inovação neste curso. Temos uma avaliação verdadeiramente contínua. O desempenho dos alunos é avaliado todos os dias nas aulas, depois são avaliados por módulos (ao fim de cerca de 4 semanas) e depois num conjunto de módulos. Portanto há vários momentos de avaliação. E depois de algum tempo, isto permite ao docente, mais facilmente identificar os alunos que estão com problema e tentar ver alternativas para estes alunos. O que acontece no ensino tradicional é que os alunos andam por lá, são avaliados, aprovam ou não aprovam e já não há tempo para recuperar, para melhorar seu desempenho.</p> <p>Outro aspecto é a investigação científica. Temos alunos novos que estão estimulados a participar de investigação científica. E isto acontece por vários mecanismos. Primeiro : há vários alunos que estão fazendo trabalhos de investigação. Depois existem os Projeto de Opção . Em quatro semanas os alunos podem fazer o que quiserem e quase sempre, grande parte dos alunos, pelo menos uma vez, nas seis oportunidades que tem, escolhem fazer uma investigação. O que é uma grande mais valia para os alunos. Depois os professores também estimulam os alunos a virem aos laboratórios em que eles estão fazendo suas pesquisas, a tomarem contacto com a investigação , para se envolverem nestes trabalhos.</p>
	planejamento	Exige um planejamento muito antecipado... Em setembro, tive o planejamento de todas as aulas para o ano todo. Tudo pronto, quais seriam as atividades conjuntas...Os professores que já estavam em outras disciplinas apenas

		precisavam aperfeiçoar. E fizemos isto em várias níveis várias reuniões.
	Avaliação do modelo	Eu nunca estudei no sistema clássico no curso de Medicina mas o testemunho que tenho de meus colegas é que este sistema funciona muito melhor. Nossos alunos são muito mais acompanhados. Não são deixados à sua sorte. E depois avaliados no fim.
Docentes	Conseqüências do modelo	<p>Eu acho que a planificação é muito mais antecipada. E o fato de trabalharmos de modo interdisciplinar, em equipa, pois quase sempre damos aulas entre dois ou mais, exige que além de planificar tenhamos que planificar em conjunto.</p> <p>Penso que passamos muito mais tempo aqui e temos muito mais contacto com os alunos e com os colegas. Por isso temos mais o feedback dos alunos e dos colegas. Acho que se trabalha muito mais em equipa do que no ensino tradicional.</p> <p>Acho também que preparação das aulas é muito mais difícil. Já tive oportunidade de ser convidado para dar conferências, por exemplo. É mais fácil. Porque. Porque preparo tudo em casa, levo uma apresentação e corre tudo exatamente como planeado. Alguém faz uma pergunta, se houver tempo... que é mais ou menos como acontece no ensino tradicional. Aqui tem se que ter tudo preparado porque tudo pode acontecer naquela aula. É muito mais difícil preparar as aulas neste sistema.</p>
	Preparação para	Nós temos um programa de formação para o professor ingressante conhecer o modelo. Temos também um programa de formação contínua. Este ano já participei numa formação sobre como dar aulas em turmas de 100 alunos, porque nós duplicamos o número de alunos. Os desafios serão diferentes.(...) Trabalha-se em workshops, oficinas.. e o objetivo é ter uma formação atualizada. Para estarmos preparados para os desafios.
Aluno	Preparo	<p>No início tudo parece muito complicado. Nós temos dois problemas: temos que perceber o sistema e viver o sistema. E eu acho que no início perceber o sistema é mais difícil do que viver o sistema. Porque de facto são nos apresentados os pressupostos teóricos que temos alguma dificuldade em perceber, pois estamos começando.</p> <p>A primeira área curricular do curso é Introdução ao Curso de Medicina. Aí eles trabalham um conjunto de competências e conteúdos que depois vão ser usados ao longo do curso. Compreendem o contexto do curso, na Universidade, na cidade, na região e neste país. Depois o que é a Medicina e o que é o homem do ponto de vista sociológico, psicológico, biológico, espiritual.</p> <p>Depois aprendem como é que isto tudo funciona. É o que eu disse que é mais difícil perceber do que vivenciar. O sistema do curso, como funciona. Depois devem perceber como estar no laboratório, alguns até já sabem. Aprender a fazer os procedimentos básicos. É feito no início. Preparação à Informática, ao tratamento de dados estatísticos, são competências gerais que os alunos vão precisar depois.</p>
	Preparo profissional	<p>Não sei responder. O feedback que nós temos dos hospitais é que nota-se claramente a diferença entre os alunos em algumas áreas: por exemplo na postura diante dos doentes, na capacidade de se comunicar, na capacidade de perceber as queixas e as necessidades dos doentes. Mas penso que todas as faculdades médicas tem um objetivo comum e tentam atingi-lo da melhor forma. Como também sou uma pessoa que acredito na ciência, penso que é prudente esperar e depois fazer estudos comparativos para ver onde uns e outros estão melhores.</p> <p>Posso responder como alguém que passou por este modelo. (...). E eu digo que sim, que me sinto preparado e sinto às vezes vontade de fazer mais do que aquilo que posso neste período de moratória de dois anos. Temos que fazer dois internatos, são dois anos em que podemos ver os doentes, falar com eles, mas só não podemos prescrever. Não sinto medo porque logo no primeiro ano, e penso que isto é diferente dos cursos tradicionais, tivemos contacto com os doentes. No segundo ano tivemos que acompanhar uma família. Então aprendemos a superar o medo do desconhecido, o medo de fazer a pergunta, e depois, mais adiante, a partir do terceiro ano, passamos quase todos os dias no hospital.</p>
Curso	Avaliação externa	No início é óbvio que foi visto com alguma desconfiança.(...) Hoje, não tenho qualquer dúvida em lhe dizer que o curso está altamente prestigiado quer a nível

		nacional quer a nível internacional. Tem avaliação externa. A opinião pública tem uma excelente imagem do curso. Isto revela-se numa taxa de procura que está sempre a aumentar. Já foi a primeira e hoje é o segundo ou terceiro lugar das Escola de Medicina mais procuradas do país.
	Ajustes necessários	A primeira dificuldade que nós temos é uma questão de tempo porque o curso exige que nós passemos aqui muito tempo. Tanto professores como alunos. E nós para termos uma formação integral, não podemos dispensar outras atividades que são extra-curriculares, mas que são importantes. Penso que neste aspecto o curso não favorece muito a nossa participação.
	Modelo stressante	Acho que sim, o curso pelo grau de exigência muito elevado, que exige muito dos alunos é um teste ao stress. No fundo é uma antecipação da profissão de médico que é altamente stressante. Dizemos aos pacientes para não andarem stressados, não ficarem preocupados com o trabalho... mas nós...Acho que o curso antecipa isso, com todas as vantagens e desvantagens que isto também traz. Na Unidade de Educação Médica tem psicólogos que monitorizam os problemas que vão surgindo com os alunos e encaminham alguns casos sempre que necessário, se for o caso,...sempre em conjunto com o aluno. Depois existe uma área que também serve um bocadinho para isto embora não seja a única finalidade que são os Domínios Verticais. O que são os Domínios Verticais ? Trata de todos os domínios que dizem respeito à pessoa humana. Música, teatro, história, ética. Existem vários tipos de atividades.(...) Os Domínios Verticais são obrigatórios. (...) Há uma grande parte dos alunos que se envolve muito mas há uma parte que não aprecia e que gostaria de estudar apenas os aspectos restritos da Medicina. (...) Um médico que só sabe medicina, nem de medicina sabe.
	Relação professor e aluno	(...) é uma relação muito mais próxima do que no ensino tradicional. Os alunos vêem nos docentes parceiros e vice versa. Não sei se isto está relacionado com a nossa profissão em concreto, porque nós somos aprendizes a vida toda. Ao acabar o curso, vamos aprender com um interno uma especialidade, que está a aprender com um especialista, que está a aprender com o chefe de serviço. Portanto nós somos a longo da vida toda aprendizes e parceiros colegas. Assim, tratamos nossos alunos como colegas e eles procuram os professores em qualquer dificuldade. Esta é uma das grandes diferenças.
Bolonha	Impacto no curso	A discussão foi direta porque o curso já tinha praticamente tudo aquilo que Bolonha preconizava: a auto-aprendizagem, a avaliação contínua e por módulos, o modelo centrado no aluno. A necessidade que tivemos foi de que a avaliação do projeto final do sexto ano passou a ser pública. Porque até isto já estava previsto: a defesa de uma tese. Portanto não foi preciso mudar quase nada. Os alunos podem ainda interromper o curso no quinto ano e ir para os Estados Unidos, ficar 3 anos para fazer doutoramento. Agora vai ser acrescentada uma titulação intermédia e mais genérica no terceiro ano mas que não lhes dará possibilidade de exercer a profissão de médico . para exercer os alunos deverão ter o Mestrado Integrado.
	Nos outros cursos	Há uma coisa engraçada. Um jornal local disse que os bares à volta da Universidade..... estão vazios. O que é um primeiro indicador de que alguma coisa mudou. Também as bibliotecas estão cheias, não só na época de exames. A falta de lugar nos estacionamento também aumentou muito. Pelo menos há mais gente na Universidade durante todo o tempo. Os alunos tem muitos trabalhos a fazer. No geral os alunos estão muito mais envolvidos. Penso que, na realidade Bolonha mudou o comportamento dos alunos e eles estão envolvidos com o curso de uma forma muito mais contínua.

Unidade de Contexto – PE12

Categoria	Sub-categoria	Unidades de registo
Modelo curso	Pressupostos	Eu penso que assenta sobretudo em ser um modelo de ensino centrado no aluno. É uma tentativa de desenvolver no aluno aptidões de estudo e de aprendizagem autónoma. Uma autonomia guiada, tutorada.

		(...) uma integração, fusão entre as disciplinas de forma a diminuir a compartimentação entre elas, que é clássica nas faculdades de medicina.
	Avaliação do modelo	<p>É difícil de saber. Este modelo está baseado em paradigmas educacionais que vêm de fora. Não temos distanciamento suficiente no tempo para dizer que este modelo é um modelo excelente. Aliás, curiosamente, quando se observa o que se passou em outras universidades inovadoras que tentaram modelos novos, se vê que, do ponto de vista do produto final, a diferença não é muito grande. A competência profissional é idêntica.</p> <p>Estou convencido que eles são mais capazes de trabalhar a integração, a conjuntura e menos o detalhe, embora haja pessoas que podem até ter inclinação para o detalhe.</p> <p>(...) recentemente quando terminou o período de seis anos de instalação do curso, o número de alunos passou de 50 alunos para 100, o que aumenta a exigência em termos de recursos humanos. Não temos neste momento problema de espaço mas temos problemas de recursos humanos.</p> <p>(...) sobretudo ao nível das clínicas, não há gente suficiente que se sinta atraída pelo ensino. O ensino não é, ainda hoje, suficientemente atrativo do ponto de vista remuneratório, só do ponto de vista da realização profissional. Qualquer médico que venha a trabalhar para a universidade deixa de estar a fazer horas de seu trabalho de médico e portanto, não é por este motivo que ele está aqui mas por razões de outra ordem. Isto nos limita porque não podemos competir com a área assistencial. As próprias autoridades de saúde têm um protocolo em que é suposto que algumas horas assistenciais dos médicos deveriam entrar nestas horas dedicadas ao ensino, mas nem sempre funciona assim.</p> <p>(...) esta é uma área que está a ser trabalhada pela coordenação da escola e que tem sido sempre acompanhada e em que há algumas conquistas mas, de facto, algumas limitações decorrem da própria estrutura do ensino superior. De fato estamos numa escola numa universidade pública, se estivéssemos numa fundação, por exemplo, poderíamos pagar os profissionais de outra maneira. Por exemplo, compensar as horas dos profissionais para que eles não tivessem perdas. Nas disciplinas básicas a situação é diferente. Pois nesta área a maior parte dos profissionais hoje já não são médicos e são bioquímicos, biólogos, e está tudo bem... são pessoas vocacionadas para o ensino e, neste caso há disponibilidade no mercado e não há tanta dificuldade em recrutar profissionais.</p>
Docente	Repercussão do modelo	Para quem ensina e para quem aprende. Ao professor exige preparação, muita interação e muita avaliação e correção de processos. O problema fundamental é a disponibilidade de tempo e o de recursos humanos. Porque, não é propriamente de financiamento, o problema é ter recursos humanos disponíveis e treinados ou disponíveis para serem treinados em métodos pedagógicos, em quantidade suficiente para apoiar os alunos.
	Vínculos docentes	Na parte das clínicas os docentes vêm do Ministério da Saúde e temos horas complementares com a universidade. O problema fundamental é a aplicação do protocolo. Existe um trabalho conjunto entre os Ministérios mas depois a interpretação por parte das chefias intermédias que estão preocupadas em resolver as questões particulares do local de trabalho, nem sempre é adequada e dificultam.
	Planejamento	A grande dificuldade que esta escola tem tido, e todas têm, é delimitar corretamente aquilo que deve-se ensinar, o conjunto nuclear de aprendizagem, e retirar aquilo que sendo importante não é essencial, é acessório. (...) É sempre uma dificuldade. Apesar de já haver os objetivos nucleares de aprendizagem, bastante bem feitos, que já foram definidos há algum tempo, com outras escolas de medicina em Portugal apesar disso, há sempre alguma dificuldade em estabelecer os conteúdos a ensinar. Estabeleceu-se quais as competências, aptidões e atitudes, quais os gestos clínicos que o estudante tem que desempenhar etc... Apesar de tudo sempre há alguma dificuldade... cada área se considera a mais importante.
	Preparo para atuar	A escola tem trabalhado em formação de forma sistemática. Eu pessoalmente já tive, eu e meus colaboradores, pois estou ligado ao ensino pós graduado em Medicina Familiar e já tivemos todos, uma formação pedagógica formal. Sobre métodos pedagógicos, ensino em pequenos grupos, ensino ombro a ombro,

		tutor/aprendiz...fazemos isto ainda a nível da pós graduação... Para os nossos tutores, aqueles que não são docentes da casa, temos ou um programa próprio da área da saúde comunitária ou integrado à Unidade de Educação Médica. Temos desenvolvido alguns programas de formação pedagógica contínua, desde métodos de avaliação, ensino ombro a ombro, métodos tutoriais e até métodos de investigação.
Aluno	Repercussão do modelo	Para quem ensina e para quem aprende.
	Nível de stress	<p>Curiosamente, há bem pouco tempo terminou uma dissertação de mestrado uma aluna de Psicologia da U Minho, que trabalhou com o stress dos alunos do curso de medicina. Surpreendentemente para ela e também um pouco para mim, verificou que o nível de stress não é tão elevado como estava a espera. Ela comparou uma amostra de alunos do primeiro e do quinto ano e verificou que o nível de stress era menos elevado do que quando comparado com os de outras escolas. É interessante. De qualquer modo penso que o nível de stress é sempre elevado. A medicina é uma área de aprendizagem muito exigente. A cada cinco anos duplica o nível de conhecimentos sobre as áreas da medicina.</p> <p>(...) apesar de se ter algum cuidado em intercalar as áreas do ensino formal, com atividades práticas, teórico-práticas e de auto-aprendizagem, e com a área de atividades curriculares de humanismo, - os Domínios Verticais - com algum tempo para o próprio aluno... apesar disso, os alunos ficam sobrecarregados.(...) Pensamos que a alternância de métodos pedagógicos, a auto-aprendizagem, mais ensino ativo, mais as atividades diversificadas... pensamos que a variedade de atividades pode contribuir para a redução do stress.</p>
Curso	Avaliação da aprendizagem	<p>A avaliação é um assunto bastante complicado. Por melhor que se faça, nós não temos muito poder discriminatório na avaliação. Eu sou uma das pessoas que só estabeleceria o escore mínimo e diria apto ou inapto. Porque é muito difícil dizer se o aluno que tem 70% e o outro que tem 71%, o segundo é melhor que o primeiro.</p> <p>(...) há áreas cognitivas e então fazemos um teste e não há problemas.. mas há áreas em que se quer observar os desempenhos, então temos um guião em que o aluno é observado pelo tutor que regista se ele fez x vezes a tarefa bem feita, etc. Verifica tarefas específicas que são observadas. São habilidades e aptidões...e procuramos também avaliar as atitudes.</p> <p>(...) temos um método de avaliação que inclui quatro ou cinco áreas de avaliação, uma que é o teste final que supostamente testa conhecimentos, temos o portfólio de atividades, depois uma área que tem alguma subjetividade que vê as atitudes e comportamentos, e por fim a criatividade e a autonomia na pesquisa e na realização numa tarefa que é um trabalho em grupo, sobre um tema, em que eles tem que desenvolver um protocolo de investigação.</p> <p>É uma combinação de métodos...com isto estamos a planejar um trabalho de avaliar a avaliação. É a quarta vez, na minha área, em que estamos a fazer isto, e estamos a pensar em breve um trabalho de avaliação dos nossos métodos de avaliação. Para tentar perceber como estamos fazendo, para aperfeiçoar.</p>
Bolonha	Repercussão	<p>Nós nos adaptamos rapidamente pois pegamos, no curso de medicina, numa fase bem inicial o processo de Bolonha. Tivemos tempo de adaptar o curso. O processo de Bolonha não parece se aplicar bem aos cursos técnicos e, particularmente ao de medicina. Também os de engenharia, arquitectura, etc.Não faz sentido ter um licenciado em três anos e que não pode exercer nada.</p> <p>Teremos uma Licenciatura em C.Básicas da Saúde em três anos e ele não poderá ser médico. Poderá trabalhar como colaborador em investigação em um laboratório de pesquisa. Mesmo com o curso completo não pode trabalhar como médico em Portugal. Para ser médico terá que fazer mais um ano e depois o internato médico. Um ano de internato médico geral, o chamado ano comum, e mais três a seis anos de internatos de especialidades. Isto é obrigatório para exercer medicina. Mesmo com o internato, só com o segundo ano de interno é que podem prescrever.</p>

		<p>O que é que a Escola fez, como se adaptou? De facto criou o Mestrado Integrado. No sexto ano os alunos fazem um trabalho final de investigação que é uma dissertação e que é apresentada publicamente com um júri composto inclusive com pessoas convidadas de outras universidades. Com isto cumpre então os requisitos de Bolonha, em que a primeira parte dá uma Licenciatura e a segunda parte é um mestrado Integrado, mas de facto é apenas uma adaptação é formal pois não há muito sentido.</p> <p>A idéia de Bolonha que é de facilitar a mobilidade na Europa é uma área ainda que está muito longe de ser conseguido. E o que posso dizer é que apesar das recomendações de que se faça em cinco anos, há países que fazem em dois, outros que fazem em quatro, outros em seis. Há muita diversidade. É um ideal que ainda está muito longe de ser alcançado, precisa ser muito trabalhado.(...) Por exemplo, na Holanda, o arquiteto é meio arquitecto meio engenheiro e aqui em Portugal é mais um artista, não pode calcular estruturas...então é preciso trabalhar muito mais para que a mobilidade seja um facto.</p>
Avaliação	Externa	<p>Eu vejo uma visão dupla: de um lado alguma inveja e de outro lado algum cepticismo. E ambas são razoáveis. Inveja porque temos tido uma limitação de <i>numerus clausus</i>, que é um privilégio considerando as outras escolas médicas. (...) Agora temos um edifício novo, e tudo isto causa um pouco de inveja.</p> <p>Por outro lado algum ceticismo porque de facto uma escola que começa com muito poucos docentes com doutoramento, sobretudo nas áreas clinicas, como aconteceu aqui, pois muitos de nossos docentes estão ainda a fazer seus doutoramentos e isto aconteceu com outras escolas também quando começaram. (...) já se esqueceram e perguntam-se como é que uma escola pode começar assim. Há algum cepticismo, como se vai conseguir manter. E é uma pergunta pertinente. Iniciar e estruturar este modelo de curso já é difícil, e mais complicado ainda é mantê-lo com a mínima qualidade. É preciso ser consistente e persistente e coerente ao longo do tempo.</p>

Unidade de Contexto – PE13

Categoria	Sub-categoria	Unidades de registro
Novo Curso de Educação	Fundamentos	O novo projeto de Licenciatura em Educação foi elaborado de acordo com diretivas oficiais institucionais, pela comissão de reestruturação...
	Diferenças entre anterior e atual	<p>O projeto académico e o projeto social é basicamente o mesmo. Com ligeiras modificações. Há diferenças na configuração. O anterior tem 5 anos com um tronco comum de 3 anos e generalista em que os alunos aprendem basicamente 3 coisas: ciências básicas da educação, ciências aplicadas da educação e metodologia. Depois, tem 3 áreas de especialização.</p> <p>Isto caiu agora com Bolonha pois o curso terá 3 anos. Caiu o 4º e o 5º ano. Esta mudança implica uma desvalorização da Licenciatura enquanto diploma académico e do ponto de vista do estatuto funcional.</p> <p>Na antiga tem 3 anos comuns, no 4º uma pré-especialização em que os alunos vão para as áreas específicas(...). No quinto ano vão para o estágio e saem com o estatuto de técnicos superiores em educação/formação e podem assumir funções de direção e de coordenação nas instituições em que vão trabalhar.</p> <p>Com o novo não, podem assumir apenas funções de auxiliares, de apoio. Há portanto uma redução do estatuto académico e profissional.</p> <p>Agora, o projeto académico e social é basicamente o mesmo(...) Julgo que se perdeu algo em termos de estatuto académico : há uma desvalorização social, académica das licenciaturas e em termos de estatuto profissional.</p>
2ºciclo	Necessidade	No momento em que os alunos começam a adquirir conhecimentos mais profissionais e mais conectados diretamente com o mercado de trabalho, passam para o segundo ciclo, que agora é praticamente obrigatório fazer(...) os novos Licenciados com 3 anos não tem as mesmas competências e os mesmos saberes para agirem em termos profissionais. É uma política de mão de obra barata que também não funciona porque eles não tem os saberes para atuarem e só vão adquirir isto no segundo ciclo, nos mestrados profissionais.

		<p>À medida que os empregadores se aperceberem que as competências não são as mesmas, a tendência é de reduzir a empregabilidade. Vejo uma perda dos alunos ao nível das Licenciaturas. Eles terão dificuldades de todo o tipo.</p> <p>Eles (os mestrados) também funcionam em Portugal e também nos outros países como um balão de oxigênio para as universidades que estão altamente descapitalizadas.</p>
	Dificuldade	Do ponto de vista do aluno é mais difícil ele fazer porque o custo do mestrado é maior. Há também uma diferença académica. Ele vai sair como Mestre. O mestrado, pela sua natureza tem um nível de complexidade, de profundidade, de qualidade superior de formação académica.
Reforma educacional	Características	<p>O governo em Portugal não está apenas a fazer uma reforma, está fazendo uma autêntica revolução pois está a re-configurar por completo o panorama universitário. Está a constituir um outro ser, com uma outra lógica, temos agora um novo ordenamento Jurídico das Universidades.</p> <p>Hoje está se discutindo a transformação das universidades em fundações públicas de direito privado.(...) Mantém-se o espaço público mas com gestão privada, com regras privadas. Com um Conselho Geral, o Reitor passa a ouvir mais os setores empresariais. Os recursos vêm em parte do Estado. A técnica do Governo, a estratégia não é por acaso, está sendo a de obrigar a mudar. Até agora o sistema ficou sem mudar, corporativo, passivo, inalterado. Teve tudo garantido, o financiamento estava garantido até agora.</p> <p>A Universidade do Minho decidiu para já não mudar, vai se esperar para ver como acontecerá a ligação com os setores empresariais porque o setor empresarial em Portugal que não é muito forte. (...)Se o mundo empresarial vier teremos novas regras de financiamento. Parte do financiamento virá do sistema privado.</p> <p>O atual governo não está apenas a fazer uma reforma, está a re-configurar, a criar um outro sistema público com outra lógica completamente diferente.</p> <p>Há muita coisa que vai mudar. A exigência de resultados que passam a ser individuais, departamentais. Isto vai ser uma outra cultura. Mas não se tem outra maneira de mudar o sistema e de se tornar mais exigente. É bem provável que o modelo especulado de Bolonha, funcione melhor com este modelo. Se quisermos “vender” a universidade como a competição e a busca de novos públicos, de novos alunos, como a universidade da excelência, do ponto de vista académico, metodológico, de formação.</p> <p>Numa universidade com critérios de direito privado, muito competitiva, e que quer publicitar-se como de excelência a vários níveis, provavelmente vai se trabalhar com mais recursos.</p> <p>Com uma gestão privada vamos ter o que acontece com o futebol, (...) quem paga mais contrata o bom profissional, com notoriedade, com publicações, que tenha reputação de ser bom professor, com titulação. Com uma gestão privada se vai buscar o professor onde ele estiver.</p>
	Resistências universidade pública	Do ponto de vista do rigor, do ponto de vista da competitividade, da qualidade, da busca de resultados, a universidade pública já mostrou que é altamente corporativa e que não é capaz, que nunca se reformou. Isto não significa que eu seja privatista mas é uma constatação e este é o preço a pagar pela incapacidade da universidade pública em se modificar.
Bolonha	Paradigma pedagógico	<p>Esta é outra coisa que tem que ser avaliada, acompanhada. (...) sinais que tenho não são muito positivos, pois penso que a maior parte do que se ouve, o que nós sentimos é que não há grandes mudanças nas práticas pedagógicas, especialmente nas práticas avaliativas, na avaliação que deveria ser contínua. (...) Os sinais que se tem mostram que uma avaliação séria neste momento não será positiva.</p> <p>Temos problemas nas condições para isto.(...) a nível do corpo docente que está fortemente rutilado com práticas e maneiras de trabalhar, de fazer, de estar, de se relacionar, que vêm de trás... não estão preparados para a mudança, para outro</p>

		<p>paradigma, é gente que tem que fazer um esforço de re-conversão, de mudança, de adaptação.</p> <p>Bolonha fala muito na autonomia e na auto-aprendizagem dos alunos e há quem pense que isto significa passar o trabalho todo para os alunos. Os alunos queixam-se, tem um volume de trabalho enorme. Gasta-se muito mais tempo hoje em avaliar do que em formar, ensinar. Isto é uma distorção muito grande que se verifica aqui também.(...) há um acumular de trabalhos, verificam-se coisas como faltas sistemáticas às aulas(...)a partir de certa altura do semestre os alunos desaparecem das aulas para darem conta de fazer os trabalhos, é uma estratégia de sobrevivência absoluta e perde-se a qualidade, perde-se muita motivação.</p> <p>(...) o que ouço é que os alunos tem uma sobrecarga de trabalho mas que o modelo não está funcionando.</p> <p>O melhor de Bolonha é que devia acabar com as aulas teóricas exclusivamente expositivas, duas a três horas o professor a falar.. Mas o professor deveria fazer um trabalho de tutoria, de supervisão de acompanhamento. Condições de fazer isto? Muito difíceis pois as nossas turmas continuam enormes. Como fazer tutoria e acompanhamento assim? Continuam grandes, 60, 70, 80 alunos. Não há condições para aplicar o modelo.(...) Como aplicar um modelo altamente exigente do ponto de vista pedagógico com estas condições?</p> <p>Há uma enorme desconfiança em relação ao exterior. E com medo que venham os de fora dizer como é que devemos trabalhar. A universidade não pode, do ponto de vista curricular, dos seus temas, continuar a trabalhar sem incorporar os temas, os desafios do quotidiano, da sociedade, das empresas, e dar a eles o tal contributo teórico, que é a nossa mais valia.. Então deve ser toda uma outra lógica de construção. Neste aspecto temos que valorizar Bolonha porque é um processo que oportuniza isto.</p>
	Modelo competências	<p>A nova pedagogia de Bolonha está centrada e visa formar e criar competências. Esta mais centrada no saber fazer e não só no saber. Esta noção de competência está sendo questionada para que não fique apenas no saber apertar o parafuso. Não ficar só operacional. Mas é a capacidade de operacionalizar e de realizar mas trazendo conhecimentos que vem do campo teórico.</p> <p>O que já não é então um ensino centrado nos conteúdos. E isto é uma revolução pedagógica. E uma revolução curricular: criar competências.(...) Isto é que sao competências: é conhecimento académico operacionalizável.(...) Temos que saber manter a função da universidade de problematização e de fundamentação teórica e, ao mesmo tempo, isto revertido em competências do individuo.</p> <p>(...) nos documentos de Bolonha já é isto que se pretende, o que se pretende é construir um novo profissional, uma pessoa que saiba, que saiba fazer, que saiba ser.</p> <p>Bolonha penso que poderá ser uma completa, poderá ser uma abertura à sociedade, abertura com todas as condições curriculares, de perfil do corpo docente.</p>
	Repercussões carreira docente	<p>Os professores entusiasmados e militantes sempre trabalharam com estas metodologias mesmo sem Bolonha mas nem todos. Com turmas enormes isto tem um custo, na carreira pois o professor que faz isto não escreve, e este é o custo. Para a progressão na carreira na avaliação de desempenho de cargos é preciso haver a avaliação do desempenho docente/pedagógico para que as pessoas tenham compensação porque senão realisticamente não vai ocorrer pois a maior parte dos docentes não vai querer pagar este preço, terá que fazer opções</p> <p>Há pessoas que gostam de trabalhar com os alunos. Mas isto seria melhor se a produção da carreira pontuasse isto mais, o que não há.</p> <p>É preciso também ajustar o perfil do corpo docente pois a maior parte dos colegas não sabem fazer. É o que as privadas vão fazer.</p>
	Aplicabilidade	[não há condições] e é por isso que se diz que se diz a brincar que isto é uma

	do modelo	<p>“Bolonha à portuguesa”. Não se pode fazer algo deste modo e somos conhecidos na Europa por este modo de ser, de brincar com as propostas.</p> <p>Em termos de uma avaliação séria eu penso que no primeiro ano de execução, a avaliação é preocupante.(...) Se não forem criadas condições em vários níveis, cairá totalmente em descrédito. Porque o modelo tradicional é mais fácil de aplicar. Este modelo é muito mais exigente e exige mais. Na ausência das condições estruturais, políticas e financeiras, pode cair em completo descrédito.</p> <p>O que está em curso é uma mudança radical da universidade pública portuguesa e esta mudança implica uma paragem do processo de Bolonha. Não é possível neste clima e neste momento de re-configuração, de reformulação, e de desorientação, e mesmo de medo.</p> <p>Para mim Bolonha está suspensa à espera de melhores condições e ela vai ser colocada em prática em outras condições, num quadro institucional muito diferente e por outros atores.</p>
	Financiamento	<p>Bolonha tem a questão dos custos e do financiamento, temos a questão da redução do financiamento. As universidades não tem dinheiro, vivem em dificuldades, com redução dos recursos humanos.</p> <p>Há uma questão preocupante que é a redução ou fim da dedicação exclusiva que representa 30% do nosso salário. A partir do momento em que acabar, teremos professores que darão suas aulas e ficarão aqui o quanto basta, darão suas aulas, deixarão projetos, etc... só farão o que estiver no seu horário pois terão outros lugares de trabalho para complementar seu salário.</p>
	Novos públicos	<p>A questão da conquista de novos públicos não é nada fácil. Eu vejo esta questão, eu sou realista e vejo questões muito difíceis. No setor privado é provável que haja opções muito mais voltadas para as novas tecnologias do que para os setores das humanas, da educação.</p> <p>Temos pouquíssimos alunos. As universidades o que vão ser no futuro? Vão ser centros de pós-graduação e tem que ter muita qualidade. É preciso conquistar alunos de outros países e para isto é preciso ter qualidade. Esta é uma questão que mais tarde ou mais cedo virá. Além da competição com os EUA é preciso conquistar alunos de outros países.</p> <p>(...) a idéia é trazer em Portugal outros públicos, trazer as pessoas da terceira idade, dos seniors, e outros profissionais para o segundo ciclo. Temos que trazer novos públicos mas eles não estão dispostos a não ter qualidade, salas com muitos alunos. Temos que ter inovação pedagógica e de conteúdos, alto desempenho dos professores. Os novos públicos não estão dispostos a não ter qualidade.</p> <p>Até agora temos tido um público convencional. Mesmo nos cursos de doutoramento poderemos ter novos públicos, engenheiros, contabilistas, bancários...esta gente vai querer coisas diferentes, este modelo não funciona para estas pessoas.</p>
Docentes	Preparo para o modelo	<p>Sim, há vários anos que temos um Gabinete de Avaliação e Qualidade no Ensino que é chefiado por uma Vice-reitora e que procede a avaliação dos docentes e que oferece cursos de formação. Mas é preciso fazer a avaliação disso. Esta participação é voluntária e os dados que tenho sobre o número de professores que recorrem à formação que é muito baixo.</p> <p>Teremos que ter adaptação do perfil do corpo docente porque hoje temos problemas.</p> <p>A maior parte de nós não está preparada para atender a estes novos públicos. Eles vão dizer: o que é que você, com seu conhecimento teórico, tem a dizer sobre o que acontece nos meus ambientes de trabalhos. Os temas das teses também vão mudar, não vão mais decorrer da teoria não vão mais derivar dos autores.</p>
Alunos	Preparo para o modelo	<p>(...) também os alunos vem rutilados, muito passivos, muito dependentes, sem muita capacidade de autonomia e de assumir o seu papel. São fortemente</p>

		<p>dependentes(...) Para termos autonomia, debate, reflexão , os estudantes são ainda um pouco imaturos e reclamam, preferem um trabalho de tipo diretivo.</p> <p>Os alunos estão reagindo frontalmente em relação às propinas mas , no geral conhecem pouco o modelo. Vejo isto com nossos alunos. Há um déficit de explicação do modelo por parte também dos professores. Os alunos não compreendem corretamente, não está interiorizado, explicado e compreendido. Não notam a diferença e reclamam só do volume do trabalho que tem que dar conta.</p> <p>(...) um desafio para os alunos, a questão de mais autonomia, mais estudo autônomo, mais independência, mais pesquisa, que é proposta é uma ruptura e se opõe à cultura hedonista, de festa permanente. A universidade deixou de ser um local de trabalho e passou a ser um local de convivência, de festas, de interação. Criou-se uma indústria, um comércio, em torno da universidade. Atualmente o estudante para ser um estudante bom tem que tem uma auto-disciplina muito grande que eles não tem.</p>
Avaliação da aprendizagem	Questão fraudes	<p>(...) há uma discussão ainda que tem que ser feita no processo de ensino-aprendizagem sobre a questão da ética, da questão das fraudes (...)uma pesquisa em todos os cursos da universidade, com amostragem e os resultados são preocupantes pois mostravam muita fraude na avaliação. No instrumento chamado RIAPA, que foi recentemente modificado foi assumida pela primeira vez a dimensão da ética na avaliação (no artigo 1 e artigo 4) e prevê que se chame a atenção do aluno e que se preveja a tomada de medidas para estes casos e para casos de plágio.</p> <p>A questão da fraude, da cola, da desonestidade acadêmica, pensava-se que iria ser reduzida com a avaliação contínua, formativa, etc... mas não, pelo contrário. O processo contínuo de avaliação gera uma sobrecarga dos alunos, passa-se a ter uma fábrica de trabalhos.</p> <p>(...) estamos elaborando um Código de Conduta Acadêmica para o Conselho Acadêmico. Se não dermos conta disto, o sistema falha em seus objetivos, se não dermos conta nisto na avaliação teremos e temos uma enorme desconfiança da sociedade e sobretudo das ordens profissionais. A maior parte das ordens exigem exames por desconfiarem de nosso processo de avaliação.(...) a questão do Código de Conduta. Que tem uma lógica formativa, educativa mais do que punitiva, de controle e que objetiva construir gradualmente e progressivamente uma nova cultura acadêmica.</p>
	Sistema tradicional	<p>(..) outro fator que foi catastrófico e que durou mais de 10 anos e que teve que ver com a organização da avaliação na universidade. O aluno fazia inicialmente o primeiro teste, depois o segundo mas durante este tempo não, retiraram-se todas as avaliações ao longo do tempo do curso e ficou a avaliação só no final. Isto foi um desastre e durou anos e anos.(...) isto estimulou a cultura da festa e o aluno não se preocupava com a avaliação e com estudar durante o semestre. Fazia as provas, os exames sob grande pressão, pois tinham que estudar tudo para as provas. A taxa de insucesso era altíssima e era muito grande a taxa de desistência e de abandono nos cursos, eles deixavam para estudar tudo de última hora. Era muito mais difícil manter o aluno conectado à sua vida acadêmica.</p>
	Novo sistema	<p>Hoje o sistema mudou. Hoje temos na universidade um desvio, da cultura hedonista de provas e exames apenas no final, para um sistema que cai no outro extremo - de muita avaliação e pouca formação.</p>
Avaliação	Do docente	<p>Temos , no entanto, um sistema de avaliação que os alunos preenchem. Isto dura a mais de 10 anos. Os estudantes fazem pressão para conhecerem os resultados mas não conhecem. Então se verifica os docentes regularmente mal avaliados e o Diretor do departamento chama para conversar, mas fica assim...</p>
	Da universidade	<p>Do ponto de vista da avaliação e da creditação que é totalmente corporativa, vai mudar completamente. A avaliação e a creditação serão com comissões estrangeiras e com componentes do mundo externo à universidade, do mundo do trabalho.</p> <p>Num modelo em que os critérios empresariais contam, nós não podemos ter as taxas de reprovação e de desistência que temos hoje, altíssimas. Há um</p>

		<p>investimento grande e com baixa produtividade.</p> <p>Provavelmente a atitude da universidade, de distanciamento da sociedade está relacionada com o distanciamento dos docentes que, no geral é completamente desligada da realidade concreta, dos desafios reais, que é um professor que vive numa torre de marfim, resolvendo problemas artificiais ou teoricamente.</p>
Atuação como docente	Organização do trabalho pedagógico	<p>O curso, conforme preconiza Bolonha está muito centrado na auto aprendizagem, no trabalho autônomo, na avaliação contínua e formativa, em dinâmicas de participação, com trabalhos de grupo, com o professor com o papel mais de supervisão, etc... eu diria que já faço isto há alguns anos.</p> <p>(...) fazer trabalhos deste tipo com turmas muito grandes, com temas escolhidos livremente pelos alunos, gera um imenso trabalho do professor. Tenho feito trabalhos de grupo sempre, dar oportunidade aos alunos de construir os trabalhos e fazer os trabalhos com os alunos, acompanhando.</p> <p>As aulas teóricas são aulas expositivas, com algum debate e com princípios que uso há muito tempo: tenho a noção do que é essencial e importante aprender.(...) Expor conceitos, não faço aulas magistrais, expor as hipóteses, os argumentos, ajudar desmontando os textos em suas partes mais difíceis. As aulas práticas são aquelas que são uma espécie de laboratório sociológico. Não há exposição de matérias e se aproveita os conhecimentos dos alunos em outras unidades curriculares, são aulas todas centradas em dinâmicas provocadas pelo professor, os alunos fazem investigação, constroem aulas.</p> <p>Tem outra coisa que faço que é um trabalho coletivo.(...) O que tenho feito é dar a possibilidade dos alunos escolherem um tema e faço a eles uma questão, dou bibliografia e eles e dou 2 a 3 meses para lerem sobre o tema. Recolhem informação teórica e documental e depois vem aqui um dia responder. Para evitar a fraude solicito que venham discorrer sobre ele, sobre o tema.</p> <p>Outra coisa que eu faço é selecionar temáticas em função dos cursos. Todos os anos vario. Trago sempre as coisas do dia a dia, da realidade portuguesa. Sempre os alunos trabalham colhendo informações.</p> <p>(...) meu trabalho sempre é em interação com os alunos, negocio com eles. Eu proponho, eles propõem e nós decidimos juntos. É uma construção do trabalho. Desde a introdução dos trabalhos eu dou guiões para os alunos. Não acredito em intuição, os alunos não sabem, não tem o domínio da escrita académica. (...) dou guiões da introdução, por exemplo, do capítulo da metodologia. A capacidade de escrever sobre algo é construída.</p> <p>Comigo não há trabalho com auto-gestão dos alunos. O professor tem que estar sempre junto, sempre adiante, não fazendo o trabalho pelos alunos mas assumindo sua responsabilidade. Esta é minha regra há muitos anos.(...) Então quando se tem muitas turmas já não se consegue fazer isto.</p> <p>Meu trabalho está todo colado à realidade. Pergunto, quais são os temas que gostaríamos de tratar, de investigar do ponto de vista teórico.</p>
	Papel como docente	<p>(...) Os alunos percebem quando estão em frente a um professor que tem autoridade mas que se coloca próximo. Tem que descer do pedestal.</p>

Unidade de Contexto – PE14

Categoria	Sub-categoria	Unidades de registo
Licenciatura em Educação	Histórico do curso	<p>(...) a minha ligação com este projeto é dos anos 80, quando ..., nós aqui no Instituto começamos a pensar e organizar um plano com vistas a vir a compor um projeto para este curso.</p> <p>A ideia nasce de que? Nós começamos no Instituto de Educação e Psicologia em 1975/76 sobretudo como uma Escola de formação de professores. Para o ensino secundário, vosso ensino médio.</p>

		<p>O que se ressalta é que a ordem dos fatores não é arbitrária pois o nome Instituto de Educação e Psicologia (...) Na Universidade do Minho acontece exatamente o contrário. A Educação é criada e a Psicologia nasce na Educação como Psicologia da Educação e só com o seu desenvolvimento se alarga para um Departamento de Psicologia com todas as áreas da Psicologia.</p> <p>Chegado ao final da década de 80, era evidente que nós tínhamos consolidado nossa posição na formação de professores (...) E a discussão que ocorria era que novas valências o IEP vai desenvolver.</p> <p>O nosso curso foi criado em 1991 e começou a funcionar em 1993.</p> <p>(...) as coisas correram muito melhor do que nós pensávamos. A avaliação formal que foi feita [em 2004] do curso pela Fundação das Universidades Portuguesas coloca o curso no primeiro escalão da avaliação em Portugal</p>
	<p>Características do curso antigo</p>	<p>(...) há dois departamentos que tem mais centralidade no curso, que são os departamentos de Sociologia da Educação e o de Pedagogia.</p> <p>(...) em meados dos anos 80, integramos nestes projetos de licenciaturas de ensino, (...) uma valência muito importante que é hoje uma das valências mais importantes da Escola. Esta Escola é cada vez mais uma escola de pós-graduação. Juntamos os Mestrados em Educação e a organização mais formal dos Doutoramentos em Educação.</p> <p>Entendíamos que deveríamos fazer um curso congêneres aos que já existiam em outras instituições, (...) que se chamavam Ciências da Educação. No entanto entendíamos que o nome deveria ser diferente. Isto foi o que aconteceu em 1989/90. Foi um processo longo e difícil, pois a universidade estava muito ligada à formação de professores e as próprias autoridades académicas tinham dificuldade de compreender o que era um curso de Licenciatura em Educação que não preparava professores e se não preparava professores, preparava o quê?</p> <p>(...) entendíamos que o curso não se deveria designar Ciências da Educação pois não queríamos preparar cientistas em Educação, e sim formar técnicos superiores em educação, educadores profissionais, que podiam eventualmente ser educadores, formadores, que poderiam até ser professores mas que não seriam professores do ensino fundamental ou ensino médio. Então, deste ponto de vista, o curso tem uma configuração muito diferente do que tem no Brasil. Não tem dedicação ao magistério.</p> <p>(...) fomos radicais em torno da designação das disciplinas, até ao ponto de excluirmos até demasiado a escola e que depois tivemos que recolocar, porque a investigação sobre a escola é maior, a experiência da escola é maior. E hoje temos um certo equilíbrio.</p> <p>(...) afirmamos com toda a clareza que não vamos formar professores. (...) , serão muitas outras coisas. Serão técnicos em museus, hospitais, centros de formação. Atuarão em espaços educacionais, escolares ou não escolares mas mesmo em espaços escolares, não serão professores. (...) não são saídas profissionais que estão estabilizadas, conhecidas...</p> <p>(...) o nosso curso tinha 4 anos e meio o que era uma coisa idiossincrática , <i>sui generis</i>. Nós queríamos que o curso tivesse 5 anos. Três anos de tronco comum em formação genérica em educação, um ano de formação pré-especializada, conforme os três ramos de pré-especialização(...) e um ano de estágio.</p>
	<p>Histórico das modificações</p>	<p>(...) a minha ligação com este projeto nos últimos tempos foi muito pela questão da coordenação da Comissão de reformulação que foi um trabalho lento, demorado, profundo. Um trabalho de dois anos, com seminários, reuniões abertas, com auscultação de pessoas externas à universidade, com ex alunos, ex-professores, enfim, foi um trabalho que fizemos com muito cuidado.</p> <p>Ocorre que nós vamos a fazer a primeira avaliação do nosso curso no momento</p>

		<p>em que o processo de Bolonha nos obriga a fazer uma reestruturação. E eu sempre evitei fazer uma reestruturação do curso motivada pelo processo de Bolonha, sem antes esperar pelo resultado da avaliação. Então aproveitamos o ano em que fomos avaliados para fazer seminários de discussão de preparação para a auscultação da reformulação do curso e esperando que o relatório da avaliação viesse. Deste ponto de vista acho que conseguimos fazer isto de uma forma articulada.</p> <p>A nossa era a primeira experiência, de auto-avaliação, de avaliação externa.... Uma das perguntas que a Comissão de Avaliação externa fazia era que desde 1993 (nós fomos avaliados em 2004), eram 10 , 11 anos do curso sem qualquer reestruturação curricular e a Comissão estranhava como isto podia ter acontecido.... e depois a própria Comissão dá a resposta: não era necessário fazê-lo. O projeto continuava atual, naturalmente agora seria necessário adequar o projeto aos objetivos de Bolonha.</p>
	Gestão do curso	<p>A Licenciatura em Educação deve continuar a ter uma grande vantagem em potencial. A grande vantagem é que ela nasce como um projeto muito polifacetado... implica muitos departamentos, muitas perspectivas disciplinares distintas. (...) O problema é que esta diversidade, se é enriquecedora por um lado, encerra riscos de potencial fragmentação de projeto.(...) Isto depende muito da coordenação do curso.</p> <p>(...) temos estruturas de coordenação e, aliás, elas foram muito elogiadas pela Comissão de avaliação, as figuras da Direção do curso e da Comissão do curso foram muito elogiadas em comparação com outros cursos. Somos a única instituição que tem avaliação máxima nestas estruturas.</p>
	Participação dos alunos	<p>Eu diria que ele é interessante(...). Há um diálogo com os alunos, não há distância, existem boas relações</p> <p>Os Licenciados começam a se organizar numa Associação nacional que está dando seus primeiros passos. É uma área que tem naturalmente problemas porque não tem um estatuto profissional definido e isto preocupa muito os alunos.</p>
Bolonha	Reformulação do curso	<p>O Processo de Bolonha nos obrigava a fazer adaptações estruturais. A verdade é que nós não mudaríamos os aspectos estruturais da Licenciatura se não fosse Bolonha pois ele recentemente tinha sido avaliado como atual.</p> <p>O problema que se coloca na reestruturação do curso é como manter o projeto, como melhorá-lo e atualizá-lo, não o destruindo portanto, não descaracterizando-o mas adequando-o estruturalmente aos requisitos impostos pelo processo de Bolonha.</p> <p>(...) o momento de reestruturação é o momento de grande re-negociação e reivindicação entre departamentos. Houve um processo muito trabalhoso, mas consensual. Eu sempre digo que uma reestruturação não é um processo de ajuste de contas.</p> <p>(...) foi possível um trabalho de discussão entre as pessoas, com boa vontade das pessoas, foi possível mantendo a tradição do que melhor tem no curso. E o que tem melhor o curso do ponto de vista estrutural não nos dificultou muito a vida o processo de Bolonha.</p> <p>Penso que Bolonha não foi profundamente perturbante, não foi tão complexo para nós.</p>
	Características do curso novo	<p>Tínhamos que construir um curso, no processo de Bolonha, de três anos que conseguisse fazer duas coisas: manter o essencial da formação comum, do tronco comum, formar genericamente na área. Não pode nem deve entrar em especialização. Então não foi tão difícil, pois já tínhamos o tronco comum.O que introduzir no tronco comum? Uma valência de introdução à prática profissional (...) atualizando-a em função(...) [das] áreas de concentração que os alunos em termos opcionais podem escolher para sabermos mais desta área. (...) temos esta componente de introdução à prática profissional que vai num crescendo nos três anos e que termina no terceiro ano com um componente de projeto que aproxima mais o aluno da realidade social e educativa, mas que não é um estágio.</p>

		<p>(...) mantivemos basicamente as mesmas valências e o mesmo perfil de formação da antiga Licenciatura de Educação mas agora com os mesmos objetivos, exige-se o segundo ciclo.</p> <p>O que tivemos que fazer neste momento foi subtrair ao perfil de formação da Licenciatura Bolonha 3 anos, uma série de valências que eles tinham e que agora, com a Licenciatura em três anos não podem mais ter. Se ler a reestruturação vai verificar que eles agora coadjuvam, auxiliam, realizam sob supervisão um conjunto de competências que são genericamente as mesmas que realizavam antes mas que agora precisa ter o mestrado para fazer. O grau de responsabilidade, dirigir, propor projetos, fazer avaliações, precisa ter o mestrado. Não é que o mercado de trabalho não possa aceitá-lo, mas é que a universidade não garante, não se responsabiliza.</p>
	Espaços de atuação profissional	<p>O que se pode perceber nas sociedades complexas contemporâneas é que a área da educação e da formação, a área dos serviços da mais variada espécie é área em grande expansão. Então tem que haver lugar para estes profissionais.</p> <p>Qual é a diferença que este profissional faz? E penso que eles tem uma visão muito sólida na sociologia, na educação, na política, na administração educacional, no currículo, na avaliação.</p> <p>Os dirigentes das instituições empreendedoras que foram ouvidos(...) dizem que a primeira vista não se sabe muito bem o que é que estes profissionais podem fazer, qual é a sua especialidade, mas depois que trabalham com eles verificam que eles sabem fazer muitas coisas.</p>
	Segundo ciclo	<p>... o estudante para ser capaz de realizar o mesmo tipo de intervenção que fazia antes, precisa fazer o segundo ciclo. O segundo ciclo tem dois anos onde vai ter um quarto ano escolar (que correspondia ao quarto ano), vai ter um estágio escolar de um ano (tínhamos apenas de um semestre). E este estágio é mais exigente do que antes pois ele termina com um relatório de Estágio que é proposto para os professores doutores e é com base na defesa deste relatório que é conferido o grau de mestre.(...) é um mestrado profissional e não um relatório acadêmico, não é uma dissertação.</p> <p>Acho que a escola está razoavelmente satisfeita com o projeto inicial, com a avaliação que foi realizada e com a reformulação do projeto do curso. Penso que estamos agora adquirindo experiência numa coisa nova que são os mestrados de segundo ciclo, temos longa experiência nos mestrados acadêmicos...</p>
	Métodos pedagógicos	<p>Nós tínhamos um conjunto de práticas, desde o início do curso, que já antecipavam o processo de Bolonha. Por exemplo, os trabalhos. (...) Nosso departamento antecipou isto por vários anos, nós proibimos a avaliação regular, normal dos alunos através de exames. O exame, mesmo antes de Bolonha, era um recurso legal para os alunos que não tinham tido aproveitamento no decorrer do semestre.</p> <p>Eu diria que nós antecipamos muitas práticas, muitas metodologias. Em termos pedagógicos, em termos de uma pedagogia mais ativa, uma pedagogia centrada mais no aluno. O contato do aluno com o campo. Os alunos desde o primeiro ano vão fazer trabalhos, recolher dados, documentos, entrevistas, visitar instituições. Ou seja, esta ligação do curso com o exterior, com as instituições, com o meio, sempre existiu.</p> <p>Se nós na área de Educação não tivéssemos práticas antecipatórias a Bolonha seria grave porque por definição uma Licenciatura em Educação tem que ter metodologias mais ativas, mais centradas nos projetos, na avaliação contínua, na relação do estudante com o contexto social que está a estudar.</p>
	Na universidade em geral	<p>Tenho às vezes mais dúvidas se a organização estrutural da universidade está bem preparada para Bolonha, se as condições departamentais estão bem preparadas do que propriamente a tradição do curso.</p>
	Avaliação sobre	<p>Eu sou reconhecidamente um crítico mais ou menos feroz do processo de Bolonha. Um desafio é escrever e criticar e depois ter que fazer as coisas conforme....</p>

		<p>O aspecto potencialmente mais positivo do processo de Bolonha é sua agenda pedagógica. Não obstante, a agenda pedagógica implica condições de trabalho em termos estruturais que no momento em que a generalidade das universidades portuguesas e europeias está a viver, não é de molde a fazer maiores investimentos.</p> <p>(...) para cumprir a sério esta agenda pedagógica seria preciso um período de 4/5/6 anos de grande investimento, na formação dos professores, na modificação das estruturas, na reorganização dos espaços e dos tempos mesmo em termos organizacionais. Isto exige novos investimentos e não está sendo feito isto. Portanto, onde está correndo bem, continuará a correr bem, e acho que na Educação está correndo bem, e onde está correndo mal continuará correndo mal. O professor tem uma capacidade enorme de resistência a estas inovações quando não está convencido delas ou quando elas pedem muito esforço.</p> <p>O que é que fica de Bolonha? Fica a dita harmonização, que é de fato uma estandarização, esta estandarização tem implicações na avaliação transnacional que vai ser feita, na produção de rankings, na emulação entre universidades, institutos e departamentos, faculdades, etc... Há uma lógica modernizadora, tecnocrática. Há uma lógica do mercado educacional óbvia. Os cursos tem que ser cada vez mais iguais uns aos outros porque no mercado só é possível haver emulação se houver comparação.</p> <p>(...) há elementos que são preocupantes porque neste momento os governos na Europa desinvestem na educação superior, descapitalizam as universidades, as faculdades e as escolas. Significa que o processo de Bolonha é um elemento de reorganização e racionalização do tipo gerencial que evidentemente segue a reforma do Estado, as implicações da reforma do Estado no ensino superior, a avaliação transnacional, a emulação.</p> <p>(...) apesar de tudo não se pode acusar o processo de Bolonha. Ele não é enigmático. Desde os primeiros documentos ele diz claramente que quer competir com os Estados Unidos. Está lá bem claro.</p> <p>(...) o essencial do processo de Bolonha é, em meu entender, a criação de um mercado educacional competitivo, chamado área Europeia de Educação Superior que se agiliza em termos transnacionais. (...) regulação transnacional dos cursos e diplomas, uma avaliação transnacional – (...) Estado passa a ser um Estado supervisor, que faz meta-regulação, a regulação das regulações e estas já não são em nível nacional. Não existe uma agenda oculta pois os documentos são muito claros.</p> <p>As universidades estão numa situação complexa porque as propinas do segundo ciclo deveriam ser muito mais elevadas à luz dos mestrados académicos mas as universidades não se arriscam a elevar as propinas face às expectativas dos estudantes e não querem perder alunos.</p> <p>(...) a posição do Ministério a este respeito nunca foi clara. Um dos problemas da discussão do processo de Bolonha em Portugal é que ela sempre foi envenenada pela questão orçamentária. (...).</p> <p>Naturalmente o que seria legítimo é que o governo dissesse que aquilo que ao menos vinha financiando às universidades (4 ou 5 anos de curso) continuaria a fazer, mas ele não disse.</p>
--	--	---

Unidade de Contexto – PE15

Categoria	Sub-categoria	Unidades de registo
Diferenças currículo antigo e novo	Duração do curso.	No anterior eram 5 anos. O grau de licenciado era no final de 5 anos e agora é no final de 3 anos. Para os alunos há uma grande diferença (...) logo chegam ao fim do Curso , daqui a pouco já vão ter que sair da Universidade para o mundo do trabalho , em pouco tempo ficam “licenciados” .
	Práticas	Do ponto de vista do acompanhamento, das tutorias, do estudo autónomo, etc...

		<p>No plano anterior de 5 anos havia um grande numero de disciplinas, de unidades curriculares, que eram anuais e que agora, no plano de 3 anos, passaram a ser semestrais. E isto alterou substancialmente a filosofia do curso pois, docentes que davam unidades curriculares anuais, como eu, sentem dificuldade ainda a gerir e eleger, de fato, o essencial.</p> <p>(...) nas minhas práticas tiveram pouco impacto pois eu sempre valorizei e pratiquei o trabalho acompanhado. De fato existia uma distinção entre aulas teóricas e teórico-práticas, porque era obrigatório pelo Regulamento da Universidade, mas sempre foram valorizados muito mais os trabalhos, os projetos, a valorização do trabalho autônomo, o acompanhamento do trabalho dentro e fora da aula. Portanto, nas práticas efetivamente, em relação a mim, não teve diferença significativa porque de fato eu já valorizava muito esta perspectiva do ensino. Sempre valorizei as aulas práticas ou teórico-práticas no sentido de que o aluno pudesse ele próprio confrontar-se com o saber ou com o não saber de modo que eu pudesse intervir nessa situação mais singularmente em relação às dificuldades de cada aluno no processo.</p>
	<p>mobilidade</p>	<p>A organização do planeamento das unidades semestrais permite uma mobilidade maior. Alunos que fazem Erasmus, etc.. acaba por criar uma maior possibilidade de mobilidade.</p>
	<p>acompanhamento</p>	<p>(...) é um processo interessante pois permite que o aluno tenha a oportunidade de perceber coisas e que pode aprender na interação com os colegas, com quem trabalha. Nas unidades curriculares semestrais isto fica mais difícil pois tudo acontece muito rapidamente.(...) não há tempo efetivamente para nos darmos conta das singularidades e dificuldades de cada um, darmos o feedback dos trabalhos. As aulas práticas normalmente são em blocos de 3 horas e as teóricas em 1 hora, que voa, e as teórico-práticas em 2 horas. Quando estas aulas não estão juntas, de fato há uma dispersão (...)</p>
	<p>Competências profissionais</p>	<p>Tenho dificuldade em responder a esta pergunta.(...) porque não quero entrar com representações ou com estereótipos: “uma formação com 5 anos, com mais formação, mais tempo, é melhor do que com 3.”</p> <p>(...) penso que a universidade atua num processo muito inicial de aprendizagem e tenho medo de fato que os alunos que saiam não correspondam ao perfil de competências que está definido no plano do curso. Mas, não sei responder. Talvez daqui a dois ou três anos, para perceber a receptividade do mercado e a ‘competência’ dos alunos no mesmo. Até porque, de fato, uma grande parte dos alunos não tem ido trabalhar mas tem continuado no segundo ciclo, no fundo dando resposta à Licenciatura de 5 anos, agora com o grau de mestre. E, por outro lado, não temos ainda resposta sobre a receptividade do mercado e feedback do desempenho deles.</p> <p>(...) saem com atribuições muito diferentes. (...) na licenciatura não saem com competências para um trabalho autônomo como saíam antes.</p> <p>(...) a licenciatura tem o Observatório de Emprego que continua a funcionar e que significa o acompanhamento do percurso do académico. O Observatório avalia a empregabilidade mais do que o desempenho dos alunos(..)</p> <p>(...) penso que é necessário, através do Observatório de Emprego, observar e acompanhar o impacto no mercado de trabalho, não só da empregabilidade mas das competências profissionais que um licenciado em três anos tem e um mestre de 5 tem. Significa verificar o impacto real deste processo. O tempo de formação é menor e a idade e a maturidade deles é de muito jovens.</p>
<p>Reformulação do curso</p>	<p>Processo de discussão</p>	<p>(...) houve um grupo de trabalho em que estavam representados os diferentes departamentos envolvidos no curso e uma pessoa coordenava este grupo. E depois houve, de fato, reuniões mas muito, muito dispersas, uma ou duas com alguns docentes e alunos mas com uma participação muito pequena. Mas não houve uma participação muito grande. Houve críticas e se ficou, nem sempre com a melhor proposta mas com a de consenso.</p>
<p>Métodos pedagógicos</p>	<p>Preparação alunos</p>	<p>(...) é sempre o momento de alguma luta, pois é mais fácil para eles ficarem numa posição passiva de ouvir o professor, em que o professor tem o papel principal, do que eles assumirem eles próprios um novo papel igualmente essencial no processo de ensino-aprendizagem.</p>

		<p>(...) eles ainda vão dando conta muito devagar das implicações do processo. Porque Bolonha implica numa postura muito diferente da parte do docente mas também da parte dos alunos.</p> <p>Penso que nós docentes temos um papel importante pois se, desde o início desenvolvermos novas práticas, eles irão aos poucos assimilando. Pois eles vêm de uma escola tradicional e vêm formatados. Precisam aprender novas posturas.</p>
Bolonha	Visão	<p>A principal vantagem, penso que é de permitir a mobilidade na Comunidade Européia.</p> <p>Com relação aos dois ciclos. A preocupação é ampliar a formação de mestres e doutores. E isto é uma vantagem.</p>
Atuação como docente	Planejamento	<p>Mesmo com as mesmas disciplinas ao longo dos anos, nunca consegui funcionar com a mesma planificação. Pois como as turmas são diferentes, os interesses também são diferentes, sempre planejo de novo. A cada vez planejo de novo. Sempre tenho como referencial para a planificação, (...) os alunos. (...) Levo uma proposta para discussão. Discuto com os alunos. Mesclo trabalhos teóricos com práticos. Temos uma estrutura básica, um tronco básico para trabalhar e depois tudo vai sendo acrescido a partir das necessidades e solicitações que os alunos vão manifestando.</p>
	Sistema de avaliação	<p>Sim, eu não usava exclusivamente os exames. A forma com que o novo sistema está sendo aplicado no geral na universidade, é bastante diversificada.</p> <p>(...)acordamos na primeira aula uma série de parâmetros: trabalho de grupo, avaliação individual, apresentações na aula, assiduidade, participação, empenho. Esta ficha será auto-avaliação, avaliação do grupo e eu avalio. Poderão ver depois o que anotei e vamos discutir. Gasta-se uma tarde para isso e é um momento de aprendizagem. A classificação é aberta, é um feedback. Sem se deter na nota mas em ver como se saíram em cada desempenho. É uma forma de aprender. E os alunos vem voluntariamente nestes encontros. A maior parte deles vem. Os alunos dizem que isto faz diferença para eles. Dizem que pelo menos sabem onde melhorar.</p>
	Condições de trabalho	<p>As condições não permitem. Com turmas grandes, com outras solicitações. Faço porque valorizo a parte pedagógica.(...) ... Isto faz com que a gente deixe de lado outras coisas. Ainda não consegui concentrar-me para desenvolver projetos de investigação que tenho em curso, relatórios, aquela publicação...isto vai ficando.</p>
	Interação com outros docentes	<p>Trabalhamos muito pouco em conjunto. (...)Já não digo trabalharmos em conjunto mas pelo menos conhecermos o que fazemos para não ficarmos a repetir assuntos e deixarmos outros em descoberto.</p> <p>Temos unidades curriculares em que atuam em conjunto dois docentes. Neste casos planejamos juntos. É um desafio e é interessante. É uma aprendizagem. Precisávamos ter mais reuniões entre nós. Discutir mais.</p>

Unidade de Contexto – PE16

Categoria	Sub-categoria	Unidades de registo
Curso Educação	referenciais	<p>(...) fundamentado numa soma de conhecimentos básicos sobre discursos e práticas de educação, desde a filosofia às metodologias da educação e da formação. O curso surgiu de uma negociação interdepartamental no seio do Instituto de Educação e Psicologia (I.E.P.) e teve como referenciais as áreas de conhecimento e de actuação desses departamentos.</p>
	Avaliação externa	<p>No mundo exterior à Uminho, o curso é apreciado. Também o é entre outras universidades.</p>
Bolonha	Discussão	<p>A discussão foi viva e acesa no seio do I.E.P.</p>
	Visão	<p>Com dúvidas e suspeitas de que serve interesses economicistas.</p> <p>[quanto à questão do financiamento e dos custos] visão negativa.</p>
	Consequências trabalho docente	<p>O modelo exige mais centramento no (e mais acompanhamento do) trabalho de aluno.</p>

		Bolonha obriga a mais acompanhamento do aluno.
	Prática pedagógica	O modelo não alterou minha prática pedagógica. Veio acentuar a direcção que já tinha.
	Visão alunos	Os alunos gostam do curso mas queixam-se do excesso de trabalho autónomo.
	Comparação curso antigo e novo	Não creio. O curso pré-Bolonha era mais sustentado, teoricamente, e mais prático;
Papel docente	Atuação	Os conteúdos das aulas são, basicamente, os que estão no programa oficial. Depois são adaptados à evolução dos processos de aprendizagem. As minhas actividades são de acompanhamento de trabalhos oficinais e de fundamentação nas aulas teóricas;
	Preparação	Aprendi com a prática reflexiva e distanciando-me dos maus exemplos;

Unidade de Contexto – PE17

Categoria	Sub-categoria	Unidades de registo
Curso	Pressupostos modelo	<p>A primeira coisa que eu acho que é vantajosa(...) é a divisão em módulos.(...) Eu acho que esta integração das diferentes cadeiras num só tema é uma das principais vantagens porque nos obriga a perceber que a cardiologia não é apenas uma visão anatómica, não é uma visão citológica mas que é um todo. Isto é a primeira coisa que eu acho que é positiva. Porque nos permite ver tudo de forma integrada. Porque o doente é um todo .É um exercício que desde o início é feito. No início é complicado conseguir integrar mas depois aprendemos. É positivo, porque nos permite ver o conjunto. E isto nos ajuda na prática clínica.</p> <p>Outro aspecto que penso ser importante é a formação nos Domínios Verticais que é uma das características do nosso curso. (...). Acho que desde o início esta preocupação com tudo o que faz parte do ser humano, ao homem. Nos permite não apenas estudar aqueles calhamaços de livros, mas continuar a ter a perspectivas de que existe filosofia, existe ética, que existe educação...</p> <p>Uma outra das outras áreas do nosso curso que acho que é um aspecto muito positivo, são os Projetos de Opção. (...) nos permitem conhecer um bocadinho dos interesses que nós sempre tivemos e que não tem oportunidade num currículo normal de desenvolver. Dá-nos oportunidade de fazer coisas diferentes. Eu, por exemplo fui fazendo opções diferentes.(...) Ficamos um mês. No início eram três semanas a agora são quatro. No sexto ano são oito semanas. Estão três semanas fora e uma semana de preparação do projecto e de tese, vamos dizer assim.Do relatório. (...)São os alunos que escolhem, temos liberdade total de escolha, e responsabilidade pela nossa escolha. O aluno diz o que quer e o docente responsável tenta estabelecer um contacto, ou às vezes nós já temos o contacto. Não há uma lista de projectos dos quais temos que escolher. Nós é que escolhemos o que queremos , propomos os objetivos, temos um orientador formal, vamos para lá, propomos e tentamos cumprir os objetivos e na semana final fazemos um relatório. (...)Depois temos um congresso final em que todos os alunos apresentam, tem um júri, está aberto a toda a universidade, temos 10 minutos de apresentação e cinco de discussão, como num congresso. Mesmo para aquelas pessoas que tem dificuldade de falar em público, dificuldade de comunicação, tem seis anos para conseguir desenvolver.Acho que é muito positivo.</p> <p>(...) outras vantagens nós temos e que isso sim acho devemos cada vez melhorar mais que é o seguinte: aqui não são só os alunos que são avaliados mas os alunos também avaliam. Os alunos avaliam os professores, as áreas curriculares, se os objetivos são importantes para eles ou não. A avaliação recíproca é importante e também temos avaliações externas e temos cada vez mais a aprender a aceitar melhor as críticas construtivas mas acho que isto é uma vantagem.</p> <p>Temos no curso um a grande ênfase na auto-aprendizagem, (...) , como nossa responsabilidade é de preparar as aulas antes, já aprendemos a estudar sozinhos.Eu nunca tinha ouvido falar naquela matéria antes mas eu sei estudá-la.</p>
	Preparo	Não penso que somos todos melhores. Temos os bons e maus colegas. Acho que

	profissional	tudo o que é dado: a escola , a infra-estrutura, este apoio que é dado, permite que os alunos bons fiquem mais motivados. Penso que podemos ser profissionais melhores porque não temos apenas competências técnicas. Mas principalmente porque temos também competências humanas.
	Funcionament o aulas	Podemos diferenciar o curso em duas partes: os 3 primeiros anos e os 3 últimos anos.Nos 3 primeiros temos a parte básica. Temos até um modelo de 5 fases em cada área curricular. O que eu penso que nos diferencia mais é a fase dois. Em que há a aula clássica nas outras faculdades. Conosco o professor está lá, ou pode não estar, coloca os objetivos e nós temos que nos desembaraçar. Mas mesmo nas em que ele está é o aluno que é o centro de atenções. Nos sentimos responsáveis pela nossa formação. (...) Há um intercâmbio constante de conhecimentos. Este intercâmbio nos obriga por um lado a buscar conhecimentos, desenvolver o raciocínio e a participar, intervir. Isto torna as aulas mais proveitosas.Eu nunca tive uma aula magistral, com degraus. Na parte clínica há alguns seminários clínicos. Neste caso há pessoas que expõem. Mas, as pessoas sabem que vem numa escola em que alunos estão habituados a questionar e estão abertos às perguntas. Mesmo com convidados estranhos. Isto não é muito comum pois os alunos, no geral tem medo de questionar. Depois, temos algumas aulas mais práticas, com aprendizagem contínua, laboratórios...
Curso	Avaliação externa	Quando o curso abriu foi visto com alguma reserva. .Ou seja, a mentalidade clássica das faculdades de medicina estava fechada à possibilidade de haver novas formas de ensino. Porque estas novas formas de ensino obrigam a avaliar as diferenças. Se o curso cá funcionasse bem, seria uma forma de os outros terem que alterar. No início na Associação dos Médicos não houve uma boa recepção, (...) mas a medida em que o tempo foi passando a mentalidade foi abrindo e as pessoas começaram a ver que , se calhar nós não somos melhores, mas somos uma forma de funcionar diferente. As faculdades clássicas foram, com o tempo, alterando aos poucos. Temos sido todos muito bem recebidos, no Hospital aqui, no Porto, em Lisboa.
	Avaliação interna	A Unidade de Educação Médica (...) nos dá uns questionários no final de cada módulo e no final de cada residência. E avaliamos os conteúdos, de que forma achamos que foram importantes para a nossa formação, de que forma é que nós achamos que foram trabalhados, de que forma que nós achamos que os eventos foram de acordo com os objetivos, se achamos que as pessoas que cá vieram foram as adequadas. E depois fazemos uma avaliação concreta de cada professor. Na parte clínica, ao final de cada seminário. Depois, temos reuniões anualmente que chamamos o Ponto da Situação. (...) temos os alunos de cada ano... por exemplo, hoje é o dia do Ponto da Situação do quarto ano em que vamos fazer o Ponto de Situação de como ocorreu o terceiro. E os alunos estão lá e os representantes das áreas curriculares também. E analisamos, como ocorreu esta área curricular E depois temos a resposta aos alunos do Ponto de Situação (...) , o que vai ser feito, o que vamos mudar, e eles sabem concretamente quais as mudanças ocorridas. Os professores aceitam bem. Porque é preciso definir aquilo que é crítica positiva e o que é crítica negativa. Ouve-se tudo e tira-se aquilo que de facto deve ser aproveitado.(...) Eles não ficam à mercê dos alunos, tem um espaço para o diálogo.
	Influências de Bolonha	(...) foi dito desde o início que o curso de Medicina e o de Arquitectura não seriam afetados pelo processo de Bolonha. A única coisa que se está a tentar a alterar, dado que temos um curso de seis anos, é o Mestrado Integrado. O curso de medicina já tem o Mestrado Integrado. O

		sexto ano é um ano profissionalizante em que ficamos grande parte do tempo no hospital (...) Mas, também temos o Projecto de Opção no sexto ano e que por isso foi passado para oito semanas para permitir aos alunos de ter um projecto que sirva como tese para o Mestrado Integrado.(...) Cada aluno tem praticamente o seu júri, faz uma defesa de tese. Esta foi a grande alteração. De resto, tudo aquilo que Bolonha fala, de aprendizagem ativa, contínua.. o curso já tinha. Então a nossa alteração não foi assim tão brusca.
	Aspectos positivos	(...) a relação recíproca entre os professores e os alunos, os módulos integrados e os Projectos de opção.
	Aspectos a melhorar	<ul style="list-style-type: none"> • Stress contínuo • sempre há sempre pouco tempo para tudo, para esta ou para aquela matéria. Não sei se é um aspecto negativo se comparado com outros cursos pois o curso de medicina , se não fosse assim teria que durar 12 anos. • Os hospitais não tão perto da faculdade. Acho que é positivo termos uma formação multi-hospitalar, em hospitais diferentes porque temos realidades diferentes. Mas se fosse perto da faculdade seria mais fácil • Outro aspecto negativo acho que na parte clínica. Temos uma falta de coordenadores mais diretos. Vai havendo mais ou menos o moderador de cada área, mas muitas vezes o moderador não é um especialista naquela área. E eu acho que deveria ser um especialista.
Alunos	Preparação para o modelo	<p>Eu preparava as aulas. Os objetivos da aula e o sumário da aula estão definidos desde o início do módulo e estão disponíveis na internet . A bibliografia também está à disposição. Eu fazia uma preparação do que seria falado na aula. Se eu tivesse preparado a aula direitinho eu estaria num ponto em que poderia absorver o máximo do professor.</p> <p>A primeira área curricular é Introdução ao curso de Medicina. (...) . Há uma parte fundamental em que se trata da preparação do aluno para a realidade em que vai estar. Então é apresentado o modelo de estudos, como será cada uma das fases, como cada uma das fases funciona, qual será o nível da intervenção dos professores em cada uma das fases. Como serão e quais serão as áreas curriculares. (...). Evidentemente que esta preparação no início é teórica mas com o passar dos módulos vamos nos adaptando. Sempre sentimos falta dos “paisinhos”do lado.</p>
	Excesso de trabalho e stress	<p>Não temos tanto tempo livre, não temos como outros alunos, imensa qualidade de vida. Mas estamos na verdade, aqui para trabalhar... acho que acabamos por aproveitar melhor cada momento. Se calhar podemos fazer mais coisas no mesmo tempo.</p> <p>De facto se formos comparar com outras áreas, estamos muito mais ocupados sempre. Outros cursos, mesmo de medicina, funcionam muito por sprint, ou seja, tem dois ou três meses no ano em que estão mais ocupados, nós funcionamos como resistência, uma maratona. Estamos sempre ocupados. Ou seja, o desgaste físico é imenso, não venham me dizer que não é. Agora eu acho que é positivo pois como somos avaliados continuamente, em cada módulo e no fim somos novamente avaliados, então temos que estudar as coisas duas , três ou quatro vezes.</p> <p>Aprende-se, eu acho, a lidar com o stress.(...) E penso que também desenvolvemos mecanismos de resistência. Começamos a desvalorizar os pormenores e valorizar o que é importante. Aprendemos a administrar o tempo. De facto não temos um a grande taxa de desistência no curso</p>
	Inserção na carreira	Nós somos Licenciados em Medicina, não somos médicos. Só quando fazemos o juramento da ordem passamos a médicos. Estamos no internato geral e fizemos o exame do internato específico que é um exame baseado num livro e que vai permitir a seriação dos alunos para a escolha da especialidade. Quando acabamos o curso de medicina, imediatamente estamos inscritos na ordem mas para exercermos temos que fazer este exame e para fazer este exame temos que estar inscritos na ordem. O exame é do Ministério da Saúde e serve apenas para a seriação. (...)o que eles exigem é memorização.

Unidade de Contexto – PE18

Categoria	Sub-categoria	Unidades de registo
Curso	Escolha	Sinceramente, sabia que era diferente mas, na verdade não sabia em que era diferente.
	Pressupostos	Acho que o facto de pensarem forma integrada de abordar as temáticas, os temas relacionados com as áreas médicas, sobretudo as mais clínicas (...) é o que eu considero o ponto forte do curso.
	Críticas	<p>[o pressuposto da integração] nem sempre é conseguido da melhor forma, porque a integração também não é muito fácil de fazer e há sempre assuntos que não estão propriamente interligados. Tem módulos que estão muito bem construídos e consegue-se estar sempre a falar do tema mas há algumas áreas que não são tão relacionadas, mas como também convém abordá-las, então a relação é um pouco mais forçada. E isto nos chateia um pouco porque temos que falar coisas que não tem nada a ver...coisas básicas demais...</p> <p>[método] {teria) muito a ganhar também com o método tradicional. Isto eu apontaria como sendo um ponto fraco. É um curso inovador, de com um método diferente de pensar. Mas é um método que é um pouco fechado na estrutura de fases, das fases de aprendizagem. É um método que acaba por ser inflexível, dentro de um método que teria a ganhar em ter, por vezes, uma aproximação ao método tradicional. Não na organização, porque acho que isto é um ponto forte, mas na abordagem das aulas, na forma como se dá as aulas para os alunos. Porque nem sempre é fácil aos alunos estarem no sistema de auto-aprendizagem. Por vezes, quando nós dominamos a linguagem, por exemplo, eu sei o que é uma veia, uma artéria...mas empiricamente ninguém sabe o que é o sistema nervoso cerebral, ninguém sabe o que é uma medula, um tálamo, um hipotálamo. São conceitos abstratos e, se calhar, nestas áreas que não são tão exploradas precisaríamos de uma aproximação deste método ao método tradicional, por exemplo com uma aula introdutória. Esta aula introdutória, de facto, existe: é a fase 1, mas não satisfaz completamente estes requisitos.</p> <p>[limitação método] Nós temos a fase um, geralmente temos um caso clínico de iniciação. Nem sempre isto é muito feliz . Porque nós sabemos que aquilo diz respeito ao módulo ou que aquele caso clínico vai encaixar na temática do módulo. Isto é um pouco limitante em termos pensamento porque não há pensamento nenhum! É uma evidência não é? Se estou num módulo que estou a dar fungos já sei que o caso apresentado estará relacionado com fungos...Se o caso clínico é uma pneumonia, que pode ser causada por tudo e mais alguma coisa.... mas se está no módulo de fungos já sei que aquela pneumonia será causada por fungos, porque o módulo é sobre aquilo!</p> <p>[rigidez do método] Há certos módulos em que precisaríamos de uma abordagem teórica ao estilo das aulas clássicas, ter um professor à nossa frente e nisso eu acho que o método é algo inflexível. Eu apontaria isto como um ponto mais fraco na escola...que o método é visto como demasiado perfeito. Não quero voltar para o sistema tradicional mas acho que poderia haver uma mescla. Nem oito nem oitenta. Num método que é novo, tem que ter a humildade de olhar para um método que é feito a sei lá quantos anos e que tem ótimos resultados pois estes profissionais são nossos próprios professores.(...) acho que o método em si, às vezes é olhado como demasiado perfeito.</p> <p>[rigidez do método] isto não quer dizer que eles não mudem e que o método não seja sempre reestruturado, longe disto. Porque o método é reestruturado ano após anos e muitas vezes com mudanças mesmo significativas. Mas são remodelações dentro daquele sistema.(...) Por exemplo, auto-aprendizagem: temos um calhamaço na frente. Quando dominamos a linguagem, é uma linguagem do dia a dia que já aprendemos no ciclo, é fácil. Mas quando não dominamos a linguagem, quando é um assunto completamente novo...aí é uma fase de stress. Neste caso seria bom uma aula teórica, de abertura, com conceitos básicos.</p> <p>[rigidez do método] O método tem que ser flexível.(...) temos o sistema de</p>

		<p>módulos, em que de quatro em cada quatro semanas temos um exame.(...) Por vezes eu acho que seria benéfico que estes módulos tivessem extensões mais variáveis para que não se juntassem em módulos que são mais curtos, coisas que não são tão diretamente relacionadas mas que, como tem que ser abordadas são metidas. Seria preferível se ficassem à parte e reunidas em outros módulos : módulos de outros assuntos. Porque se queremos fazer uma integração, na nossa cabeça isto já não faz sentido.(...)</p> <p>[horas curriculares] eu acho que é um curso que tem horas curriculares em demasia.(.....) é uma carga horária muito grande. Nós passamos muito tempo na escola. A maior parte dos dias da semana temos aulas das nove às seis.</p> <p>[método] De melhorar, eu penso que poderia se aproximar em relação ao modelo tradicional.</p> <p>[tempo] Em termos de tempo. Se o curso pudesse ser mais seletivo. Por exemplo, em termos de seminários. Por vezes os seminários são fantásticos, por vezes são zero. E temos vários fatores, temos o orador e temos uma coisa que eu acho que falha, que é o conhecimento do orador sobre o que nós sabemos (...)</p> <p>[Domínios Verticais] (...) poderia ser melhor aproveitada: uma área que temos, os Domínios Verticais.É uma área que foca temas que não são diretamente relacionados com a medicina. Eu acho que poderia funcionar para nós como uma lufada de ar fresco. Mas acho que não funciona assim, porque muitos dos que vão lá falar são médicos. Assim também é uma área limitada, com pouco créditos, poucas horas A gestão é complicada, os convidados vêm sem qualquer remuneração....tem muitas limitações. É uma área que eu acho que é importante porque é diferente.</p> <p>[Domínios Verticais] Temos uma vida tão restrita (...) nosso curso sempre nos exige tanto e pensarmos em outras coisas é importante. Eu acho que é uma área que deveria ser mais valorizada. Assim, os alunos também poderiam valorizar mais a própria área. Porque no geral os alunos não valorizam.</p> <p>[Domínios Verticais] Penso que o curso nos fecha muito os horizontes. Porque nós passamos a “medicalizar” tudo. E quando temos uma oportunidade de abordar um tema diferente, medicalizamos o tema.Os Domínios Verticais poderiam ser uma oportunidade de abrir. (...)Acho que não é possível generalizar o que eu disse, acho que é a minha perspectiva particular mas eu acho que esta área é como se fosse o parente pobre da medicina , só tem um crédito, são vinte e quatro horas, seria preciso investir mais na área.</p>
	Aspectos positivos	<p>[a integração] Eu acho que facilita muito a aprendizagem. (...) faz mais sentido para percebermos que o organismo não é uma estrutura estanque. Mas que as coisas são todas interligadas. Neste sentido este modo é mais feliz porque estimula o aluno a estruturar a forma de organizar o estudo e de pensar também no doente que um dia vai estar à sua frente. A forma de pensar as coisas já vai integrada desde o início. Não quero dizer que esta mensagem passe sempre, não é.</p> <p>[avaliação da aprendizagem contínua] Acho que eu me sinto mais confortável assim. Mesmo quando vou para um exame acho que é uma imensa matéria. Mas é a visão de quem nunca teve de outro modo.Mas temos uma coisa que é o exame integrado. Estou a acabar uma disciplina que eu comecei em setembro e vou ter exame integrado em início março.Neste exame eu vou dar praticamente toda a matéria que eu estou a estudar desde o início do ano. Isto é um exame muito mais puxado, em termos de quantidade de matéria do que qualquer exame que um aluno tenha em final de semestre.</p>
	Funcionament o módulos	<p>A fase um do módulo ou é um caso clínico, ou é uma exposição do que vai ser abordado.</p> <p>(...) a fase dois. O que isto engloba: fazemos aulas práticas, muitas laboratoriais .(...) às vezes eu acho que as aulas laboratoriais são por demasiado científicizadas.(...) No caso das aulas laboratoriais, vamos aos laboratórios, usamos as lâminas... portanto isto é o que é chamado auto-aprendizagem. Nesta</p>

		<p>auto-aprendizagem nós também temos aulas expositivas, também existe. Mas são com metodologias claras. O professor vem e explica, nós temos um texto de apoio, interagimos com o professor, temos que fazer uma preparação. A metodologia é variada, consoante as disciplinas e as áreas. Mas sempre baseada na auto-aprendizagem, tenho que ter a capacidade mental de ter a bibliografia à minha frente, e conseguir interagir com o professor e com os colegas.</p> <p>Temos então a fase três que é fase de partilha de conhecimentos. Temos um caso clínico. Os professores fazem perguntas.. às vezes o que é mais intimidatório mas obriga a regular e partilhar conhecimento.</p> <p>(...)a fase quatro é a única que é facultativa. É para esclarecimento de dúvidas. Pode haver uma aula marcada ou não. Por iniciativa do aluno que marca com o professor, para tirar dúvidas... Ela é altamente adaptada às necessidades dos alunos.</p> <p>(...) a fase cinco é avaliação.</p>
Alunos	Preparo para modelo	<p>Não é fácil responder esta pergunta. Nós temos uma coisa que é Introdução ao Curso de Medicina, que é a primeira área do curso. Agora, no meu ano eu achei que foi uma cadeira horrível. Porque a idéia é não só preparar-nos para a metodologia do curso (que e eu acho que esta deveria ser a essência e a principal preocupação daquela disciplina mas nem sempre é), procura dar-nos uns outros meios de trabalho que supostamente serão necessários no curso: estatística, conceitos laboratoriais e cada vez mais e mais conceitos bioquímicos. Conteúdos que são dados em outros cursos (de Medicina) como cadeiras normais. Eu acho que isto é um erro, embora eu não tenha experienciado isto mas os caloiros e os colegas do segundo ano já sentiram esta crescente importância que é dada à bioquímica, laboratório, estatística e não aos fundamentos de funcionamento do curso.</p> <p>(...) Se calhar eu vou até necessitar disto alguma vez na vida, mas se calhar era preferível neste ponto em que eu precisasse destes conceitos ter ajuda localizada(...) . Porque nunca mais utilizei aquilo, não vou me lembrar de nada, tenho meus apontamentos mas não vou me lembrar de mais nada.</p> <p>Existe um foco na metodologia mas não é fácil preparar os alunos para o que vem a seguir.(...) Para nós experienciarmos a metodologia do curso (.) A própria disciplina de introdução ao curso de medicina deveria funcionar como outra qualquer. E então os alunos não conseguem ter noção do que vai ser dali para a frente.</p> <p>Acabamos aprendendo o método é fazendo mesmo, mais adiante.</p> <p>Mas agora que estamos aqui há três anos temos muito mais facilidade, conseguimos estudar bem, nos adaptar bem e conseguimos aprender a lidar com a gestão do tempo.</p>
	Administração stress	<p>Eu acho que depende dos alunos. Acho que há alguns que são muito stressados por natureza, mas outros que conseguem se adaptar(...) Mesmo ao fim de três anos ainda há períodos de stress, Há em cada módulo, tenho umas duas semanas de stress preparando e estudando para o exame. E ainda há muita memorização no curso. Temos que memorizar muito.</p> <p>Tenho uma colega que disse : o curso nos passa mensagens contraditórias. Numa ele nos diz que médico devemos ser e noutra como é que vivemos enquanto estamos no curso. Temos vidas totalmente diferentes da que deveríamos ter enquanto o tipo de médicos que eles desejam formar. Não temos tempo para nada a não ser estudar.</p>
	Visão	<p>A maior parte dos alunos de medicina querem estudar apenas o que é referente à medicina. Isto é notório.</p>
	Escolhas profissionais	<p>Os alunos quando entram no curso, eu acho que eles não tem estabelecido que áreas querem fazer. Sabem que áreas é que não querem fazer.</p>

Unidade de Contexto – PE19

Categoria	Sub-categoria	Unidades de registo
Curso	Organização das aulas	Cada módulo está organizado em cinco fases.

		<p>Na primeira fase temos uma primeira aula com os professores e eles dizem o que vamos estudar. Dão-nos uma listagem de objetivos. Nesta fase um normalmente são os professores que fazem uma mini-apresentação, dão-nos os objetivos e umas referências bibliográficas que a gente usar.</p> <p>[fase dois] Depois como o modelo é baseado na auto aprendizagem , tudo o que o a gente vai aprender, vai depender muito do aluno. ... temos algumas aulas laboratoriais marcadas para fazermos experiências (...) Nós é que temos que correr atrás da matéria, o que não quer dizer que quando a gente tenha uma dúvida, não possa mandar um e-mail para os professores. Esta é uma grande diferença entre o modelo clássico, eu acho, e gosto muito disto.(...) Perguntamos e eles respondem, ou então eles dizem para irmos no gabinete deles para esclarecer as dúvidas.Eles nos ajudam em caso de dificuldade mas o grosso do trabalho tem que ser feito por nós. Esta é a fase dois , a fase em que a gente estuda.</p> <p>(...) a fase três, que é a fase em que nós nos juntamos com os professores em que temos aquilo que, se assemelha mais àquilo que no modelo clássico, são chamadas aulas teóricas. Porque é uma aula que é quase dada pelo professor, é suposto ser uma aula interactiva porque se pressupõem que tenhamos estudado ao longo daquela semana aquela matéria. É uma aula em que o professor vai fazer um resumo daquilo que é importante, daquilo que devíamos ter estudado.</p> <p>A fase quatro é basicamente aquela fase de revisão para o exame. Nós estudamos a matéria em casa, preparamos tudo (...) podemos ir ao laboratório (..) Ou de se tivermos dúvidas normalmente o professor está escalado no horário das aulas e podemos ir à escola e conversar com ele. É basicamente a fase de tira dúvidas.</p> <p>Depois deste período é a fase cinco que é de exame propriamente dito. Temos avaliação cada vez que termina um módulo. Nós normalmente temos exame de quatro em quatro semanas. Então praticamente não passa um único mês em que não tenhamos um exame. Fazemos um exame de cada módulo. E fazemos um exame final que é um exame integrado. Supostamente é um exame de integração, que não é tanto perguntar detalhes mas preservar aquela definição que é relevante e que vai ser útil futuramente na prática clínica. É feito com base mais em casos clínicos. É um exame que tem mais a ver com a prática, mais com a relação, não é uma coisa tão estática.</p>
	Qualidade da formação	Melhor não sei, é uma preparação diferente. Acho que é uma preparação mais virada para a prática, que é uma coisa que eu gosto.(...) não parece que haja uma grande discrepância em termos de conhecimentos, em termos de gestos clínicos, entre os outros e os que saíram daqui.
	Avaliação externa	<p>O idéia que eu tenho, noutros hospitais, por exemplo, no Porto, é que não é muito bem visto... Mas eu acho que é também um caso, ... de dor de cotovelo. (...) fui fazer estágio no Hospital S. João, no Porto, (...). E muito me custa, mas uma das coisas que eu não gostei a estar no hospital foi a forma... vens de Braga, ... aquilo é uma escolinha...não sei que, aquilo não é uma faculdade. Notar que muitas pessoas tinham preconceito em relação à Escola de Braga .</p> <p>[tenho] colegas, amigos meus que estão a tirar o curso no S. João e que me diziam ...eu tenho um professor que não passa quase uma aula sem mandar uma piada acerca do curso em Braga.</p> <p>(...) o meu orientador disse-me que, enquanto médico que já recebeu</p>

		<p>formados nas mais diversas universidades portuguesas, que achava que nós saíamos com uma formação melhor à das outras faculdades. (...) a idéia que eu tenho é que as pessoas ficam relativamente satisfeitas com o nosso desempenho.</p> <p>Temos uma Comissão Externa que estava acompanhando a faculdade.</p> <p>Os resultados dos exames nacionais para o Internato Específico já saíram. E os resultados foram bastante bons.</p>
	Aspectos positivos	<p>Eu gosto muito de ter um curso mais prático. De ter uma componente prática muito maior.</p> <p>Agora, acho que pode se começar a perder porque obviamente o aumento o número de vagas começa a aumentar...mas eu gostei muito de entrar para uma escola em que sentia-se, e ainda sinto, que éramos uma grande família. Os alunos não sentem o distanciamento (...) de ser os professores num nível e os alunos não se atreverem a falar com os professores. Nós estarmos à vontade com os professores, eles saberem o nosso nome, temos um convívio muito saudável, muito bom.</p> <p>(...) o terceiro aspecto positivo, apesar de ser mais trabalhoso do que o de outras faculdades, confesso que penso que o sistema baseado na auto-aprendizagem, acho que ajuda muito na auto-responsabilização das pessoas. A treinar as pessoas a procurarem a informação por si próprios, para estarmos habituados a isto... para sabermos nos desenrascar basicamente. Acho que acaba por ser muito bom para nós deixarem porque no fundo a nossa formação está sob nossa responsabilidade. Alguns dizem que aqui nós temos que trabalhar muito mais. Acho que é verdade, mas acho que também é bom em termos de formação.</p>
	Aspectos a melhorar	<p>Há alguns aspectos relativamente à parte clínica, à parte mais hospitalar, que deviam ser melhorados. Em termos de acompanhamento, digamos assim(...) também compreendo que, sem um hospital universitário, em termos de logística, o acompanhamento fica um bocado complicado(...) compreendo que neste momento não há muito mais o que se pode fazer.</p> <p>(...) tenho algumas ressalvas sobre o sistema de reprovação. Porque já vi alguns casos de colegas que... acho que algum azar a pessoa pode ter, e por causa disto ter um ano de trabalho todo em risco, (...) eu acho que deveria ser revisto. Acho que em algumas cadeiras não faz sentido passar à frente pois há pré-requisitos mas também acho que, se calhar, há situações em que não seria uma falha tão grave assim. Se chumbamos numa área, precisamos fazer novamente esta área curricular mas as outras não precisamos fazer, só se quisermos melhorar a nota. Mas precisamos repetir aquela em que se reprova e não se pode passar à frente. Penso que, se há cadeiras em que não faz sentido passar à frente, há outras em que eu acho que deveria ser mais maleável.</p> <p>Outro aspecto negativo (...) a carga horária que nós temos. Acho que em há situações em que, ou a carga horária teria que ser um bocadinho amudada, ou a duração dos módulos teria que ser um bocadinho aumentada. Porque nós temos módulos e matérias em que é realmente muito difícil a pessoa dar vazão. (...) mudar matérias de uma área para a outra, mudar a maneira como as matérias são dadas, reestruturar alguns módulos do curso, eu acho que não era uma má idéia.</p> <p>[mestrado integrado] Eu não sei se concordo muito. Nunca vi ninguém fazer uma tese de Mestrado em dois meses como nós vamos fazer. Há colegas que desde o começo gostam mais de investigação,</p>

		vão para o laboratório. Quando se começa a fazer um trabalho de investigação desde o segundo ou terceiro ano, pode ser um contínuo de trabalho. Pessoas como eu, que vão fazendo um trabalho diferente todos os anos, fazer um trabalho de mestrado em dois meses eu acho pouco.
	Avaliação interna	No final de cada ano, temos uma reunião com os professores que nós chamamos de Ponto da Situação, em que temos a oportunidade de dizer aquilo que achamos que correu bem ou mal naquelas áreas curriculares, o que nós achamos que deveria ser mudado, aquilo que não só tem ser mudado mas que tem que ser completamente mudado. Os professores aceitam bem porque acho que, desde que seja com respeito e com calma, há poucas coisas que não se possam dizer às pessoas. Há alguns dias atrás tivemos uma reunião com os professores em que eles nos deram um retorno, um feedback, do Ponto da Situação.
	Bolonha	Eu para ser sincera não estou tão informada como devia. Deveria estar mas não estou. Uma coisa que eu sei é que a carga horária do curso baixou... Esta questão de créditos, parece que baixou um bocadinho, por que passou a contar de uma maneira diferente.... (...) acho que Bolonha não mudou nada porque desde o princípio o nosso curso já atendia mais ou menos a questão de Bolonha. Portanto eu acho que de todos os cursos nós é que tivemos que fazer menos ajustes. Que eu saiba, acho que não mudamos grande coisa. A questão da auto-aprendizagem já existia no curso. Nós também temos o sexto ano, que é chamado o ano profissionalizante, que é um ano prático. Em termos disto, Bolonha não mexe grande coisa no curso. O que mudou é que o curso passou a ser medicina com mestrado integrado.
Alunos	Adaptação ao modelo	No princípio foi um bocado difícil. Porque eu, antes de entrar aqui em medicina já tinha ido na Universidade do Porto em Medicina Dentária e é um modelo que nós dizemos modelo clássico de ensino. De modo que quando eu vim para cá acho que eu trazia alguns dos vícios que os alunos trazem do modelo clássico, por isso foi um bocado difícil. (...) quando eu vim para cá, os primeiros meses foram de muita mudança... tínhamos aquela obrigação de irmos a todas as aulas, não podíamos faltar. Para mim também foi uma novidade ter os professores me tratavam pelo meu nome próprio, sabiam o meu nome porque no Porto é o professor aqui e o aluno lá... Outra coisa é que é temos um modelo baseado na auto-aprendizagem. Os professores apresentam: esta semana vamos falar sobre estes objetivos e nós temos que chegar ao final daquela semana e saber aquilo. Quer dizer, nós é que temos que procurar claro a informação. Claro que há algum material de apoio, mas nos primeiros tempos foi preciso aprender a deixar aqueles vícios que trazia do ensino clássico e começar a entrar no novo esquema. Depois que nós começamos a perceber como coisas funcionam, podemos nos organizar e não precisamos nos transformar em ratos de biblioteca e dá tempo para fazer outras coisas, fazer outras atividades extra-curriculares e ser uma pessoa, vamos dizer assim, normal. Mas até perceber isto e aprender a se organizar neste esquema curricular, custa um bocadinho. O nosso horário muda de semana para semana. Vai variando e nunca podemos nos comprometer com horários(...) . Eu o que faço é colocar som com musica e caminhar. Não vou ao ginásio mas faço atividade física. A partir do momento em que aprendemos a nos organizar...
	Administração do stress	Acho que sim. Há pessoas em que mais. Eu sou uma pessoa, não

		<p>digo exageradamente estressada, mas muito preocupada.</p> <p>Eu acho que ao longo do curso as pessoas vão aprendendo a gerir o stress. Mas gera, até porque nós , ao contrário das outras faculdades sabemos que qualquer falha, qualquer coisa que a gente deixe para trás, qualquer exame que a gente falha, pode significar repetir o ano. Nos outros cursos, se eu falhar num exame, fica uma cadeira para atrás e nós aqui não, sabemos que se chumbarmos, temos o ano todo em risco. Neste aspecto gera um bocado de stress.</p> <p>Outra coisa que eu acho que é diferente, e que, se calhar estressa os alunos, (...) Nós aqui, não é que não se possa faltar [aulas] até porque pelo Regulamento temos um X de aulas que podemos faltar mas como o modelo de ensino é diferente, mais baseado nos alunos, não convém que os alunos se desliguem tanto da universidade como nas outras faculdades. Nós temos aulas todos os dias das nove às quatro ou das nove às seis e o facto de termos que chegar à casa e ter que preparar uma aula para o dia seguinte, mesmo estando cansados mas temos que fazer... pode gerar um pouco de stress.</p> <p>Claro que uma dose de stress também faz sempre bem, não é?(..) Então um bocadinho de stress é um bocadinho saudável.</p>
	Escolha da área de especialização	<p>Gostei muito da área de medicina geral e familiar Acho que é uma especialidade muito importante , e que as pessoas tem como muito desprestigiada em Portugal. Eu não acho nada. Acho que o trabalho de um médico de família, se for bem feito, as pessoas no hospital ficam sem nada para fazer. Gosto também muito das áreas cirúrgicas. Mas vai depender, vai depender da nota do exame, das vagas que serão abertas em cada hospital para aquela especialidade. Depende de tanta coisa que eu prefiro não ter nada definido. Manter abertas as possibilidades.</p> <p>Eu sou sincera, eu gosto muito de cirurgia, mas se no ano em que eu concorrer só tiver uma vaga de cirurgia, vamos supor, no Algarve, e tiver uma vaga de medicina geral e familiar no Porto ou na área do Porto , eu prefiro ficar no Porto. Fico mais perto da minha casa. Uma vez houve um professor que nos disse :acho que o essencial é vocês terem idéia daquilo que não gostam mesmo.</p> <p>(...) há pessoas que podem entrar na especialidade, com uma idéia e depois ver que não é o que querem. Mas para mudar de área a pessoa tem que repetir aquele exame. O exame é nacional, tiramos uma nota e depois sai uma ordem de seriação...</p> <p>(...) o sistema de definição das vagas dos exames é assim: quando faltam médicos em medicina familiar ou em medicina interna, por exemplo, decide-se fechar vagas nas outras áreas e abrir nestas para obrigar o pessoal a ir para estas. O Ministério é quem decide as vagas. É assim, fazemos os exames e depois que escolhemos a especialidade, todos os alunos tem que ficar colocados. Temos que ficar até o final daquele ano, temos que ocupar aquela vaga até o final do ano. Se quisermos trocar temos que esperar o final do ano e fazer outro exame para concorrer de novo.</p>

Unidade de Contexto – PE20

Categoria	Sub-categoria	Unidades de registo
Curso	Características	As características principais que eu acho que divergem dos outros cursos é que o modelo do ensino é centrado no aluno. Tudo o que se faz no curso é centrado no aluno. (...) é o aluno que tem que procurar a informação, (...) também temos aulas teóricas, mas a maior parte das vezes somos nós que temos que procurar. Dão-nos objetivos de aprendizagem e nós temos que procurar a informação para satisfazermos estes objetivos. (...) Dão-nos

		<p>bibliografia para lermos antes das aulas e para lermos os assuntos e estarmos prepararmos para discutir.</p> <p>[além de trabalhar nos hospitais] ... também vamos para os Centros de Saúde e isto é importante porque adquirimos uma visão mais alargada. Pois o Hospital está mais centrado na doença e no doente e nos Centros de Saúde é uma visão mais alargada- no doente e na família. Trata-se não só o doente mas a família inteira.</p>
	Avaliação interna	<p>Sim, no final de cada módulo, recebemos umas folhas para avaliar os docentes e no final de cada aula avaliamos como foi a aula. É um questionário com posições de 0 a 6. Acho que resulta em alguma coisa pois se a aula foi muito mal avaliada, há um tratamento estatístico dos dados e é divulgado... conhecemos o resultado. Também, uma vez por ano há uma ocasião em que temos contato direto com os docentes e avaliamos o ano anterior. Chama-se Ponto da Situação. Podemos dizer o que gostamos e o que entendemos que deve ser melhorado. Reunimos as idéias para depois discutir com os professores.</p>
	Relação com professores	<p>(...) no geral é uma relação muito próxima.</p>
	Avaliação externa	<p>É uma pergunta difícil. Porque as informações que tenho são bastante contraditórias. Há quem diga que forma melhor e há quem diga que, apesar de inovador, não traz os benefícios que diz trazer. Em minha opinião, acho que este curso é bem visto e acho que há até um bocadinho de inveja em relação ao curso que está sendo bastante bem avaliado por comissões externas.</p>
	Aspectos positivos	<ol style="list-style-type: none"> a) o fato de ser centrado no aluno, penso que é um ponto positivo. Porque obriga-nos a procurar a informação. Aprender como é que se procura a informação é importante. b) a equipe docente é muito boa e procura aperfeiçoar-se todo o dia. Aquelas situações que falei, de avaliação, que busca a melhoria são muito importantes. Existe uma avaliação dos alunos e uma avaliação dos docentes pelos alunos, que é muito importante. c) o componente prático do curso - de clínica, que é muito importante para a nossa formação. Quando vamos para o hospital somos alunos por médico. Nas universidades clássicas, vão 20 alunos por médico.No sexto ano é um aluno por médico. d) outro ponto positivo são as oficinas de comunicação que tivemos. Ajudam-nos a desenvolver competências de comunicação com os docentes e com outras pessoas. e) nos Domínios Verticais tratamos de outros assuntos que não são restritos à formação médica mas que se referem à formação humana do médico.(...) Temos contacto com a poesia, com cinema, literatura, história da medicina. Há alunos que gostam e outros não. Depende do tema que é tratado.
	Aspectos a melhorar	<ol style="list-style-type: none"> a) carga horária – menos carga horária , o que é muito difícil – conseguir conciliar a formação necessária com menos horas de trabalho. b) a nossa distribuição entre os hospitais – Como não há um Hospital Universitário, muitos vão para a periferia. Isto significa além do tempo, mais despesas de transporte.
	Bolonha	<p>O que acho que Bolonha trouxe ao nosso curso foi uma redução da carga horária. (...) Nada mudou porque o curso já estava preparado para Bolonha. Foi introduzido o Mestrado Integrado. Ao final do terceiro ano o aluno vai receber uma Licenciatura que na verdade não habilita para nada e depois, no sexto ano tem que fazer uma espécie de tese e terá equivalência do mestrado.O material desta tese terá origem no projeto de opção que o aluno faz a cada ano.</p>
Alunos	Preparo para o modelo	<p>Existe um módulo, o primeiro módulo quando nós entramos cá que se chama Introdução ao Estudo da Medicina.(...) neste módulo é-nos explicado mais ou menos como é que o curso funciona.(...) E neste módulo eles tentam-nos preparar como é a organização do próprio curso, quais são os objetivos, quais é que terão que ser as nossas competências e o que eles esperam de nós . O objetivo é discutir isto.</p>

	Necessidade de preparo prévio	[preparar assuntos antes] Nem sempre a gente consegue... muitas vezes não se consegue...é muita carga de trabalho. Tem que ser preparado fora da carga horária das aulas da universidade e temos aulas todos os dias das nove às cinco e meia. Temos que preparar depois das aulas. (...) também nos pedem para fazer é ter que preparar assuntos e apresentar para os nossos colegas. Isto é difícil, no início tinha muita dificuldade em falar, eram meus colegas mas, mesmo assim eu tinha muita dificuldade de expor oralmente. Confesso que ainda tenho dificuldades mas, comparado com o que era no início. Mas acho que é importante porque um médico, tem que saber comunicar.
	Excesso de trabalho	(...) em contacto com colegas de outros cursos clássicos , parece que este curso é mais trabalhoso. Não no sentido de conteúdo mas, como temos uma vertente muito clínica e muito prática, precisamos de tempo para aprofundar as matérias teóricas, preparar as aulas . O nosso tempo pessoal fica bastante reduzido. (...) o trabalho que o curso dá nos tira muito tempo de estarmos com outras pessoas. Com nossos amigos...com colegas. O que seria importante. Mas não há tempo para tudo. Este é um curso que impõe muito stress. Pessoalmente eu não tenho muita dificuldade em lidar com o stress. Mas há pessoas que não conseguem. Há apoio e ajuda quando é preciso. Não sei se há muitos problemas pois as pessoas que tem estes problemas preferem a discrição e muitas vezes não recorrem a ajuda.

Unidade de Contexto – PE21

Categoria	Sub-categoria	Unidades de registo
Curso	Características antigo e novo	<p>Entre há dois anos. Em setembro de 2005 entramos e, na altura era o primeiro ano de uma Licenciatura que teria 4 anos mais o estágio, ou seja, de 5 anos. Mas, já no segundo semestre, março ou abril, o Diretor do Curso veio falar conosco e quando voltamos no segundo ano, em setembro de 2006, já tivemos um segundo ano completamente remodelado em termos de práticas, de metodologias.</p> <p>Eu pessoalmente dou muito valor ao conhecimento teórico, só consigo ir para a prática se tiver um bom fio condutor. E este fio condutor perdeu muita força com Bolonha, acho eu. Temos agora apenas uma hora de aula teórica e então os professores falam muito ao largo das coisas, nem temos tanto aprofundamento dos autores. E destas dificuldades todas, pelo menos o pessoal da minha turma e do curso, o que tenho ouvido é criticar Bolonha, não gostar Bolonha e dizer, mais valia termos ficado no plano antigo..</p>
	Metodologias antigo	[curso antigo] O nosso curso sempre foi muito prático.(...) E o nosso era muito mais presencial, muito mais à base de trabalhos escritos. Mesmo antes da mudança para Bolonha sempre tínhamos que ter pelo menos um trabalho, uma forte componente prática. A cada disciplina, tínhamos que ir, por exemplo, para uma instituição e caracterizá-la muito bem. Só que depois tínhamos também um exame ao final para avaliar o conteúdo teórico.
	Metodologias novo	<p>[curso novo] Isso agora já não acontece tanto, o conteúdo teórico é logo redirecionado para a prática. Daí que tivemos alguma dificuldade no início. Principalmente em adaptar tantos trabalhos, porque o trabalho prático passou a ser mais freqüente, então é mais complicado gerir o tempo. O curso de Educação teve esta vantagem pois já estava mais ou menos habituado a esta componente prática. A transição não foi tão brusca como muitos colegas de outros cursos dizem.</p> <p>A mudança então, não foi tão brusca no nosso contexto não. Se bem que os professores ainda continuam agarrados às metodologias antigas. Principalmente no ano passado eles estavam ainda mais, este ano já mudaram um pouco. Isto também é um processo para eles.(...) . O sistema é a aula teórica em que o professor dá o conteúdo desta disciplina ou unidade curricular e as aulas teórico-práticas nas quais os professores tentam dinamizar alguma coisa ou tentam adaptar o conteúdo que falamos na teórica em contexto com a realidade. Ou vamos contactar com alguma instituição e trazemos a informação da instituição e caracterizamos, discutimos tendo em conta aquilo que vamos falando nas aulas. Esta componente teórico-prática aumentou.</p>

		<p>Especialmente o peso da avaliação desta parte [prática] aumentou. Em vez de ser trabalhos 50% e exames 50%, como muitas vezes, ou exame 60% e trabalho 40%, temos agora um trabalho de grupo a valer 60% e um trabalho individual valer 40% .</p> <p>(...) noto muita diferença e no ano passado notou-se muita diferença em relação ao acompanhamento. Porque Bolonha pressupõe que nós sejamos bastante mais autónomos. Só que ao mesmo tempo sentimos aquela falta, por um lado de conhecimento teórico forte que perdeu algum peso aí, que nos desse aquele suporte, aquele fio condutor(...) os professores todas as aulas perguntavam como estava o trabalho, e agora, embora supervisionem e apóiem muito bem... ao mesmo tempo eles agora deixam-nos fazer.</p>
	Competências profissionais	<p>Acho que altera porque antigamente uma Licenciatura tinha cinco anos e nós tínhamos autonomia para gerir os nossos próprios projetos no mercado de trabalho.(...) Hoje em dia com estes três anos houve uma certa desvalorização dos diplomas. É uma consequência direta de Bolonha também. Hoje em dia uma Licenciatura já é algo banal.</p>
	Necessidade mestrado	<p>Os alunos agora com três anos não tem as mesmas competências que teriam um aluno de Licenciatura com 5 anos. Apesar dos professores terem se esforçado e trazer para as licenciaturas as disciplinas que fossem importantes. Penso que é quase impensável não fazer o Mestrado, assim logo direto. Eu pelo menos estou pensando em fazer o Mestrado e depois ir para o mercado de trabalho mais consciente.</p> <p>Ao desvalorizar os diplomas nós somos obrigados a ter que estudar em mais um grau superior para ter o mesmo valor no mercado de trabalho. Uma Licenciatura hoje em dia acaba por não ter o mesmo valor que tinha há dez anos atrás. Portanto temos que pensar no Mestrado e talvez até no Doutoramento como uma realidade muito próxima.</p>
	Aspectos positivos	<p>A fácil adaptabilidade do curso. É um curso que se adapta muito bem a todas as realidades possíveis. Os licenciados em educação podem trabalhar em coisas extremamente diversificadas, completamente diferentes.</p> <p>Outro aspecto positivo é o forte componente investigativa do nosso curso. Temos uma forte componente de investigação. Seja por inquérito, seja por contacto com as pessoas, por entrevistas...ou até por investigação bibliográfica.</p> <p>Um terceiro ainda. Eu acho que a educação é tudo. Eu acredito muito na educação, por isto é que estou nesta área. Acho que a Educação é o futuro e que só um país que tenha um forte componente em educação é que poderá viver nesta economia global. (...) E por isso a educação em geral e o curso de Licenciatura em Educação, em particular, é muito importante.</p>
	Aspectos negativos	<p>[a adaptabilidade] É positivo e negativo. Por um lado é mais fácil arranjar emprego, ou melhor porque podemos procurar empregos num leque maior de alternativas, podemos procurar mais as nossas vantagens e nossos gostos mas ao mesmo tempo é negativo porque há cursos muito mais especializados e que as empresas podem preferir.</p> <p>[a educação] Em Portugal ainda não cresceu muito, e este é um aspecto negativo, ainda é muito desconhecido. Mas eu creio que nos próximos ano vai crescer, porque a nível de União Européia e, particularmente em Portugal uma das apostas deste governo é exatamente a qualificação das pessoas, a formação das pessoas.</p> <p>Mas o maior aspecto negativo do nosso curso, eu penso, e sinto isso...agora já não ligo mais como no primeiro ano, é o total desconhecimento que as pessoas tem do nosso curso.(...) É um curso que é pouco valorizado pelas pessoas e isso, para pessoas com problemas de motivação, é um bocadinho complicado. É um curso que as pessoas tendem a desvalorizar e a dar pouca importância. E pelo seu grande desconhecimento, temos um papel grande a realizar mas é ainda desconhecido pelas pessoas, como medicina é, por exemplo. (...) Ao mesmo tempo em que não há muito conhecimento da sociedade, já há muita concorrência para a entrada em nosso curso</p>
	Avaliação	<p>Somos considerados a melhor Licenciatura em Educação em Portugal. Existem</p>

	externa	outros chamados de Ciências da Educação mas que podem ser comparadas. Numa comparação que fizeram, penso que em 2005, fomos considerados os melhores.
Bolonha	Visão	<p>(...) sou um pouco crítico. Temos estudado muito isto, em aulas de Políticas Educativas. Temos aprendido a ter algum sentido crítico em relação a tudo isto. A essência de Bolonha, é inegável que tem muitos aspectos e interesses económicos por trás. A nível europeu e a nível mundial, por causa do mundo global em que vivemos...</p> <p>Os EUA, por exemplo, são líderes em termos de ensino superior e os rankings são uma forma de mostrar isto muito bem. (..) Creio que a Europa, no sentido de se impor mais no mundo e de aumentar a sua competitividade está a tentar criar um espaço europeu de ensino superior e ao criar diplomados que tenham diplomas facilmente adaptáveis a vários contextos da Europa será mais fácil haver troca de conhecimento, e as as pessoas vão poder viajar mais facilmente. Não quero dizer que Bolonha seja só por causa disto, acho que Bolonha tem aspectos muito bons. Tem aspectos bons e maus.</p>
		<p>Acho que é inegável que há interesses económicos subjacentes a toda esta prática. O que não quero é que a educação perca com isto. Porque se pode estar a educar para a competitividade em vez de estar a educar para a formação dos indivíduos.</p> <p>De outro lado tem os tais interesses económicos subjacentes. Para nós, como alunos a implementação do processo pode não ser boa. Primeiro, foi decidida no nível da União Européia mas como a Europa é culturalmente muito rica , multifacetada, muitas assimetrias em termos culturais entre os países. Portanto criar um espaço europeu de ensino superior igual para todos, não sei se calhar é uma boa idéia ou se é melhor adaptar a cada país, ou pelo menos a cada conjunto de regiões. Criou-se uma meta de estarem até 2010, todas as universidades ligadas a este processo.</p>
	Aspectos positivos	<p>(...) Bolonha tem também uma parte muito boa, que é a de podemos viajar, nos adaptar a diferentes contextos sem estar preocupado com as equivalências.</p> <p>Bolonha é importante porque nos dá um sentido mais prático das coisas, uma maior interação com a realidade. Somos mais autónomos... nós não estamos muito habituados, devido a 13 ou 14 anos de escola em que sempre andavam encima de nós a mandar nos fazer isto ou aquilo, não estamos habituados a ser nós, a ter que pensar...mas isto aumenta a nossa responsabilidade. E Bolonha por isto é muito bom, aumenta a nossa autonomia, o nosso gosto, temos mais liberdade, no fundo, mas, ao mesmo tempo podemos viajar facilmente.</p>
	Na Uminho	<p>A Universidade do Minho, bem ou mal, tem aspectos positivos e negativos, quis ser pioneira e tratou logo do assunto. E fez logo uma reconversão direta, em vez de fazer as etapas - enquanto acabava uns iam entrando outros em Bolonha . A maior parte dos cursos foi assim.</p> <p>(...) foi uma passagem muito abrupta e que trouxe algumas dificuldades para todos. Mesmo para os professores, não sabiam muito bem o que pedir, não sabiam que trabalhos pedir e então pediram muita coisa. E mesmo para nós, não estávamos habituados a ter que ser nós a procurar tudo e sem ter os professores a facultar alguma coisa.</p>
	Financiamento	Sobre o aumento das propinas...também é uma realidade que eu tenho seguido bem de perto. (...) uma das principais preocupações que temos tido, já desde o ano passado, é a do financiamento dos mestrados. A nível das Licenciaturas há sempre as bolsas mesmo que já tenhamos discursos de que vão acabar. Mas para já estão garantidas. Mas para os Mestrados nunca nos disseram diretamente que estão garantidas.(...) Muita gente desistiria se não tivesse financiamento.
Aluno	Como estuda	Me organizo desde o início. Logo com um grupo de pessoas com as quais nos damos bem e que trabalhamos bem em grupo, que é para organizar desde cedo os trabalhos em grupo, e não ter problemas com os trabalhos em grupo porque a componente avaliativa destes trabalhos é muito forte. E para depois também estarmos descansados, uma vez estes estando prontos, para fazer os trabalhos individuais.
	Trabalhos em grupo	Essencialmente fora da sala de aula. Sou só estudante mas temos uma parte significativa da turma de alunos que são chamados trabalhadores estudantes, em torno de 15% a 20%. Muitos já tem família e vieram estudar agora e outros estão

		a estudar e para se sustentar, tem uma atividade. É difícil com esta dinâmica toda de trabalhos
	Excesso de trabalho	Os colegas do curso se queixam do conjunto de trabalhos, principalmente nesta altura, que é a de entrega e os detalhes finais, ou a maior parte do trabalho fica para o final. O pessoal queixa-se muito, já está cansado.
	Áreas de atuação profissional	Trabalham em Câmaras Municipais, a gerir projetos de intervenção comunitária, ou a gerir formações. Vão para empresas de formação, de consultoria de formação - ou são eles a dar formação ou são os coordenadores de formação, e arranjam formadores, avaliam, elaboram programas ou encabeçam as próprias equipas pedagógicas. Atuam no setor privado ou público.

Unidade de Contexto – PE22

Categoria	Sub-categoria	Unidades de registo
Curso	Características	Esta é a principal diferença, Bolonha é avaliação contínua dos alunos, Se não passar na avaliação contínua não vai para exames. São trabalhos, são Menem testes... Temos mais trabalhos práticos, temos que apresentar mais trabalhos, trabalhos em grupo. As aulas não são tão teóricas embora ainda haja muitas aulas teóricas. São mais práticas, mais trabalhos. Trabalhamos em sala de aula em grupos, na parte teórico-prática. Nas teóricas estamos todos juntos. Nas teórico práticas é em grupo.
	Conhecimento sobre o curso	Quando eu falo às pessoas que estou no curso de Educação, as pessoas dizem que isto é para o desemprego. Pensam que é para ser professor. As pessoas não tem conhecimento sobre o que é o curso, sobre o que curso quer dizer, sobre o que nós vamos fazer, qual é o trabalho que nós vamos fazer. Só quando eu falo que é na área de Recursos Humanos é que eles entendem.
	Trabalhos em grupo	(...) há pessoas que trabalham mais do que outras e então às vezes as notas ... o professor não tem condições de saber quem trabalhou mais e aí, no caso das notas é um bocado injusto. Os que trabalharam menos vão ter as mesmas notas de quem trabalhou mais.
	Avaliação	Temos notas individuais e notas de trabalhos em grupo mas as do trabalho em grupo valem sempre mais. As do trabalho em grupo podem ter uma diferença de valores em relação ao trabalho individual. Não são notas equivalentes.
	Preparo para o modelo novo	Não, não tivemos orientação pois em muitos casos eles não sabem bem o que é Bolonha, ainda está um bocado... eles chamam de testes mas às vezes chamam de exame..... Acho que com o tempo é que vamos percebendo mais o que é Bolonha.
	Aspectos positivos	A relação entre os professores e alunos que eu acho que é espetacular. Também acho que é um curso que é apoiado, os alunos são apoiados. Quando precisamos de alguma coisa, o Diretor do Curso nos apóia muito, está sempre disponível. Ouve os alunos, atende o que precisamos, sempre que possível. Também acho que é um curso que não tem muita gente e isto é um aspecto positivo. Podemos conhece-se mais, os contactos são mais próximos e podemos conhecer muitas pessoas.
	Aspectos negativos	Um aspecto que eu acho que poderia melhorar é a avaliação. O método de apresentação e de entrega de trabalhos eu acho que poderia melhorar. E talvez o curso pudesse ser mais prático em termos de trabalho. Temos muita teoria mas na prática não sabemos muito bem o que vamos fazer. E outra coisa que nós não temos é o estágio no terceiro ano e acho que isto é uma falha. Perguntamos aos professores o que é que nós vamos fazer, mas não temos uma resposta muito concreta, muito segura (...) Temos que escolher no terceiro ano em que área queremos fazer mas não temos muitas informações.

	Necessidade do mestrado	Pretendo fazer o mestrado porque para conseguir emprego é mais fácil. Quem não tem conhecimentos hoje é mais difícil. Atualmente com o desemprego que está é muito difícil. No mestrado pretendo entrar na área de recursos humanos também , para ter uma idéia mais concreta do que é, do que vou fazer, porque agora ainda não sei.
Alunos	Como estuda	Vou à internet, vejo livros, vou à biblioteca buscar livros. Depende das cadeiras... Tenho algumas anotações do professor, ou pergunto aos meus colegas para fazermos em conjunto. Em casa faço a parte do trabalho formal. Em geral sou eu que faço, normalmente, os trabalhos no computador. Recebo dos meus colegas a parte que eles fizeram. Dividimos o trabalho porque nem sempre dá para trabalhar tudo junto. Quando tem que estudar estudo. Gosto mais de estudar à tarde do que à noite. Vamos à biblioteca muitas vezes... vemos quais são as dificuldades de cada um.(...) Para as provas faço resumos. Mesmo que tenha no caderno tudo direitinho tenho que escrever. Nem que seja imensa a matéria , gosto mesmo de escrever resumos porque à medida em que vou escrevendo vou decorando e me acontece muitas vezes de estar numa exame, vou me lembrando que o assunto estava escrito naquela página, assim... tenho que passar tudo a limpo.
	Exigência de trabalho	É muito exaustivo, temos muitos trabalhos. Mas, por outro lado não temos que ficar um mês ou dois plantados em casa para estudar para os exames. É um trabalho gradual e neste sentido é positivo. Embora dá muito mais trabalho do que estudar para um exame, é melhor o trabalho contínuo porque não temos que ficar em casa.
Bolonha	Informações	No início, quando entrei no primeiro ano, o prof. Eugênio nos deu algumas explicações sobre este assunto. Mas agora não temos mais. As pessoas dizem que uma coisa ou outra tem que ser assim por causa do Tratado de Bolonha. O que temos visto é que na avaliação é que se fala mais sobre isto. Temos informações sobre o que mudou, o que é imperativo. Mas nunca nos questionamos, será que tem que ser assim...os prós e os contras... só sabemos que algumas coisas são assim porque...por causa de Bolonha. O que eu acho é que antes nós éramos avaliados por algum momento, num exame.(...) Acho isto um bocado injusto enquanto que com Bolonha isto muda, há certas injustiças que vão acabar. Antes a frequência não era obrigatória, muitos alunos não sabiam que eram colegas uns dos outros. Só se viam uma semana antes das provas... agora não . Agora a frequência é obrigatória nas aulas teórico –práticas, nas teóricas não, são dispensadas pela lei.